

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**PRODUTIVIDADE LEXICAL EM TEMPOS DE CRISE
SANITÁRIA: UM ESTUDO SOBRE AS FORMAÇÕES
NEOLÓGICAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

JAIRO DA SILVA

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2026

PRODUTIVIDADE LEXICAL EM TEMPOS DE CRISE SANITÁRIA: UM ESTUDO
SOBRE AS FORMAÇÕES NEOLÓGICAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Jairo da Silva

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientador: Prof. Doutor Carlos Alexandre Gonçalves

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2026

PRODUTIVIDADE LEXICAL EM TEMPOS DE CRISE SANITÁRIA: UM ESTUDO
SOBRE AS FORMAÇÕES NEOLÓGICAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Jairo da Silva

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

Presidente, Prof. Doutor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves - UFRJ
Orientador

Prof. Doutor Vitor de Moura Vivas - IFRJ

Prof. Doutor Alexandre Batista da Silva - UERJ

Prof. Doutor Carlos Gustavo Camilo Pereira - UERJ

Prof. Doutor –Natal Almeida Simões Neto - UFBA

Profª. Doutora Maria Lúcia Leitão de Almeida - UFRJ, Suplente

Profª. Doutora Kátia Emmerick Andrade - UFRRJ, Suplente

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2026

CIP - Catalogação na Publicação

S586p Silva, Jairo
Produtividade lexical em tempos de crise
sanitária: um estudo sobre as formações neológicas
durante a pandemia da covid-19 / Jairo Silva. --
Rio de Janeiro, 2026.
201 f.

Orientador: Carlos Alexandre Victório Gonçalves.
Tese(doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Letras (Letras Vernáculas), 2026.

1. Neologismos. 2. Processos de formação de
palavras. 3. Pandemia da covid-19. 4. Lexicografia.
I. Victório Gonçalves, Carlos Alexandre, orient. II.
Título.

Dedicatória

Para Pâmela Silva, meu amor, cujo
companherismo e afeto fizeram suaves os
solavancos do percurso.

Para Bruno Silva, minha maior motivação.

Para Carlos Alexandre Vitório Gonçalves, mestre
brilhante, por me apontar os caminhos da
reflexão linguística.

epígrafe

The simple truth is that all languages change, all the time — the only static languages
are dead ones.”

— **Guy Deutscher**

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Carlos Alexandre Gonçalves, expresso minha mais profunda gratidão. Seu brilhantismo e competência inefáveis foram fundamentais para minha formação; agradeço não apenas pela orientação segura e paciente, mas pelo exemplo humano e profissional que inspira este trabalho. Seu constante incentivo e interesse no meu progresso foram o alicerce necessário para que esta pesquisa se concretizasse.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ, pela excelência no ensino e pelas valiosas contribuições que impulsionaram meu crescimento acadêmico e intelectual.

Aos funcionários do curso de pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, pela presteza, dedicação e pelo auxílio indispensável no cotidiano administrativo.

A Juliana Félix Rego, pelas conversas teóricas instrutivas, pela amizade valiosa e pelo encorajamento constante, elementos que contribuíram significativamente para as conquistas dos últimos anos.

À minha família, alicerce inabalável de toda a minha trajetória, sem o qual nenhuma conquista seria possível.

A Pâmela Silva, pelo carinho, pela inspiração e, sobretudo, pela compreensão e complacência demonstradas nos momentos mais desafiadores desta jornada. Sua presença foi o alento necessário para concluir este ciclo.

RESUMO

PRODUTIVIDADE LEXICAL EM TEMPOS DE CRISE SANITÁRIA: UM ESTUDO SOBRE AS FORMAÇÕES NEOLÓGICAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Jairo da Silva

Orientador: Prof. Doutor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves.

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Esta tese analisa as criações lexicais do português difundidas entre março de 2020 e dezembro de 2022, período da pandemia de Covid-19. O objetivo é identificar os processos de formação de palavras mais produtivos nesse cenário, partindo do pressuposto de que o léxico reflete transformações sociais intensas e a relação entre mudança linguística e práticas socioculturais. A análise morfológica baseia-se em autores como Basílio (1987), Alves (1990) e Gonçalves (2016), que abordam a produtividade lexical não apenas sob a ótica de regras formais, mas também com base em padrões de uso e motivações semântico-discursivas. A metodologia segue os princípios de Bugueño Miranda e Farias (2011) para a elaboração lexicográfica, utilizando um *corpus* composto por textos jornalísticos, mensagens de redes sociais e documentos institucionais. A partir desses dados, foram selecionados neologismos e elaborados verbetes que detalham seus processos de formação. Os resultados destacam as criações neológicas formadas por derivação sufixal, composição, empréstimos do inglês e formação de unidades complexas híbridas, frequentemente motivadas por padrões metonímicos e metafóricos. Observou-se, ainda, que o cruzamento vocabular, tradicionalmente tratado como idiossincrático e pouco produtivo, apresentou recorrência comparável à da derivação sufixal, o que evidencia a necessidade de revisão dos critérios morfêmicos tradicionais de produtividade. Por fim, constatou-se que fatores sociais e culturais desempenharam papel central no surgimento, na difusão e na estabilização dessas inovações lexicais.

Palavras-chave: Neologismos; Processos de formação; Pandemia da Covid-19; Lexicografia.

ABSTRACT

LEXICAL PRODUCTIVITY IN TIMES OF HEALTH CRISIS: A STUDY ON NEOLOGICAL FORMATIONS DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Jairo da Silva

Orientador: Prof. Doutor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves.

Abstract da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

This thesis analyzes Portuguese lexical creations disseminated between March 2020 and December 2022, during the COVID-19 pandemic. The objective is to identify the most productive word-formation processes in this scenario, based on the premise that the lexicon reflects intense social transformations and the relationship between linguistic change and sociocultural practices. The morphological analysis is grounded in authors such as Basílio (1987), Alves (1990), and Gonçalves (2016), who approach lexical productivity through formal rules, usage patterns, and semantic-discursive motivations. The methodology follows the principles of Bugueño Miranda and Farias (2011) for lexicographical development, utilizing a *corpus* of journalistic texts, social media posts, and institutional documents. From these data, neologisms were selected and dictionary entries were created to detail their respective formation processes. The results highlight neological creations formed by suffixal derivation, composition, English loanwords, and complex hybrid units, frequently motivated by metonymic and metaphorical patterns. It was further observed that blending, traditionally treated as idiosyncratic and low-productivity, showed a recurrence comparable to suffixal derivation, highlighting the need to revise traditional morphemic criteria for productivity. Finally, the study confirms that social and cultural factors played a central role in the emergence, diffusion, and stabilization of these lexical innovations.

Keywords: Neologisms. Word formation. COVID-19 pandemic. Lexicography.

RESUMEN

PRODUCTIVIDAD LÉXICA EN TIEMPOS DE CRISIS SANITARIA: UN ESTUDIO SOBRE LAS FORMACIONES NEOLÓGICAS DURANTE LA PANDEMIA DE COVID-19

Jairo da Silva

Orientador: Prof. Doutor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves.

Resumen da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Esta tesis analiza las creaciones léxicas del portugués difundidas entre marzo de 2020 y diciembre de 2022, periodo de la pandemia de Covid-19. El objetivo es identificar los procesos de formación de palabras más productivos en este escenario, partiendo del presupuesto de que el léxico refleja transformaciones sociales intensas y la relación entre el cambio lingüístico y las prácticas socioculturales. El análisis morfológico se basa en autores como Basílio (1987), Alves (1990) y Gonçalves (2016), quienes abordan la productividad léxica no solo bajo la óptica de reglas formales, sino también con base en patrones de uso y motivaciones semántico-discursivas. La metodología sigue los principios de Bugueño Miranda y Farias (2011) para la elaboración lexicográfica, utilizando un *corpus* compuesto por textos periodísticos, redes sociales y documentos institucionales. A partir de estos datos, se seleccionaron neologismos y se elaboraron artículos lexicográficos que detallan sus respectivos procesos de formación. Los resultados destacan las creaciones neológicas formadas por derivación sufijal, composición, préstamos del inglés y formación de unidades complejas híbridas, frecuentemente motivadas por patrones metonímicos y metafóricos. Se observó, además, que el cruce léxico (*blending*), tradicionalmente tratado como idiosincrásico y poco productivo, presentó una recurrencia comparable a la de la derivación sufijal, lo que evidencia la necesidad de revisar los criterios morféminos tradicionales de productividad. Finalmente, se constató que los factores sociales y culturales desempeñaron un papel central en el surgimiento, difusión y estabilización de estas innovaciones léxicas.

Palabras clave: Neologismos; Procesos de formación; Pandemia de Covid-19; Lexicografía.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Logomarca do aplicativo de reuniões virtuais “zoom”.....	57
Figura 2	Tranca rua como alternativa a lockdown.....	67
Figura 3	Registro da forma alquingel.....	73
Figura 4	Formato em coroa do vírus da covid-19.....	78
Figura 5	Registro da forma antivacina.....	92
Figura 6	100% jacarizado.....	96
Figura 7	Eficácia da vacina: 78%.....	97
Figura 8	Correspondência jacarizado – imunizado.....	97
Figura 9	Tirinha “As aventuras de Quarentina e Alquingel”.....	102
Figura 10	Quarentina no feriadão.....	103
Figura 11	Importância do distanciamento social.....	105
Figura 12	Fadiga da pandemia – infográfico.....	108
Figura 13	Fadiga pandêmica – evento acadêmico.....	109
Figura 14	Equivalência jacaré – vacinado.....	115
Figura 15	Coronaburger.....	155
Figura 16	Coronarovírus.....	164
Figura 17	Quarentina na carentena.....	179
Figura 18	Quarentina em casa	180

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Eixo sintagmático e eixo paradigmático	59
-----------	--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Esquemas combinatórios da composição	61
Tabela 2	Propriedades de uma palavra composta.....	66
Tabela 3	Hereditariedade dos processos de formação lexical	116
Tabela 4	Percentuais por processo	129

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 O LÉXICO E A INOVAÇÃO LEXICAL	20
2.1 A Constituição do léxico	20
2.2 O problema da identificação de um neologismo	22
2.3 Neologia e “linguagem figurada”	25
2.4 Sobre a pesquisa lexicográfica e a elaboração de dicionários	28
3 A CRIAÇÃO LEXICAL	33
3.1 Motivações para a criação lexical	33
3.2 Processos de formação de palavra	40
3.2.1 Morfologia concatenativa	44
3.2.1.1 Composição	44
3.2.1.2 Afixação	45
3.2.1.2.1 Derivação prefixal.....	47
3.2.1.2.2 Derivação sufixal	48
3.2.2 Morfologia não concatenativa.....	49
3.2.2.1 Cruzamento vocabular	49
3.2.2.2 Truncamento	50
3.2.2.3 Siglagem	51
3.2.2.4 Padrões de flexão e expansão lexical	53
4 DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DOS DADOS DO <i>CORPUS</i>	55
4.1 Processos concatenativos	55
4.1.1 Neologismo Fonológico	55
4.1.2 Neologismos Sintagmáticos	57

4.1.2.1 Composição	60
4.1.2.1.1 A noção de palavra: dimensão fonológica, morfológica e semântica	62
4.1.2.1.2 Composição neoclássica	82
4.1.2.2 Derivação Prefixal	89
4.1.2.2.1 O prefixo a-	89
4.1.2.2.2 O prefixo anti-	90
4.1.2.2.3 O prefixo com- (co)	92
4.1.2.2.4 O prefixo pré-	93
4.1.2.3 Derivação Sufixal	93
4.1.2.3.1 O sufixo -ar e a verbalização denominal.....	94
4.1.2.3.2 O sufixo -izar e a noção de transformação	95
4.1.2.3.3 Os sufixos aumentativos -aço e -ão	98
4.1.2.3.4 Sufixos relacionais: -ano, -ário, -ico, -ático, -ino, -ena	100
4.1.2.3.5 Os sufixos nominais: -ção, -mento, -dade, -ite	103
4.1.2.3.6 O sufixo -ês e a metalinguagem social	109
4.1.2.3.7 Avaliação e ideologia: -ice, -ismo, -ista, -inho	110
4.1.3 Neologismos semânticos	114
4.1.4 Estrangeirismos	116
4.2 Processos não concatenativos	118
4.2.1 Truncamento	118
4.2.2 Cruzamento vocabular	119
4.2.3 Siglagem	123
4.3 Análise discursiva de itens selecionados: <i>er-</i> e <i>anti-</i>	124
4.4 Análise discursiva de itens selecionados: <i>tele-</i> e <i>web-</i>	126

4.5 Produtividade e criatividade	127
5 PRINCÍPIOS DA ESCRITA LEXICOGRÁFICA.....	131
5.1 Da arte de escrever dicionários	131
5.2 Metodologia para a elaboração de verbetes e glossário	134
5.2.1 Uma taxonomia de paráfrases definidoras	135
5.2.2 O padrão sintático das paráfrases definidoras	139
5.2.2.1 Padrão sintático para paráfrases por metalinguagem de conteúdo	141
5.2.2.2 Padrão sintático para paráfrases por metalinguagem de signo	145
5.3 A formulação de paráfrases lexicográficas e a teoria semântica	150
5.4 Verbetes	156
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
7 REFERÊNCIAS	189

1 INTRODUÇÃO

O léxico de uma língua constitui um conjunto aberto e dinâmico de unidades simbólicas, caracterizado por constante renovação e expansão. As inovações lexicais decorrem de múltiplas motivações, entre as quais se destacam as transformações sociais, os avanços tecnológicos e, de modo mais amplo, os fatores sócio-históricos que moldam a experiência humana. Tal dinâmica confirma o pressuposto de que a linguagem é culturalmente situada, conforme propõe Langacker (1987), sendo inseparável dos contextos de uso nos quais é produzida e interpretada. Nessa perspectiva, os processos de categorização e conceptualização encontram-se profundamente ancorados em práticas socioculturais, uma vez que a língua emerge da interação entre sujeitos historicamente situados e suas vivências coletivas. Assim, a linguagem não pode ser concebida como neutra, isolada ou universal; ao contrário, reflete os valores, as crenças, os modos de pensar e agir, bem como as práticas sociais e históricas de uma determinada comunidade linguística.

Nesse contexto, a pandemia de covid-19 constituiu um cenário particularmente fértil para o surgimento e a difusão de novas unidades lexicais. Diante de mudanças abruptas nas formas de interação social, nos hábitos de trabalho, na organização do cotidiano e na circulação de informações científicas, a língua foi intensamente mobilizada para nomear realidades inéditas ou ressignificar conceitos preexistentes. O objetivo deste trabalho é, portanto, descrever e analisar as criações lexicais do português ocorridas ou amplamente difundidas entre março de 2020 e dezembro de 2022, buscando identificar os principais processos de formação de palavras que se mostraram produtivos nesse período. Pretende-se, ainda, discutir os fatores sociais e culturais que motivaram tais inovações, evidenciando a relação estreita entre mudanças linguísticas e transformações sociais.

Para tanto, selecionamos um conjunto de palavras que, por um lado, permitem caracterizar o contexto pandêmico e, por outro, ilustram a produtividade de determinados mecanismos de formação lexical no português contemporâneo. No que se refere à análise morfológica, adotamos como referencial as propostas de Basílio (1987), Alves (1990) e Gonçalves (2016), entre outros estudos e manuais brasileiros dedicados à formação de palavras. Esses aportes possibilitam uma abordagem sistemática das estruturas neológicas, contemplando tanto processos tradicionais, já amplamente

descritos nas gramáticas, quanto configurações mais recentes e híbridas, abordadas em trabalhos mais recentes.

Além da descrição morfológica, o trabalho propõe a elaboração de verbetes lexicográficos para os neologismos coletados durante o período da pandemia, acompanhados da explicitação de seus respectivos processos de formação. A metodologia de elaboração desses verbetes segue os princípios formulados por Bugueño Miranda e Farias (2011), o que assegura rigor terminológico, padronização descritiva e adequação às práticas contemporâneas da lexicografia. Essa dimensão do estudo reforça o diálogo entre morfologia lexical e pesquisa lexicográfica, evidenciando o papel dos neologismos na atualização de repertórios dicionarísticos.

Embora a renovação lexical seja um fenômeno permanente nas línguas naturais, ela se torna especialmente visível em períodos de intensas transformações sociais. A pandemia de covid-19, aliada às medidas de distanciamento físico e reorganização da vida social, inseriu a sociedade global em uma realidade rapidamente denominada “novo normal”. Nesse processo, um vocabulário antes restrito a domínios especializados, sobretudo da área da saúde, passou a integrar o uso cotidiano. Termos como *comorbidade*, *cloroquina* e *telemedicina* deixaram de circular apenas em contextos técnicos e foram incorporados ao léxico comum. Paralelamente, surgiram neologismos destinados a nomear práticas e experiências inéditas, como *quarentener*, *quarenteino* e *webnário*. Soma-se a esse conjunto a criatividade lexical de caráter avaliativo, humorístico ou crítico, expressa em formações como *covidiota*, *covidivórcio* e *jacarizar*, que evidenciam a dimensão expressiva e discursiva da neologia.

Em curto espaço de tempo, tais inovações passaram a circular amplamente em textos jornalísticos, publicações digitais e redes sociais, consolidando-se como marcas linguísticas do período pandêmico. Esse fenômeno resultou em uma expansão lexical atípica, quando comparada a outros momentos históricos, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, o que reforça o interesse científico pelo estudo da neologia em contextos de crise social.

Ao longo do período analisado, foram catalogados cerca de cem itens lexicais que surgiram ou se popularizaram em função da pandemia. Esse dado evidencia não apenas a vitalidade do léxico, mas também a necessidade de aprofundar os estudos sobre formação de palavras de modo geral e sobre neologia em particular. A expressiva produtividade observada nesse intervalo temporal cria, assim, uma oportunidade

privilegiada para a reflexão teórica e descritiva sobre os mecanismos de inovação lexical no português contemporâneo.

O estudo desenvolvido neste trabalho constitui, portanto, uma contribuição para atender a essa demanda, ao oferecer um levantamento sistemático e analiticamente fundamentado das inovações lexicais do período. Ademais, o material produzido poderá servir como referência para pesquisas futuras, bem como para a elaboração de glossários especializados e dicionários, colaborando para o registro e a compreensão das transformações recentes do léxico da língua portuguesa.

O *corpus* da pesquisa é composto por enunciados extraídos de textos da mídia jornalística (como *Exame*, *Hoje em Dia*, *O Globo* e *IstoÉ*), de redes sociais (*Twitter*, *Instagram* e *Facebook*), de blogs (como *Enquanto Almoçamos*, *Escolas Disruptivas* e *Blog Saúde*), bem como de outros sites de circulação ampla na internet (a exemplo de *Reclame Aqui*, *Revista Questão de Ciência* e *Takeaway.com*), todos publicados entre março de 2020 e dezembro de 2022.

Este trabalho organiza-se da seguinte forma: no capítulo 2, apresenta-se uma revisão teórica sobre o léxico, a pesquisa lexicográfica e a organização de dicionários; no capítulo 3, discutem-se as motivações da criação lexical e descrevem-se os processos de formação mais relevantes, com destaque para a fluidez entre derivação e composição; no capítulo 4, expõem-se os dados do *corpus*, acompanhados de sua descrição morfológica; no capítulo 5, detalha-se a metodologia empregada na elaboração dos verbetes e apresenta-se o glossário resultante; por fim, no capítulo 6, são apresentadas as considerações finais.

2 O LÉXICO E A INOVAÇÃO LEXICAL

Neste capítulo, abordamos questões como as que se seguem: a questão da constituição do léxico, os problemas da descrição lexicográfica e o entendimento do que vem a ser um neologismo, entre outros assuntos relevantes à abordagem lexicológica-lexicográfica.

2.1 A Constituição do léxico

O léxico pode ser definido, em sentido amplo, como o conjunto de unidades lexicais de que dispõe uma língua em um dado momento histórico (Basílio, 2015). Por constituir simultaneamente um componente do sistema linguístico e um reflexo da cultura de uma comunidade, o léxico apresenta natureza dinâmica e mutável, acompanhando as transformações sociais, científicas, tecnológicas, políticas e culturais. À medida que a sociedade se modifica, alteram-se também as necessidades de nomeação e categorização da experiência, o que resulta tanto na criação de novos vocábulos quanto no abandono ou ressignificação de outros. Assim, quando práticas, costumes ou objetos deixam de existir, as palavras que os designam tendem a cair em desuso, perdendo gradualmente sua circulação e seu significado no conhecimento coletivo.

Nesse sentido, o léxico funciona como um registro histórico e cultural, refletindo com particular nitidez o ambiente físico, social e simbólico dos falantes em determinada época. Contudo, não deve ser concebido como um inventário estático de palavras prontas, ampliado apenas por acréscimos externos. Ao contrário, o léxico disponibiliza aos falantes unidades e padrões estruturais que permitem a formação de palavras potenciais, acionadas sempre que surge uma necessidade comunicativa. Criações absolutamente inéditas, desvinculadas do sistema linguístico — as chamadas formações *ex nihilo* — são extremamente raras, uma vez que implicariam o surgimento de raízes fonológica, morfológica e semanticamente imotivadas (Gonçalves, 2016).

Desse modo, a criação de neologismos não ocorre de forma aleatória. Em geral, as novas unidades lexicais são produzidas a partir de esquemas previstos no próprio sistema da língua, recorrendo a elementos já existentes. Mesmo quando uma formação parece idiossincrática, costuma revelar vínculos estruturais e semânticos com o léxico prévio. Como observa Basílio (2004), o léxico não corresponde apenas ao conjunto de

palavras conhecidas pelo falante, mas também ao conhecimento dos padrões gerais de estruturação, os quais possibilitam tanto a interpretação quanto a produção de novas formas.

Essa competência lexical explica por que os falantes frequentemente não percebem que uma determinada palavra foi criada no exato momento de seu uso, bem como por que conseguem compreender, com relativa facilidade, palavras inéditas encontradas na leitura de textos. Tal fenômeno evidencia que os usuários da língua dominam, de maneira implícita, os princípios que regem a formação de novos itens lexicais (Basílio, 2024).

As unidades recém-integradas ao léxico são tradicionalmente denominadas neologismos (Alves, 2001). Para Boulanger (1979), neologismo é toda unidade lexical — palavra, lexia ou sintagma — cuja forma significante ou cuja relação significante–significado não estava atestada no estágio imediatamente anterior de um sistema linguístico. Trata-se, portanto, de uma unidade inexistente no estado precedente da língua, ainda que potencialmente previsível a partir de seus mecanismos internos.

A neologia, por sua vez, constitui uma propriedade inerente à linguagem humana. Segundo Azeredo (2008), ela pode manifestar-se tanto pela criação de novas formas lexicais quanto pela atribuição de novos sentidos a formas já existentes. O autor distingue, nesse processo, as criações vernáculas dos empréstimos linguísticos, ou estrangeirismos. As criações vernáculas subdividem-se em neologismos formais ou morfológicos — que obedecem a regras produtivas da língua (*bafômetro*, *sem-terra*, *demonizar*) — e neologismos semânticos, nos quais um vocábulo preexistente adquire um novo significado (*laranja*, no sentido de intermediário em transações ilícitas; *secar*, no sentido de provocar azar).

Os neologismos oriundos de línguas estrangeiras podem assumir diferentes configurações: (a) xenismos, quando mantêm a forma gráfica original (*mouse*, *drive-in*); (b) adaptações, quando se ajustam à fonologia e à morfologia do português (*checar*, de *check*; *randômico*, de *random*); (c) decalques, resultantes de tradução literal (*alta costura*, de *haute couture*; *centroavante*, de *center-forward*); e (d) siglas, formadas pelas iniciais de expressões estrangeiras (*PC* [*personal computer*], *CD* [*compact disk*]). Esses mecanismos evidenciam o caráter permeável e adaptativo do léxico.

Além de se referir a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos, a neologia pode ser entendida como o estudo, observação, registro, descrição e análise dos neologismos que

surgem em uma língua, constituindo um campo de investigação voltado para a renovação do léxico. (Correia e Almeida, 2012)

2.2 O problema da identificação de um neologismo

Embora os estudos de neologia apresentem definições amplamente convergentes acerca do termo *neologismo*, o desafio de identificar, na prática, o que constitui efetivamente uma unidade lexical neológica permanece longe de uma solução consensual. As conceituações disponíveis, ainda que aparentemente simples, revelam-se insuficientes quando confrontadas com casos concretos de uso.

Entre as definições mais citadas, encontram-se as seguintes: neologismos seriam “palavras novas, não dicionarizadas ou recém-dicionarizadas” (Henriques, 2007); “palavra nova, inventada, não dicionarizada”, que “acrescenta uma novidade ao léxico” (Valente, 1994); “inovações linguísticas que se firmam numa língua dada” (Câmara, 1975); “palavras novas criadas para atender à necessidade de renovação decorrente de demandas culturais, científicas e de comunicação” (Bechara, 1999); ou “formas e acepções criadas ou absorvidas pelo léxico de uma língua” (Azeredo, 2008).

Quando cotejadas, essas definições evidenciam divergências conceituais importantes e revelam pontos de tensão que dificultam a delimitação do fenômeno. De modo geral, elas sugerem que os neologismos seriam: (1) criações motivadas por uma necessidade semântica ou comunicativa (Valente, 1994; Bechara, 1999); (2) resultantes de processos morfológicos produtivos na língua (Bechara, 1999); (3) formas que alcançam difusão e consolidam-se no léxico (Câmara, 1975; Azeredo, 2008); e (4) unidades ainda não registradas pelos dicionários (Henriques, 2007). No entanto, a aplicação desses critérios conduz a ambiguidades e inconsistências.

Um primeiro ponto problemático diz respeito à noção de *necessidade linguística*. Valente (1994) argumenta que o dinamismo lexical se origina justamente da necessidade de nomear novos aspectos da realidade social, econômica e cultural. No entanto, permanece pouco claro o modo como tal necessidade pode ser objetivamente definida. Em alguns casos, a criação de um novo vocábulo decorre do surgimento real de um objeto, procedimento ou conceito inexistente até então; em muitos outros, deriva do desejo do falante de inovar, construir humor, reforçar vínculos de grupo ou posicionar-se ideologicamente. Assim, a *necessidade* que motiva o surgimento de formas lexicais vai além do domínio estritamente linguístico, sendo atravessada por

fatores estilísticos, identitários, afetivos e socioculturais, o que dificulta sua operacionalização como critério.

Outro ponto de incongruência diz respeito ao momento em que um item deixa de ser considerado neologismo. Para Azeredo (2008), um termo pode ser classificado como neológico quando é absorvido pelo léxico da língua; Câmara (1977, p.175), por sua vez, define os neologismos como “inovações linguísticas que se *firmam* em dada língua”, sugerindo que a estabilização no uso seria parte do próprio fenômeno (grifo nosso). Tal perspectiva excluiria formações episódicas, como os *hapax legomenon* — vocábulos usados uma única vez, sobretudo em textos literários —, a exemplo da criação roseana *ensimesmudo* (*Grande Sertão: Veredas*). Em contraste, outros autores sustentam que um termo deixa de ser neologismo justamente quando se integra ao léxico comum, perdendo seu caráter de novidade (Henriques, 2007). Assim, a consolidação terminológica que, para alguns, confirma o estatuto neológico, para outros, o extingue.

Finalmente, a definição que associa neologismo à ausência de registro lexicográfico também se mostra insuficiente. A proposta de considerar vocábulos não dicionarizados como neológicos — tomando como referência repertórios de prestígio, como o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) e dicionários como Aurélio, Houaiss, Caldas Aulete e Michaelis — coloca o dicionarista como autoridade que determina a natureza de um item lexical (Henriques, 2007). Entretanto, tal critério não esclarece os procedimentos pelos quais essas obras decidem incorporar ou excluir formas, evidenciando que o estatuto de neologismo não pode ser reduzido a uma simples verificação de registro. Nesse sentido, a dicionarização funciona mais como instrumento metodológico de investigação do que como definição conceitual.

Em síntese, embora o conceito de neologismo pareça simples em sua formulação geral, sua identificação empírica demanda parâmetros mais precisos e operacionalizáveis. A seguir discorreremos sobre os critérios teóricos e metodológicos mais ou menos funcionais frequentemente empregados na identificação de neologismos. Todavia, em razão da complexidade inerente ao fenômeno neológico, tais critérios apresentam limitações e permanecem sujeitos a questionamentos.

Cabré (1993) propõe quatro parâmetros para a identificação de uma unidade neológica: (i) o diacrônico, segundo o qual a unidade teria surgido em período recente; (ii) o psicolinguístico, que considera a percepção do falante quanto ao caráter inovador do item; (iii) o lexicográfico, baseado na ausência de registro em obras que compõem

um *corpus* de exclusão; e (iv) o formal, que se refere à presença de marcas de instabilidade na notação léxica.

O critério diacrônico revela-se problemático, pois a confirmação de que uma unidade é, de fato, recente constitui o ponto de chegada da análise, após a aplicação de critérios discriminatórios. Nesse sentido, tal propriedade não deveria figurar como critério inicial de identificação. Ademais, a determinação do momento exato de surgimento de uma unidade linguística é, em grande medida, inviável, uma vez que o pesquisador depende de evidências de registro — predominantemente escrito — que não contemplam integralmente a diversidade de usos linguísticos, especialmente aqueles vinculados à oralidade.

A dimensão temporal suscita ainda outra questão: qual recorte cronológico deve ser adotado para que uma unidade seja considerada recente? Em outros termos, em que momento um vocábulo deixa de ser percebido como novo? Para Alves (2000), a palavra atravessa um processo de *desneologização*, durante o qual passa a integrar o vocabulário do falante e da comunidade sem marcas distintivas de novidade. Alguns autores propõem um intervalo aproximado de dez anos para a permanência do sentimento neológico; entretanto, diante da rápida difusão de conceitos e terminologias na era digital, observa-se uma tendência contemporânea de redução desse período para menos de cinco anos (Pruvost; Sablayrolles, 2003).

O critério psicolinguístico, por sua vez, é frequentemente questionado devido à sua natureza subjetiva. A competência linguística dos falantes não é homogênea, e o léxico mental de cada indivíduo corresponde a recortes distintos do léxico da língua. Assim, uma mesma unidade pode ser percebida como inovadora por um falante e como plenamente consolidada por outro. Tais diferenças de percepção estão associadas a fatores como idade, nível de escolaridade, contexto sociocultural, localização geográfica e experiência em determinados domínios discursivos.

No que se refere ao critério lexicográfico, suas limitações decorrem de fatores diversos que influenciam as decisões do lexicógrafo quanto à inclusão ou exclusão de unidades em uma obra. Entre esses fatores, destacam-se o recorte do registro linguístico adotado, a frequência de ocorrência da palavra no *corpus* de referência e as restrições editoriais de extensão. Dessa forma, a ausência de uma unidade em um repertório lexicográfico não implica, necessariamente, sua inexistência no uso efetivo da língua.

Quanto ao critério formal — isto é, a apresentação textual da unidade léxica no registro escrito —, observa-se que ele também se vincula à subjetividade do autor do

texto. Não se trata de um critério autônomo, mas de um conjunto de indícios que frequentemente reforçam o critério psicolinguístico. Auger (2010) observa que o emprego de marcas gráficas, como negrito ou itálico, bem como a inclusão de comentários explicativos, pode sinalizar a introdução de um vocábulo percebido como novo. Nesse caso, é a percepção psicolinguística do redator que o leva a incluir as referidas marcas.

Apesar das limitações dos critérios aqui discutidos, eles ainda constituem instrumentos relevantes para a investigação de um fenômeno de elevada complexidade. Considerados isoladamente, podem revelar-se insuficientes; entretanto, quando articulados, funcionam de maneira complementar, oferecendo parâmetros mais consistentes para a identificação do neologismo. Ademais, os avanços tecnológicos na circulação de informações, aliados ao desenvolvimento da Linguística de *Corpus*, têm contribuído para mitigar algumas dessas limitações. A constituição de extensos *corpora* eletrônicos e o uso de ferramentas como o Google Trends possibilitam não apenas verificar a ocorrência de determinadas unidades lexicais, mas também mensurar sua frequência de uso em diferentes recortes temporais, ampliando, assim, as possibilidades de análise empírica do fenômeno neológico.

2.3 Neologia e “linguagem figurada”

O enriquecimento lexical da língua não se limita ao surgimento de novos referentes materiais ou tecnológicos: ele se sustenta, de modo decisivo, em processos de reelaboração simbólica e cognitiva, entre os quais a chamada linguagem figurada ocupa posição central. As “figuras de linguagem”, especialmente a metáfora e a metonímia, constituem mecanismos privilegiados de expansão semântica, na medida em que projetam relações quer entre domínios conceituais distintos quer dentro do mesmo domínio, reconfigurando sentidos já existentes ou criando novos. Trata-se de fenômenos que não atuam apenas no plano estilístico, como frequentemente se supõe, mas que participam diretamente da estruturação do léxico, evidenciando que o pensamento metafórico é inerente à própria operação linguística (Basílio, 2011, 2014).

Nesse contexto, a distinção proposta por Fontanier (1968) entre metáforas de uso (ou metáfora lexicalizada) e metáforas de invenção (ou metáfora literária) torna-se particularmente fecunda. As primeiras corresponderiam àquelas formas de comparação que, repetidas ao longo do tempo e pelo uso coletivo, deixam de ser percebidas como

figuras, integrando-se de maneira natural ao repertório da língua. Perdem gradativamente seu caráter de surpresa e adquirem estabilidade semântica, passando a funcionar como unidades comunicativas comuns — como quando falamos em “ramo” de uma empresa ou “perna” de uma mesa. Já as metáforas de invenção mantêm alto grau de singularidade, apresentando-se como soluções expressivas inesperadas, geralmente vinculadas ao estilo individual de um autor ou à circunstância pontual de uma enunciação. Elas não visam tanto à generalização social quanto ao efeito estético, afetivo ou argumentativo no instante de sua produção. O uso literário, por exemplo, torna-se um laboratório linguístico: produz novos encadeamentos de sentido, mas nem sempre contribui para a constituição de unidades lexicais duradouras.

Um exemplo de metáfora de invenção encontra-se na frase “A vida é uma ópera”, dita pelo personagem Bentinho na obra realista de Machado de Assis, *Dom Casmurro*. Trata-se de uma metáfora de invenção, porque a relação entre a vida e uma ópera não pertence ao uso comum da língua, mas constitui uma imagem criada pelo autor, visando criar um efeito expressivo, estilístico (Machado, 1899).

Além disso, a inovação léxica pode ocorrer na camada fônica da língua, em processos que exploram associações sonoras, jogos de palavras ou construções com valor expressivo independente de critérios semânticos estritos. A criação de *teadorar*, no poema “Neologismo”, de Manuel Bandeira, exemplifica esse mecanismo: o verbo surge da fusão do antropônimo Teodora com o verbo *adorar*, gerando uma forma carregada de subjetividade e afeto. Seu valor comunicativo está menos em nomear algo externo do que em condensar um gesto poético. Por essa razão, trata-se de um neologismo que permanece restrito ao âmbito da obra literária, sem perspectiva de integração ao léxico coletivo, ou seja, constitui um *hápax*. A inovação, nesse caso, revela as fronteiras entre criação individual e circulação social — evidenciando que o impacto de um neologismo depende não apenas de sua forma, mas também de sua função comunicativa e da comunidade que o acolhe.

A esse respeito, é especialmente relevante observar a produtividade da metáfora na gênese lexical. Conforme argumenta Martins (2008, p. 122), ao rastrear a origem de grande parte das palavras abstratas cuja etimologia se conhece, chega-se inevitavelmente a um ponto em que esse vocábulo remete ao mundo concreto. Isso se deve ao fato de que, em seus estágios iniciais, muitos conceitos generalizados foram formulados a partir de experiências sensoriais elementares, depois abstraídas e ampliadas. O caso de *escrúpulo* é exemplar: originada de *scrupulus*, uma pequena pedra

usada como contrapeso, a palavra deslocou-se do domínio físico para o domínio ético. O termo primeiro designou a atitude moral do comerciante que não desejava prejudicar o freguês nem mesmo pelo menor peso; posteriormente, expandiu-se para significar “meticulosidade”, “zelo” e “senso moral”. A mudança lexical não foi apenas linguística, mas cognitiva: um elemento concreto do cotidiano tornou-se metáfora fundadora de um conceito normativo.

É precisamente a esse efeito cumulativo da metáfora que Bally (1959) alude ao afirmar que a etimologia consiste na arte de ressuscitar metáforas. A análise etimológica revela que muitas palavras hoje percebidas como neutras, técnicas ou abstratas possuem raízes imagéticas, conectadas a gestos corporais, objetos comuns ou situações concretas. Exemplos como *aprender* (de *apprehendere*, “agarrar”, “prender com a mão”), *explicar* (de *explicare*, “desdobrar”, “desenrolar”) ou *angústia* (de *angustia*, “estreiteza”, “passagem apertada”) ilustram claramente esse processo. O percurso histórico mostra que a língua codifica experiências perceptivas que, ao serem metaforizadas, tornam-se estruturas cognitivas mais amplas. A metáfora não é apenas ornamento: constitui um mecanismo estruturante de categorização e generalização, permitindo à língua projetar significados para além do sensorial imediato.

A metonímia também constitui um mecanismo central nos padrões morfológicos. Ela pode ser entendida como um princípio estruturador que orienta a criação e a interpretação de unidades lexicais, ao estabelecer relações sistemáticas entre forma e significado.

De acordo com Radden e Kövecses, a metonímia consiste em um processo pelo qual “uma entidade conceptual, o veículo, provê acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo, dentro do mesmo modelo cognitivo idealizado” (1999, p. 21). Tal definição evidencia que a metonímia não se reduz a uma simples substituição lexical, mas implica uma relação de contiguidade conceptual, na qual veículo e alvo compartilham um mesmo domínio cognitivo. Desse modo, o fenômeno metonímico opera por meio da ativação de associações já convencionais na experiência sociocultural dos falantes, permitindo que uma entidade seja evocada por intermédio de outra a ela relacionada.

Essa dinâmica pode ser observada em diversos usos no português. Basílio (2007), por exemplo, ilustra o fenômeno com a expressão “política do café com leite”, na qual produtos emblemáticos de dois estados brasileiros passam a designar, metonimicamente, a aliança política entre São Paulo e Minas Gerais durante a Primeira

República. Nesse caso, verifica-se que a seleção dos itens lexicais não é arbitrária, mas motivada por relações históricas e culturais que permitem ao falante acessar, de forma econômica, um conteúdo mais complexo. A metonímia, portanto, atua como um mecanismo de condensação semântica, favorecendo a eficiência comunicativa e a convencionalização de significados.

Na perspectiva de Langacker (1987), a recorrência sistemática da metonímia nas línguas decorre de sua função cognitiva fundamental: a de estabelecer pontos de referência que viabilizam o acesso mental a entidades-alvo. Nesse sentido, a metonímia integra um sistema mais amplo de organização do conhecimento, no qual certas entidades, por sua saliência ou relevância contextual, funcionam como âncoras cognitivas para a ativação de outras. Tal mecanismo é particularmente produtivo na morfologia, uma vez que permite a criação de formas linguísticas que codificam relações complexas de maneira econômica e sistemática.

Assim, quando observamos o papel das figuras na formação lexical, é possível perceber que a neologia não depende exclusivamente de processos morfológicos ou de demandas comunicativas pragmáticas. Ela emerge também da dinâmica interpretativa que associa o vivido ao representado, produzindo novos recortes de sentido. A metáfora, nesse contexto, não é apenas um recurso estilístico; ela é uma ferramenta epistemológica, situada no ponto de encontro entre língua, cognição e cultura. É nesse ponto que a criação lexical se revela como fenômeno plenamente humano: traduz nossa capacidade de reconfigurar o real por meio da linguagem, projetando sobre ele novas narrativas, valores e formas de compreender o mundo.

2.4 Sobre a pesquisa lexicográfica e a elaboração de dicionários

Os dicionários ocupam uma posição de grande prestígio nas sociedades letradas, sendo frequentemente percebidos como símbolos de autoridade linguística e cultural. Conforme observa Neves (2002), são verdadeiros monumentos dentro da cultura que se faz numa língua. De fato, o valor de um dicionário é inegável e sua importância ultrapassa a dimensão estritamente linguística, articulando-se a fatores históricos, sociais e práticos.

Desde a antiguidade, obras que catalogam palavras demonstram o esforço humano de organizar, preservar e transmitir o conhecimento. As mais antigas obras lexicográficas de que se têm conhecimento eram, na verdade, trabalhos filológicos que

visavam a contribuir para a compreensão de textos literários anteriores. Os filólogos alexandrinos, por exemplo, buscavam elaborar léxicos e glossários sobre os textos homéricos para sua melhor compreensão. Também, o gramático grego Varrão (I séc A.C), em *De língua latina*, tentou fornecer dados de natureza semântica e etimológica sobre algumas palavras latinas (Biderman, 1984).

A despeito de sua natureza, as obras lexicográficas frequentemente atuam como registros da cultura e dos valores de uma sociedade, muitas vezes antes mesmo de fornecerem dados de relevância linguística. Na Idade Média, as Etimologias de Isidoro de Sevilha (570-636) documentaram o mundo cultural de sua época e sua concepção de universo. A obra baseia-se numa concepção mística do mundo e da linguagem que tende a referir a língua e as palavras num sistema de significação que se reporta a Deus, desfigurando sua natureza. Embora possuam escasso valor linguístico-científico, tais obras são relevantes como testemunhos históricos (Biderman, 1984).

Além de sua função cultural, os dicionários são tradicionalmente considerados referências normativas da língua, pois registram a forma padrão das palavras - incluindo ortografia, pronúncia, significado e uso. Por esse motivo, são ferramentas indispensáveis no processo de alfabetização, ensino de línguas e formação acadêmica, contribuindo para a ampliação do vocabulário e para a consolidação da norma escrita.

Essa dimensão normativa confere aos dicionários uma função centrípeta na linguagem, ao atuar como uma força que promove a coesão e a padronização do idioma (Foucault, 1977). Ao estabelecer formas consideradas corretas de uso - seja no léxico, na ortografia ou na definição dos significados -, os dicionários ajudam a reduzir variações excessivas e a garantir uma base comum de compreensão entre os falantes. Essa função é especialmente importante em contextos sociais e institucionais que demandam clareza, estabilidade e uniformidade linguística.

Os dicionários, portanto, oferecem um registro dos recursos de que a língua dispõe em uma determinada época e, por isso, constituem excelente instrumento de estudo e trabalho. Seja para consultar a ortografia de uma palavra, seja para encontrar um sinônimo ou paráfrase descritiva, seja para verificar informações morfológicas ou a respeito da origem da palavra, o consulente recorre ao dicionário nas mais variadas esferas.

Mas não são apenas os usuários do dicionário que derivam proveito dele; também o dicionarista desfruta de uma experiência enriquecedora. A árdua tarefa de produzir um dicionário proporciona ao autor a oportunidade de pensar os itens do léxico

a partir de variados pontos de vista: o sociocultural, o histórico-etimológico, o linguístico-gramatical etc. Visto que o léxico é o componente que faz a conexão entre a língua e a realidade, detém propriedades semânticas e pragmáticas. Além disso, o dicionário pode ser entendido como o arrolamento descritivo das propriedades do léxico em circulação, isto é, a demonstração de como as construções linguísticas estão sendo aplicadas termo a termo. Neste sentido, uma vez que o léxico é mutável, o trabalho do lexicógrafo é dinâmico e praticamente interminável.

Historicamente, os primeiros dicionários foram os bilíngues. Biderman (1984) menciona, entre os mais antigos, os *Glossários de Reichenau* (séc. VIII D.C.), lista de pouco mais de 2000 palavras da vulgata latina traduzidas para o vernáculo românico da região, e o *Glossário de Cassel* (séc. IX D.C.), catálogo de 265 palavras traduzidas do latim para o vernáculo germânico.

Para Biderman (1984), no entanto, “a verdadeira lexicografia” surgiu no final da Idade Média, no século XV. Nessa época, os monges copiavam livros a mão e faziam anotações nas margens das páginas dos manuscritos ou entre suas linhas. Essas anotações receberam o nome de glosas.

Como o latim falado se distanciava cada vez mais do escrito, as glosas foram se tornando cada vez mais importantes para a compreensão dos textos. No início, eram pouco sistemáticas, distribuídas sobre as palavras nas entrelinhas ou à margem das páginas do códice. Devido à confusão gerada por essa falta de critério, optou-se por adicionar as glosas ao final dos códices copiados pelos monges, que foram posteriormente organizados em ordem alfabética. Ao organizarem as glosas segundo o critério alfabético, os monges concluíram o processo de criação do dicionário tal como o conhecemos hoje.

O catálogo lexicográfico mais conhecido da Idade Média é o *Dicionário Calepino*, uma obra tão famosa que acabou consagrando o nome Calepino como sinônimo de dicionário, em muitos idiomas. O compêndio, publicado por Ambrogio Calepino, na Itália, em 1502, é um dicionário bilíngue latim-italiano; mas acabou sendo traduzido para vários idiomas, entre eles, o francês, o alemão, o inglês, o espanhol, o dalmata, o húngaro, o boêmio e o polaco (Martinez de Sousa, 2009).

Os anos de ouro da lexicografia, porém, foram a partir do século XVI, durante o Renascimento. No período, houve um grande interesse pela cultura clássica, tanto a grega quanto a romana, e isso impulsionou a necessidade de dicionários que

conectassem as línguas clássicas às línguas modernas, facilitando a compreensão de textos antigos.

Ademais, o homem renascentista começou a ampliar seus horizontes territoriais e culturais e, com isso, veio a necessidade de alargar também sua capacidade comunicativa. A reclusão medieval dentro da própria cultura ficava para trás e as principais línguas europeias faladas na época, veículo de culturas cada vez mais prestigiadas, tornavam-se objeto de interesse e estudo. Dessa forma, multiplicaram-se os dicionários bilíngues na Espanha, na França, na Itália e em Portugal, além da gramática de cada uma dessas línguas que permitiam o diálogo e as trocas entre as nações europeias.

A lexicografia monolíngue, que se iniciou no século XVII, foi se desenvolvendo aos poucos. São exemplos, na língua espanhola, de obras desse período o *Tesouro de la Lengua Castellana* de Covarrubias, de 1611, e o *Diccionario de Autoridades*, cuja primeira edição data de 1739. No francês, tem-se o Richelet (1680), o Furetière (1690) e o dicionário da Academia Francesa (1694) (Biderman, 1984).

Um dos mais antigos dicionários bilíngues da língua portuguesa é o *Vocabulário Portuguez e Latino*, de Rafael Bluteau, Coimbra 1712-1721. Trata-se de um dicionário português-latim com características enciclopédicas, dado que não se limita a indicar termos correspondentes nas duas línguas. A obra contém variadas informações em bastante quantidade sobre os dois idiomas. Dessa forma, a parte relativa à língua portuguesa praticamente constitui um dicionário da língua portuguesa.

No plano teórico, a lexicologia é definida como o ramo da linguística que tem na palavra seu objeto formal de estudo, objetivando levantar o máximo de dados possível das características e propriedades de uma palavra, desde seus aspectos fonológicos, passando pela morfologia, sintaxe e semântica, até suas repercussões histórico-pragmáticas. Segundo Biderman (1998), a lexicologia corresponde à práxis da investigação científica – o fazer saber – enquanto a lexicografia diz respeito à metodologia de elaboração de dicionários, ou seja, a práxis tecnológica – o saber fazer.

A colocação de Biderman resume a visão que por muito tempo caracterizou a relação entre as duas ciências: a Lexicografia como a arte de elaborar dicionários e a Lexicologia como a sua contraparte científica (Casares, 1969, p. 10-11). Nessa perspectiva, a Lexicologia possuiria uma abordagem teórica no que tange ao estudo do léxico ao passo que a Lexicografia se consolidaria como a parte aplicada e prática da atividade de caracterização do léxico (Rodrigues-Pereira; zavaglia, 2022/23).

A concepção de que a lexicografia corresponde tão somente a uma técnica de fazer dicionários ou a uma técnica da lexicologia, entretanto, não é consensual. Estudos mais recentes já colocam a lexicografia como ciência independente com princípios teóricos e metodológicos próprios. Segundo Rodrigues-Pereira e Zavaglia (2022/23): “Em decorrência dos avanços dos estudos lexicográficos, atualmente entendemos a Lexicografia como uma ciência com objetos de estudo - dicionários, vocabulários, glossários - e procedimentos metodológicos bem definidos”.

Naturalmente, na lexicografia, assim como em qualquer outra atividade, confirma-se a premissa de que toda prática é precedida por uma teoria. Muito embora nem todo repertório lexicográfico seja objetivamente orientado por princípios teóricos e metodológicos evidentes, “toda prática lexicográfica qualificada requer um paradigma teórico-metodológico para repertoriar os dados léxicos e definir o modo de tratamento dos dados” (Krieger, 2006, p. 142).

A diversidade de trabalhos existentes reflete a adoção de diferentes escolhas teóricas. Cunha e Aguilera (2019), por exemplo, registram cinco tipos de obras lexicográficas: dicionário, léxico, tesouro, vocabulário e glossário. No que tange às obras classificadas como dicionários, Cunha e Aguilera os dividem baseados em: 1) caráter linguístico; 2) número de línguas e 3) seleção do léxico.

O caráter linguístico está relacionado à distinção entre as obras que tratam do signo (os dicionários linguísticos) e dos que tratam das coisas (os dicionários enciclopédicos). Os autores ainda incluem sob esse critério os dicionários mistos que são igualmente de língua, mas trazem também informações enciclopédicas.

O número de línguas separa as obras em dicionários monolíngues, bilíngues ou plurilíngues. Já a seleção do léxico é um critério que se subdivide em três outras dicotomias: 1) geral ou parcial; 2) seleção exaustiva ou não exaustiva e 3) sincrônico ou diacrônico.

Dicionários gerais são os que buscam fazer uma descrição representativa do acervo vocabular de uma língua. No português, são exemplos dessa categoria o Aurélio e o Houaiss. Seu acervo é bastante abrangente, pois seu objetivo é atender aos mais variados objetivos de busca. Os dicionários parciais, por outro lado, fazem um recorte do acervo lexical. Esse recorte pode basear-se em variantes regionais ou sociais, ou descrever um vocabulário técnico de uma profissão ou área do conhecimento humano.

Os dicionários parciais podem ser exaustivos, quando procuram abarcar todo o acervo de vocábulos disponíveis, ou seletivos, quando se ocupam apenas de uma parte

dele. Para Haensch (1982, p. 152), é mais ou menos impossível para um dicionário geral ser exaustivo.

Finalmente, um dicionário sincrônico registra os sentidos de um vocábulo dentro de um período determinado, enquanto os diacrônicos demonstram a evolução do vocábulo através do tempo. Esse é o caso dos dicionários históricos, que se ocupam da evolução formal do item do léxico, e dos etimológicos, que investigam a origem das formas e dos sentidos.

Concluída esta revisão teórica sobre o léxico, a lexicologia e a lexicografia, passa-se, no capítulo seguinte, à análise dos fatores motivacionais da criação lexical e dos processos de formação de palavras, fundamentais para a compreensão das inovações observadas no *corpus* deste estudo.

3 A CRIAÇÃO LEXICAL

A expansão do léxico constitui um fenômeno central para a compreensão do funcionamento das línguas naturais, na medida em que reflete, simultaneamente, transformações cognitivas, sociais, discursivas e culturais. Longe de se restringir a um mecanismo meramente formal, a criação lexical envolve motivações diversas que orientam a escolha de determinados processos morfológicos em contextos específicos de uso. Assim, investigar as razões que levam os falantes a criar novas palavras permite compreender não apenas como o léxico se renova, mas também como a língua responde às necessidades comunicativas emergentes e às formas de conceptualização da experiência. Nessa perspectiva, este capítulo dedica-se à análise das principais motivações para a criação lexical, conforme descritas na literatura especializada, destacando o papel das funções denominativas, categoriais, discursivo-textuais, atitudinais e sociolinguísticas na constituição de novas unidades vocabulares. Além disso, apresentam-se sucintamente os principais processos de formação que originam novos vocábulos na atual sincronia do português.

3.1 Motivações para a criação lexical

A criação de novos vocábulos, embora frequentemente associada a uma sensação de novidade discursiva, constitui uma das práticas mais ordinárias da atividade linguística. Quer se trate da nomeação de objetos e fenômenos emergentes, quer de

formas inovadoras de se referir a realidades já conhecidas, o surgimento de novas palavras integra o funcionamento regular das línguas naturais. Trata-se de um processo tão recorrente que, muitas vezes, os falantes não se dão conta das novas formações com as quais entram em contato, tampouco daquelas que eles próprios produzem para expressar sentidos específicos nas situações comunicativas de que participam (Basílio, 1987). Ainda assim, é pertinente indagar quais são as motivações que levam os falantes a criar novas unidades lexicais.

Embora a pergunta pareça simples, a resposta revela-se complexa, pois envolve fatores cognitivos, sociais, discursivos e pragmáticos. É possível elencar, ao menos, cinco grandes motivações para a formação de palavras. A primeira delas está relacionada ao surgimento de novos objetos, práticas ou fenômenos sociais (Gonçalves, 2016; Basílio, 1987). À medida que tais elementos passam a integrar o repertório de conhecimento dos falantes, impõe-se a necessidade de referi-los linguisticamente, o que leva à criação de novas formas lexicais. Essa motivação é denominada *função de denominação* (Basílio, 1987, p. 67) ou *função de rotulação* (Gonçalves, 2016, p. 14).

No campo da tecnologia, essa função manifesta-se de modo particularmente produtivo. Com a disseminação de dispositivos eletrônicos multifuncionais — capazes de indicar horas, realizar cálculos, registrar compromissos, armazenar arquivos, fotografar, gravar vídeos, entre outras atividades —, o termo *telefone celular* tornou-se insuficiente para dar conta da complexidade funcional desses aparelhos. A função primordial de realizar chamadas telefônicas passou a ocupar um papel secundário, o que favoreceu a adoção do termo *smartphone*, empréstimo do inglês que designa um telefone celular dotado de funcionalidades semelhantes às de um computador. A incorporação desse empréstimo consolidou-se a ponto de se tornar corriqueira nas interações cotidianas, estendendo-se ainda a formações análogas como *smart TV*, *smartwatch* e *smart freezer*.

Ainda no domínio tecnológico, encontram-se outros empréstimos amplamente difundidos, como *vlog* (ou *vlogue*) (tipo de blog em que os conteúdos predominantes são vídeos), *streaming* (transmissão de filmes, séries, podcasts, músicas e jogos de um servidor principal para um dispositivo) e *podcast* (série de episódios de áudio gravados e disponibilizados na internet) entre outros. Esses exemplos ilustram como a língua recorre a recursos externos para nomear práticas comunicativas e culturais recentes, evidenciando que, diante de inovações aceleradas, o empréstimo lexical constitui uma estratégia recorrente de rotulação.

Pode-se notar que, nos exemplos do domínio tecnológico, predominam os empréstimos. No entanto, não é apenas pela importação de palavras que se designam novas experiências. Há também significativa criatividade ao se cunhar palavras com elementos do próprio vernáculo. O termo *gordofobia* (desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos), por exemplo, embora nomeie um fenômeno antigo, foi formado devido ao aumento da consciência das práticas discriminatórias dirigidas a pessoas com sobrepeso e a necessidade de reagir contra elas. A palavra, formada a partir de elementos vernáculos, é previsível dentro dos padrões gerais de formação do português, como atesta sua relação com vocábulos como *aracnofobia*, *odontofobia* e *homofobia*.

Processo semelhante ocorre com *etarismo* (termo que se refere a preconceitos, esteriótipos e discriminação baseados na idade), formado a partir do adjetivo *etário* a que se adjunge o sufixo *-ismo*, produtivo em nomes que designam práticas discriminatórias, como *racismo* e *machismo*; com *sororidade*, derivado do latim *soror*, que significa irmã, (carrega a ideia de irmandade, fraternidade ou solidariedade entre mulheres), associado ao sufixo *-[i]dade*, que expressa abstração e qualidade; e com *ouvintismo*, que nomeia práticas de discriminação contra pessoas surdas a partir da crença na superioridade dos ouvintes. Em todos esses casos, a criação lexical cumpre simultaneamente a função de rotular fenômenos sociais e de legitimar discursivamente determinadas experiências coletivas.

A segunda motivação para a criação de novas palavras corresponde à *mudança de classe* (Basilio, 1987 p.7) ou *adequação categorial* (Gonçalves, 2016 p.14). Trata-se da necessidade de empregar um determinado conteúdo semântico em um contexto sintático que exige uma classe gramatical distinta daquela em que a palavra originalmente se insere. Conforme afirma Basílio (1987, p. 7-8): “Formamos uma palavra nova para poder utilizar o significado de uma palavra já existente num contexto que requer uma classe gramatical diferente”. Um bom exemplo que ilustra esse caso são as recentes formações dos verbos *flopar* e *hitar*, criados a partir de radicais do inglês.

O primeiro exemplo, *flopar*, é uma construção que significa “fracassar”. O termo, muito usado nas redes sociais para se referir a postagens que não tiveram sucesso, vem do inglês *flop*, que quer dizer “queda”, “baque” e, por extensão, “fiasco”, “falha”, “fracasso”. O segundo, *hitar*, significa basicamente o oposto de *flopar*. Refere-se ao conteúdo que teve muito sucesso e alcançou um grande número de visualizações. A formação deriva de *hit*, termo que, no universo musical, alude a uma composição que

se torna um verdadeiro sucesso. Assim, *hitar* significa alcançar sucesso ou popularidade. Em ambos os casos, palavras originalmente pertencentes a outras classes gramaticais são adaptadas ao sistema verbal do português para atender a demandas comunicativas específicas.

Segundo Gonçalves (2016), um caso evidente de adequação de uma palavra ao contexto de outra ocorre nas nominalizações deverbais (nomes formados a partir de verbos). Esses nomes permitem expressar, de forma abstrata e nominal, o sentido do verbo que lhes serve de base. Assim, emprega-se *flopagem* sempre que se deseja utilizar o conteúdo semântico de *flopar* em um contexto que exige um nome.

Formações como *uberização* ilustram de maneira exemplar a articulação entre mudança de classe e função de rotulação. Nesse caso, o nome da empresa¹ recebe o sufixo verbal *-izar*, e posteriormente, o sufixo *-ção*, resultando em um substantivo que designa um modelo de trabalho caracterizado pela prestação de serviços de forma flexível, mediada por plataformas digitais. Além de nomear um fenômeno que ganhou notoriedade recentemente – cumprindo, portanto, função de rotulação – a adjunção dos sufixos proporciona a mudança de classe gramatical. Um caminho semelhante se dá com ‘empoderamento’ formado a partir do substantivo *poder*, passando pelo verbo *empoderar*, oriundo de uma circunfixação.

Em ambos os casos, a mudança de classe não se restringe a uma adequação categorial, mas está associada à criação de novas conceptualizações, dado que os sufixos carregam a noção de processo ou fenômeno, ampliando o sentido original e elevando o grau de abstração. No caso de *uberização*, o termo assume significado mais amplo que *uber*, pois é utilizado para descrever modelos de trabalho semelhantes até mesmo anteriores à fundação da empresa (Airbnb e ifood, por exemplo). Além disso, o termo ilustra a tendência segundo a qual o molde “nome próprio + izar” instancia uma mudança quase que necessariamente negativa. Assim, *uberizar* associa-se a ideia de precarização do trabalho (Pereira, 2024). De modo análogo, *empoderamento* refere-se a um processo de ampliação da autoconsciência, resultando no robustecimento da autoestima, da força espiritual, social, política ou econômica individual ou coletiva.

Esses exemplos evidenciam que as motivações para a criação lexical frequentemente se sobrepõem (Basílio, 1987). Por outro lado, quanto menor a

¹A palavra Uber tem origem alemã e significa acima, superior ou sobre. Mas virou uma gíria da língua inglesa para incrível, melhor ou supremo. (https://www.hu.usp.br/wp-content/uploads/sites/26/2016/03/V1N1pt_uber.pdf)

relevância semântica do sufixo mais nítida se torna a função de alteração categorial. É o caso de palavras formadas com o sufixo *-al*, que forma adjetivos a partir de substantivos, como *dental*, *gravitacional* e *emergencial*. Conforme Gonçalves (2016, p. 16): “parece que tais palavras são utilizadas mais para adequar a ideia contida na base a um contexto sintático do que para veicular um significado”.

Da função de mudança de classe deriva outra motivação relevante que tem implicações no nível do texto. Isso significa que os afixos capazes de alterar a classe gramatical são muitas vezes empregados com finalidades discursivas ou textuais. Dentre as finalidades textuais-discursivas da *função textual* (Basilio, 1987), podemos elencar as seguintes: (i) referência, (ii) impessoalização, (iii) concisão e (iv) expressão de polifonia (Olimpio, 2006).

A capacidade que a língua tem de servir-se de afixos para veicular um sentido em diferentes classes torna-se uma ferramenta que permite transformar um comentário de uma sentença em tópico da outra, o que possibilita a progressão textual. Dessa forma, uma informação apresentada num período de abertura como informação nova (rema) pode vir no período seguinte como informação dada (tema). O exemplo em (1) a seguir ilustra esse caso.

- (1) Dois menores invadiram ontem à tarde uma casa em Cariacica, onde se realizava uma festa de aniversário, e roubaram vários pertences das pessoas presentes. *A invasão* provocou tanto tumulto que ninguém teve a iniciativa de chamar a polícia para investigar *o roubo* (Jornal A Gazeta – Vitória (ES) In: Olímpio, 2006).

Em (1), a progressão temática ocorre pela retomada dos processos verbais dos remas da primeira sentença, centrados nos verbos *invadir* e *roubar*, pelas formas nominais *invasão* e *roubo*, respectivamente. Assim, à informação já explicitada agrega-se um novo conteúdo, na segunda sentença, o que garante a progressão textual. O processo que aqui descrevemos, tão recorrente na comunicação jornalística de maneira geral, incluindo editoriais e artigos de opinião, denomina-se coesão referencial anafórica (Koch, 1990), mecanismo por meio do qual uma forma retoma outra da superfície textual utilizada anteriormente. Como a forma remissiva em questão é um substantivo deverbal, o processo é chamado de nominalização.

Além de servir de instrumento de progressão referencial, o emprego de nomes deverbais atua como estratégia de impessoalização. Como os nomes de modo geral apresentam menos exigências argumentais do que os verbos, permitem a omissão do agente, deslocando o foco para o evento em si, conforme ilustrado pelos exemplos (2) e (3).

- (2) Irã lançou cerca de 200 mísseis contra Israel nesta terça-feira, obrigando milhões de israelenses a buscar abrigo.
- (3) O lançamento de cerca de 200 mísseis contra Israel nesta terça-feira obrigou milhões de israelenses a buscar abrigo.

Na comparação entre (2) e (3), nota-se que a opção pela forma verbal implica necessariamente a identificação do agente do processo verbal. Já com a forma nominal faculta-se a indicação do agente. Esse recurso possibilita deslocar o foco do agente para a ação, na medida em que transforma em referente um processo denotado por uma proposição. Dito de outro modo, a nominalização cria um objeto-do-discurso pela atividade referencial (Zamponi, 2003 p.199).

Muitas vezes, a omissão de argumentos está relacionada às características do gênero jornalístico em questão, como é o caso das manchetes de notícias que, por um lado, prezam pela concisão, devido à limitação de espaço e, por outro, buscam cativar o interesse pela leitura por meio de síntese sugestiva da matéria, que indicia sem revelar os detalhes da informação. O sintetismo das formas nominais oriundas de verbos está no fato de que são a uma só vez o tema de uma proposição e o rema de outra que, em casos como (3), nem mesmo encontram-se na superfície textual, mas constituem objeto do conhecimento do leitor pela memória de um contexto discursivo específico.

O caráter evocador da nominalização que, numa perspectiva sócio-interacionista, conta com a memória social e discursiva do leitor destaca como o fenômeno da anáfora não implica necessariamente a retomada do elemento anterior. Desse modo, a explicação para a organização intratextual, especialmente os casos de anáfora indireta, encontra-se nas ações sócio-interativas e cognitivas. Nesse sentido, são retomados pelo recurso da anáfora, enunciados pressupostos na organização interna dos textos, ainda que não presentes como sequências formais (Olimpio, 2006).

O conceito de pressuposição, conforme Ducrot (1977), explica a polifonia encontrada em enunciados encabeçados por expressão anafórica que, por remeterem a um discurso anterior, participam, em virtude da memória discursiva partilhada pelos leitores, da organização textual. Olímpio (2006) oferece alguns exemplos: *as denúncias de Roberto Jefferson, a distribuição do mensalão, o depoimento de Delúbio, a existência de caixa-dois, o superfaturamento nos contratos públicos, a renúncia de José Genoíno, a reação do presidente, a existência de corrupção*. É por remeterem a um discurso anterior que a construção nominal deverbal constitui uma expressão da polifonia.

O uso de determinadas marcas morfológicas em novas formações frequentemente tem implicações pragmáticas, revelando a atitude do enunciador em relação ao objeto referenciado. Essa constatação nos leva à quarta motivação para a criação de novas palavras: a expressão do ponto de vista, a qual Gonçalves (2016, p.21) chama de *função atitudinal*. Segundo o autor, “novas palavras complexas podem veicular juízos de valor e sinalizar impressões subjetivas do falante, revelando “o impacto pragmático do emissor em relação ao enunciado, ao referente ou ao interlocutor” (Gonçalves, 2016, p.21 e 2005a p. 50). Para o autor, os valores atitudinais resultantes dessa função são bem variados. Entre os sentidos manifestos estão a expressão de ternura / carinho (mamis, papis), compaixão (tadinho), desprezo (timeco, velhote) coisa sem importância (namorico), tratamento depreciativo (gentalha, alcoviteiro) etc.

Um bom exemplo da função atitudinal são as novas formações de verbos denominais conjugados no pretérito perfeito do indicativo, formados a partir dos dias da semana, como *quintou, sextou e sabadou* ou o numeral indicativo dos anos de vida completados, como *cinquentou*. Essas formações estão, obviamente, a meio caminho entre a rotulação e a expressividade.

A primeira formação desse grupo parece ter acontecido com *sexta-feira*, para muitas pessoas, o último dia de trabalho antes do descanso semanal ou das atividades recreativas do fim de semana. Por isso, o *sextou* (a chegada da sexta-feira) é celebrado como o acontecimento mais esperado da semana. A formação tem uma significativa função de síntese, pois pressupõe a série de ações associadas à chegada da sexta que explica o motivo da comemoração. A unidade de comunicação também costuma ser veiculada nas redes sociais como uma atualização de status, frequentemente acompanhada de uma foto, indicativa do que a pessoa faz nos momentos de ócio. A

significação de evento atual está relacionada à escolha do pretérito perfeito que transmite a ideia de acontecimento concluído, ainda que em relação direta com o presente. Por estar frequentemente associada a eventos felizes e satisfatórios, a formação gera o efeito de sentido de positividade. Esses valores (síntese, atualidade e positividade), num segundo momento, foram deslocados para outros recortes temporais, como a caso de outros dias da semana (*segundou, terçou, quartou*) e aniversários natalícios, em geral acima dos trinta (*trintei, quarentei, cinquentei*), o que revela uma intenção de valorizar esses eventos.

Finalmente, a criação de palavras pode ter uma *função indexical*. A função indexical está relacionada “à capacidade de uma forma veicular informações relevantes acerca de estilos vocais específicos” (Gonçalves, 2005a p. 87) e “funciona como uma espécie de “sistema de sinalização” que revela o perfil sociolinguístico do usuário” (Gonçalves, 2011a p.64). Este é o caso dos diminutivos (*soninho, beicinho, cansadinho*) e superlativos (*chiquérrimo, cansadésima*), amiúde associados à fala feminina ou à fala gay, e dos truncamentos *churras* (para churrasco) e *profissa* (para profissional), constantemente constatados na fala jovem. Desse modo, processos derivacionais nos remetem a grupos específicos de falantes e práticas discursivas particulares, funcionando como marcadores identitários e fornecendo pistas sobre a posição social, etária ou cultural de seus usuários.

Em síntese, a criação lexical revela-se um fenômeno multifacetado, no qual se entrecruzam motivações denominativas, categoriais, discursivas, pragmáticas e sociolinguísticas, refletindo a dinamicidade da língua e sua íntima relação com as transformações sociais e cognitivas dos falantes.

3.2 Processos de formação de palavras

A expansão lexical é efetuada, sobretudo, pelos processos de formação, isto é, padrões que determinam estruturas e funções, tanto de formas já existentes quanto de formas ainda a serem construídas (Basilio, 2014). Nesse sentido, passaremos a discussão dos principais processos de formação no português do Brasil.

Uma diferença fundamental que se estabelece nos estudos de formação de palavras é a fronteira entre composição – a constituição de palavras a partir de dois ou mais radicais ou palavras (navio e escola > navio-escola, papel e moeda > papel-moeda)

– e a derivação – formação que ocorre a partir de um radical ao qual se anexam afixos (prefixos e sufixos)² (setor e –izar > setorizar, in- e pagar e –vel > impagável).

Dois dos principais critérios empregados para distinguir composição e derivação são 1) o tipo de formativo envolvido na unidade morfologicamente complexa e 2) a posição que esse elemento ocupa no interior da palavra. A composição seria a formação constituída por formas livres, que se faculta posicionar tanto à esquerda quanto à direita de outra forma livre. Já a derivação compreende construções em que participam formativos que se posicionam rigidamente quer à esquerda (prefixos), quer à direita (sufixos) da base (Gonçalves, 2011). Assim, os dois processos são apresentados como procedimentos totalmente distintos entre si.

Algumas abordagens até mesmo defendem que a composição pertence a uma esfera da gramática diferente da derivação. Anderson (1992), por exemplo, alega que compostos apresentam estrutura acessível à sintaxe e, por isso, não constituem objeto de estudo da morfologia. Em outras palavras, postula-se que composição e derivação sejam operações tão radicalmente diferentes que nem mesmo sejam processadas num mesmo componente.

Nessa visão, a composição seria a transposição para o nível lexical de fenômenos da sintaxe frasal. Alves (1990 p. 41), por exemplo, embora não desloque o processo do campo da morfologia, destaca que pode haver entre os formativos de um composto uma relação de determinado-determinante (*enredos-denúncia*, *operação desmonte*, *político-galã*), em que a base constitui um elemento genérico a que o determinante acresce uma especificação, semelhante a um adjetivo, e outros, quando o primeiro elemento é um verbo, em que o segundo formativo desempenha a função de seu objeto direto (*empurra-êmbulo*, *lava-louças*).

No outro extremo dessa visão, Singh (1997) argumenta que não existe diferença entre os dois processos, sendo instâncias da formação de palavras governadas pelas mesmas regras ou padrões. Uma posição intermediária, defendida por autores como Naumann e Vogel (2000), Bauer (2005) e Booij (2005), propõe, que embora composição e derivação sejam processos distintos, registram-se casos de fronteira que não são facilmente distinguíveis. Esses casos estão relacionados a formativos de propriedades gradientes, pois ora assemelham-se a afixos ora, a palavras. Para Kastovsky (2009), os casos limítrofes evidenciam pontos de convergência entre os dois

²Também se incluem na derivação os casos de subtração / alteração fonológica ou mudança de classe.

processos de formação, indicando que eles representam os extremos prototípicos de um *continuum*.

A propriedade do *continuum* resulta principalmente do fato de que, diacronicamente, os formativos nem sempre preservam seu estatuto original, uma vez que afixos podem originar-se de palavras ou radicais presos, conforme dados de Bauer (2005), Ralli (2008) e Petropoulou (2009). Este é o caso de muitos radicais eruditos que, localizados na segunda posição, à maneira dos sufixos, vêm participando de formações em série, como *-logo*, *-latra*, *-grafo*, *-metro* e *-dromo*, como atesta Gonçalves (2011). Outra evidência seriam as formações a partir de *splinters*, elementos não concatenativos, como *-trocinio* (*patrocínio*, *capestrocinio*, *irmãotrocínio*) e *-drasta* (*mãedrasta*, *avódrasta*, *tiadrasta*), cada vez mais frequentes, que não se encaixam em nenhum dos dois polos da distinção derivação-composição (Gonçalves, 2011).

Casos como *irmãotrocínio* e *tiadrasta* ilustram o que se designa como processo concatenativo que advém de operações não concatenativas, como a fusão vocabular. Os processos concatenativos são aqueles baseados predominantemente em princípios morfológicos, dado que ocorre um encadeamento linear de formas³. Independentemente de o formativo ser classificado como afixo ou radical / palavra, o subsequente “se inicia exatamente no ponto em que outro termina” (Gonçalves, 2016 p. 67). De acordo com Bevilacqua e Silva (2021, p. 353-354), os processos “não concatenativos redefinem o conceito tradicional de “morfema”, pois há elementos (ditos não morfêmicos) que não atendem às condições de morfema apregoadas pela gramática, como significação e recorrência”.

Os processos não concatenativos seguem princípios morfofonológicos, pois, pautando-se também na prosódia, não respeitam os limites entre morfemas, sendo constituídos, muitas vezes, pela sobreposição de formativos (cruzamento vocabular: *PT* + *pentelho* > *petelho*), supressão de segmentos com manutenção semântica (truncamento: *motocicleta* > *moto*), repetição total ou parcial de sílabas (reduplicação: *vuco-vuco*), entre outros.

A morfologia não concatenativa, baseada tanto na morfologia quanto na prosódia, implica a constituição de formativos que não se encaixam na definição tradicional de morfema (menor unidade linguística dotada de significação), nem guardam as propriedades tipológicas dos morfemas, quer derivacionais quer

³ Concatenar é “ligar[-se], juntar[-se] numa cadeia ou sequencia lógica” (Houaiss, 2009).

composicionais. Em vista disso, torna-se necessário diferenciar os processos concatenativos, que motivam a distinção entre derivação e composição, dos não concatenativos, os quais demonstram a validade da proposta de *continuum*.

Os casos de formação considerados prototípicos pela tradição gramatical – a derivação e a composição – baseiam-se predominantemente na morfologia e são orientados por ideais concatenativos (Bye; Svenonius, 2012, p. 429-430), cuja constituição é centrada na concepção tradicional de morfema. Os ideais concatenativos são assim definidos:

- a. Precedência: constituem entradas lexicais disponíveis no léxico antes da formação e, por isso, são linearmente ordenados, nunca sobrepostos;
- b. Contiguidade: o formativo vizinho só começa onde o outro termina, os elementos não são descontínuos;
- c. Aditividade: são adicionados, não subtraídos;
- d. Preservação: um morfema é preservado quando outros morfemas são adicionados a ele;
- e. Autonomia segmental: o conteúdo segmental de um morfema é livre do contexto, isto é, a significação de um morfema não é determinada por uma entrada lexical ou por outro morfema;
- f. Disjunção: estão dissociados um do outro, não há haplologia⁴.

Os princípios elencados acima têm orientado as abordagens que colocam a derivação e a composição prototípicas no centro dos processos de formação de palavras, ao passo que outros processos, por serem muitas vezes considerados não morfêmicos, por não respeitarem os limites entre morfemas e por vincularem princípios fonêmicos e prosódicos, são encarados como idiossincráticos e, portanto, menos relevantes, o que é fartamente contrariado na literatura (Gonçalves, 2016). Contudo, estudos como os de Booij (2005), Kastovsky (2009) e Gonçalves (2012; 2016) têm mostrado que não convém determinar limites entre os processos da derivação e da composição, dado que as diferenças entre eles só podem ser estabelecidas considerando-se formas prototípicas e deixando de fora da descrição os casos limítrofes, os quais apresentam propriedades das duas operações morfológicas.

⁴ Haplologia é a mudança linguística que, no interior do vocábulo, consiste na supressão de uma de duas sílabas iguais ou semelhantes, contíguas (p.ex., *semínima* por *semimínima*, *tragicomédia* por *tragicocomédia*, *idolatria* por *idololatria* etc.).

3.2.1 Morfologia concatenativa

3.2.1.1 Composição

A composição prototípica pode ser definida como um processo de formação lexical que se fundamenta nos princípios da morfologia concatenativa, isto é, na justaposição linear de unidades morfológicas. Nesse domínio, incluem-se os vocábulos resultantes da combinação de duas ou mais palavras ou radicais que, ao se associarem, passam a constituir uma única unidade lexical. A tradição gramatical, ancorada sobretudo em critérios fonológicos, distingue a composição prototípica em justaposição e aglutinação (Bechara, 2002, p. 357; Cunha e Cintra, 2007, p. 119; Lima, 1982, p. 174).

Nas formações por justaposição, os constituintes mantêm sua integridade fonológica, preservando tanto os fonemas quanto a sílaba tônica de cada formativo, como se observa em *guarda-chuva*, *beija-flor* e *girassol*. Já nas formações por aglutinação, ocorre um grau maior de integração estrutural entre os elementos, frequentemente marcado por alterações fonéticas. Em geral, o primeiro formativo perde a vogal átona final ao se unir ao segundo, fenômeno que pode ser descrito como elipse ou crase, conforme exemplificam *planalto* e *aguardente*. Como consequência desse processo, o vocábulo resultante passa a apresentar apenas um acento, sinalizando a consolidação prosódica da unidade composta.

Do ponto de vista teórico, a composição tem sido interpretada de maneiras distintas, a depender do enquadramento metodológico adotado. Em uma abordagem estruturalista, a composição é concebida como a associação formal e significativa entre duas palavras ou radicais, cujo vínculo é simultaneamente morfológico e semântico (Câmara Jr., 1975). Já nos modelos de orientação gerativista, esse mecanismo é compreendido como o emprego de estruturas sintáticas com finalidade lexical, de modo que a formação de palavras compostas se apoia em princípios próprios da sintaxe, posteriormente reanalisados no léxico (Jackendoff, 1975).

A Morfologia Construcional, por sua vez, propõe uma leitura mais abstrata do fenômeno, ao considerar a composição como o preenchimento de esquemas construcionais generalizados, entendidos como moldes estruturais desprovidos de conteúdo lexical específico (Booij, 2010). Esses esquemas são ativados a partir do conhecimento lexical do falante e permitem a combinação de palavras já existentes na língua, desde que estabeleçam relações sistemáticas de ordem formal, sintática e

semântica. Tal perspectiva enfatiza o papel da competência lexical e da analogia na produtividade dos compostos.

Independentemente da abordagem teórica adotada, as palavras formadas por composição têm como ponto de partida duas bases, que podem ser livres — isto é, unidades que circulam autonomamente na língua e podem servir de base para novas formações — ou presas, caracterizadas por não ocorrerem isoladamente e por participarem apenas de estruturas morfológicamente complexas (Rondinini, 2004). Contudo, uma vez integradas no processo composicional, essas bases passam a funcionar como uma única unidade morfológica e semântica, o que implica uma reconfiguração do significado global, nem sempre redutível à simples soma dos sentidos dos constituintes.

Considerando que o produto da composição é, em grande parte, um substantivo, esse processo exerce uma função primordialmente denominativa ou rotuladora, constituindo um recurso altamente produtivo para nomear novos objetos, conceitos, práticas, eventos ou relações emergentes no campo da experiência humana. Nesse sentido, a composição desempenha papel central na expansão do léxico, especialmente em contextos de inovação científica, tecnológica e sociocultural. Além disso, no âmbito da teoria lexical, a composição é frequentemente associada à noção de liberdade combinatória, uma vez que, em princípio, não há restrições rígidas quanto à associação das unidades que integram um composto (Basílio, 1991). Tal característica reforça o caráter dinâmico do léxico e evidencia a capacidade criativa dos falantes na construção de novas formas lexicais.

3.2.1.2 Afixação

A afixação constitui um dos principais mecanismos de formação de palavras nas línguas naturais e abrange, de modo geral, dois grandes processos da derivação: a prefixação e a sufixação. Na tradição gramatical e em boa parte dos estudos morfológicos clássicos, estabelece-se uma distinção funcional entre esses dois procedimentos. Sustenta-se que os prefixos, embora sejam capazes de provocar alterações semânticas relevantes na base — como negação (*infeliz*), repetição (*refazer*), intensidade (*supervalorizar*) ou localização (*submarino*) —, não promovem mudanças na classe gramatical do vocábulo, preservando a categoria da palavra primitiva. Já os sufixos, ao contrário, são frequentemente associados à mudança categorial, uma vez que

podem transformar, por exemplo, verbos em substantivos (*julgar* → *juízo*), adjetivos em advérbios (*rápido* → *rapidamente*) ou substantivos em adjetivos (*nação* → *nacional*) (Lima, 1982, p.181; Basilio, 2000, p. 7; Kehdi, 1990, p. 27).

Essa diferenciação levou à concepção de que os prefixos, por não exercerem função de recategorização, não imporiam restrições quanto à classe gramatical das bases às quais se adjungem, podendo combinar-se livremente com substantivos, adjetivos ou verbos. No entanto, pesquisas mais recentes em morfologia derivacional e morfologia lexical têm problematizado essa visão excessivamente ampla. Figueiredo Silva e Miotto (2003) e Oliveira (2004) demonstram que a prefixação não é totalmente indiferente à categoria da base, havendo, em muitos casos, restrições sistemáticas de seleção categorial. Tal é o que ocorre, por exemplo, com *sem-* (Pereira, 2025), que se combina apenas substantivos: *sem-vergonha*, *sem-graça*, *sem-noção*.

Com efeito, observa-se que determinados prefixos apresentam preferência — ou mesmo exigência — por bases de classes específicas. Prefixos como *re-* tendem a se associar majoritariamente a verbos, indicando repetição ou retorno a um estado anterior (*refazer*, *reorganizar*), enquanto *anti-* ocorre com maior produtividade junto a substantivos e adjetivos, expressando oposição (*antiviral*, *antissocial*). De modo semelhante, *des-* combina-se com verbos e adjetivos para indicar reversão ou negação (*desligar*, *desleal*), mas apresenta restrições quando aplicado a outras categorias. Esses dados empíricos evidenciam que a prefixação, embora não altere a classe gramatical da base, opera sob condicionamentos morfológicos e categoriais, o que contraria a ideia de total liberdade combinatória tradicionalmente atribuída aos prefixos.

Dessa forma, a reavaliação do papel dos prefixos na formação lexical permite compreender a afixação de maneira mais precisa: ainda que a sufixação permaneça como o principal mecanismo de mudança categorial, a prefixação também revela regularidades estruturais e de seleção, devendo ser analisada não apenas em termos semânticos, mas igualmente sob uma perspectiva morfossintática e lexical mais refinada.

A derivação constitui um dos principais processos de formação de palavras e caracteriza-se pela atuação de uma única unidade de significação lexical, denominada base derivacional, à qual se acrescenta um afixo — prefixo, sufixo ou ambos simultaneamente, no caso da circunfixação —, dando origem a uma nova unidade lexical (Corrêa; de Lemos, 2005). Trata-se, portanto, de um mecanismo produtivo que

permite a expansão do léxico a partir de material linguístico já disponível na língua, respeitando padrões morfológicos relativamente estáveis.

Em comparação com a composição, a derivação é geralmente considerada um processo mais regular e previsível. Essa previsibilidade decorre do fato de que os afixos de uma língua formam um inventário limitado e sistemático, regido por regras que possibilitam: (a) no caso dos sufixos, a seleção de bases pertencentes a categorias gramaticais específicas; (b) a determinação da categoria gramatical do item derivado; e (c) a antecipação do significado do derivado com base na interação entre a base e o afixo. Assim, embora a criatividade lexical seja uma característica inerente às línguas naturais, a derivação opera dentro de limites estruturais que conferem maior estabilidade semântica e morfossintática às formações resultantes.

3.2.1.2.1 Derivação prefixal

Os prefixos são tradicionalmente definidos como elementos que se adjungem a uma base com a função primordial de modificar-lhe o sentido de forma acessória, sem, em regra, promover alteração de sua classe gramatical. Esse comportamento confirma o estatuto da prefixação como um processo tipicamente não recategorizador, diferentemente de outros mecanismos derivacionais. Não obstante, a literatura registra ocorrências marginais em que há mudança categorial, sobretudo em contextos envolvendo elementos menos prototípicos do sistema prefixal. Exemplos como *moral* → *imoral* e *vergonha* → *sem-vergonha* evidenciam a passagem de substantivos a adjetivos, indicando que tal fenômeno, embora não constituía o padrão dominante, é possível.

Nesse sentido, Lemos (2009) aponta formações como *antirrugas*, enquanto Alves (1993; 2002) destaca a ocorrência de recategorização em derivados com prefixos como *anti-* ('coleira *antipulgas*'), *extra-* ('atividade *extraclasse*') e *neo-* ('atitude *neo-nazista*'). Em todos esses casos, observa-se que a mudança categorial se restringe, de modo sistemático, à transposição de substantivos a adjetivos. Tal regularidade reforça o entendimento de que a alteração de classe não configura uma propriedade inerente à prefixação, mas antes um efeito periférico, condicionado por fatores semânticos e funcionais específicos.

Em síntese, os prefixos apresentam comportamento recorrente em formações regulares e exibem algumas propriedades centrais: (1) posicionam-se sempre à esquerda

da base; (2) derivam, frequentemente, de antigas preposições e advérbios do latim e do grego; (3) tendem a preservar a categoria gramatical da base à qual se unem; e (4) possuem um conteúdo semântico menos denso quando comparados aos sufixos (Gonçalves, 2016).

Uma característica fundamental dos prefixos é o fato de possuírem um valor semântico relativamente estável, o que lhes confere a capacidade de exercer uma seleção semântica sobre as bases às quais se associam. Em outras palavras, a combinação entre prefixo e base não é arbitrária: o significado do prefixo impõe restrições que limitam as possibilidades de coocorrência. O prefixo *re-*, por exemplo, expressa a noção de repetição ou retorno a um estado anterior e, por isso, associa-se preferencialmente a verbos que designam ações passíveis de reiteração, como em *reestruturar*, *reler* e *reconstruir*. A forma *remorrer*, por sua vez, é considerada estranha, uma vez que o verbo *morrer* denota um evento único e irreversível. A aceitabilidade de *renascer*, entretanto, demonstra que tais restrições podem ser flexibilizadas em contextos metafóricos, nos quais o sentido literal é deslocado para significar renovação espiritual ou transformação existencial.

Os valores semânticos veiculados pelos prefixos incluem, entre outros, as noções de negação, anterioridade, localização espacial ou temporal, oposição e quantificação, intensificação ou avaliação. Essa diversidade semântica explica a dificuldade, frequentemente apontada na literatura, de se estabelecer uma fronteira nítida entre prefixação e composição, especialmente em casos nos quais os elementos prefixais conservam traços lexicais, a exemplo de pseudo-, que constitui prefixo por várias das razões apresentadas (Gonçalves, 2011).

3.2.1.2.2 Derivação sufixal

A derivação sufixal é amplamente empregada quando se pretende adaptar uma ideia a uma distribuição gramatical distinta daquela da palavra primitiva. Isso ocorre porque os sufixos carregam, de forma mais evidente, informações relativas à classe gramatical do item derivado. Diferentemente dos prefixos, os sufixos não apenas modificam o significado da base, mas frequentemente redefinem seu estatuto morfossintático.

Entre as principais características dos sufixos, destacam-se: (1) sua posição fixa à direita da base; (2) a capacidade, em muitos casos, de determinar a categoria

gramatical do derivado; (3) a influência sobre a localização da sílaba tônica da palavra; e (4) a presença de um conteúdo semântico mais denso em comparação ao dos prefixos. Dessa forma, a sufixação desempenha papel central na organização do léxico, funcionando como um mecanismo privilegiado de categorização e recategorização lexical dentro do sistema linguístico.

3.2.2 Morfologia não concatenativa

Conforme destacado anteriormente, nem todos os processos de formação de palavras se ajustam às definições tradicionais que estabelecem uma separação rígida entre composição e derivação. Na realidade, esses processos constituem um dos principais argumentos a favor da aplicação de um *continuum* aos mecanismos de formação lexical, conforme proposto por autores como Booij (2005) e Gonçalves e Andrade (2012). Trata-se de fenômenos de fronteira que não se localizam plenamente em nenhum dos polos — nem no da composição, nem no da derivação —, mas que compartilham propriedades de ambos. Inserem-se nesse domínio intermediário processos como o cruzamento vocabular, o truncamento, a siglagem e determinados padrões de flexão, cuja análise evidencia a inadequação de classificações estritamente dicotômicas.

3.2.2.1 Cruzamento vocabular

O cruzamento vocabular (CV) é um processo que, à semelhança da composição, combina dois itens lexicais previamente existentes na língua. Diferentemente da composição prototípica, entretanto, o CV resulta de uma operação não concatenativa, uma vez que as bases são fundidas entre si sem a preservação clara dos limites vocabulares. Exemplos desse tipo de formação são *mautorista* (*mau*+*motorista*), *crionça* (*criança* + *onça*) e *batatalhau* (*batata* + *bacalhau*).

Embora o cruzamento vocabular possa parecer um procedimento idiossincrático ou fortemente marcado pela criatividade individual, ele revela regularidade quando analisado sob a perspectiva fonética e prosódica. Conforme observa Gonçalves (2005, p. 19), trata-se de um processo “regido, sobretudo, pela semelhança fônica entre as bases”, o que permite identificar padrões recorrentes e, conseqüentemente, estabelecer uma tipologia relativamente estável.

Segundo Andrade (2008), os CVs podem ser classificados, ao menos, em três tipos principais de formação. O primeiro é o cruzamento por interposição (também denominado entranhamento ou impregnação lexical), no qual as duas bases compartilham material fonológico, fenômeno conhecido como ambimorfemia. Nesse caso, há reciprocidade de segmentos, traços ou sílabas entre as formas de base e a forma resultante, como em *apartamento* (*apertado*+*apartamento*), *namorido* (*namorado* + *marido*) e *burrocracia* (*burro* + *burocracia*).

O segundo tipo corresponde à combinação truncada, que se aproxima ainda mais da composição, pois não envolve compartilhamento direto de material fonológico. Há, contudo, perda de massa fônica e sobreposição no ponto de fusão das bases, como se observa em *toboágua* (*tobogã* + *água*), *futevôlei* (*futebol* + *vôlei*) e *forrogode* (*forró* + *pagode*).

Por fim, o terceiro tipo é a substituição sublexical, também denominada reanálise ou analogia. Nesse caso, uma unidade não morfêmica de uma palavra é reinterpretada como significativa e substituída por outra. Exemplificam esse tipo *bebemorar*, em que a primeira parte de *comemorar* é associada ao verbo *beber*, e *boadrasta*, em que a sílaba *ma-* de *madrasta* é reinterpretada como o adjetivo *má* e substituída por seu antônimo.

3.2.2.2 Truncamento

O truncamento é um processo caracterizado pelo encurtamento de uma palavra por meio da supressão de segmentos finais, preservando-se a sequência da margem esquerda. A forma encurtada passa, então, a funcionar como uma unidade lexical autônoma no discurso, como em *refri* (*refrigerante*), *cerva* (*cerveja*) e *flagra* (*flagrante*). Trata-se de um processo não concatenativo, uma vez que nem sempre o segmento suprimido ou o mantido correspondem necessariamente a unidades morfológicas reconhecíveis da língua. Como os princípios que orientam a supressão são predominantemente fonéticos, o truncamento admite o apagamento de sequências bastante variadas. Em casos que envolvem compostos neoclássicos e prefixos, obviamente, o truncamento é sempre morfêmico: *fono* (*fonoaudióloga*), *ex* (*ex-marido*), *gastro* (*gastroenterologista*) etc.

Contrariamente ao que se poderia supor, as formas truncadas obedecem a esquemas altamente regulares. Com base nas análises de Vazquez e Gonçalves (2005),

Gonçalves (2011) e Belchior (2014, 2016), é possível identificar três padrões principais. O primeiro corresponde às oxítonas resultantes da redução às duas sílabas leves iniciais, como *belê* (*beleza*), *preju* (*prejuízo*) e *deprê* (*depressão*). Nesses casos, o falante orienta-se pela estrutura prosódica da base, preservando o chamado pé fonológico, composto por duas sílabas leves.

O segundo padrão envolve formas truncadas com extensão entre uma e quatro sílabas, formadas pela manutenção do formativo localizado na margem esquerda da base, como em *pós* (*pós-graduação*), *lipo* (*lipoaspiração*), *hemato* (*hematologista*) e *otorrino* (*otorrinolaringologista*). Aqui, o elemento mórfico parece prevalecer sobre o fonológico, embora a regularidade prosódica se mantenha, já que as formas polissilábicas tendem a ser paroxítonas.

O terceiro padrão compreende truncamentos formados pelo segmento da margem esquerda da base até a consoante da sílaba tônica, acrescido da vogal temática nominal *-a*, como em *parça* (*parceiro*), *sarja* (*sargento*), *flagra* (*flagrante*), *cunha* (*cunhado*), *madruga* (*madrugada*) e *cerva* (*cerveja*). O traço distintivo desse grupo é a adjunção da vogal *-a*, ausente nos demais tipos, nos quais ocorre apenas o encurtamento da base.

3.2.2.3 Siglagem

O processo denominado siglagem, responsável pela constituição de siglas, é amplamente difundido em diversas áreas de atuação humana e atende principalmente a função de rotulação. Por meio dele, são nomeadas organizações (*ONG* - Organização Não Governamental), instituições (*IBGE* - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), empresas (*SBT* - Sistema Brasileiro de Televisão), situações do dia a dia (*DR* - discutindo a relação) entre outras.

Trata-se de um processo tão legítimo e tão inserido nas práticas sociais cotidianas que as siglas até mesmo servem de palavras primitivas na formação de derivados por sufixação. Tal é o caso de *petista* (*PT* [partido dos trabalhadores] + *ista*) e *pibinho* (*PIB* [Produto Interno Bruto] + *inho*). Além disso, admitem flexão de número, indicada pelo acréscimo do formativo *-s*, como em *ONGs* e *CDs*. Esses fatos evidenciam que as siglas passam a comportar-se como nomes plenamente integrados ao léxico da língua (Lima, 2016).

Segundo Abreu (2009), as siglas podem ser classificadas como alfabetismos, quando são pronunciadas por meio da soletração das iniciais (*UFRJ*: Universidade Federal do Rio de Janeiro, *PMDB*: Partido do Movimento Democrático Brasileiro) ou como acrônimos, quando são realizadas foneticamente como palavras da língua (*UERJ*: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, *USP*: Universidade de São Paulo).

Ademais, as siglas podem ser formadas a partir de diferentes estratégias, configurando uma tipologia variada. Algumas derivam dos fonemas iniciais do nome composto, enunciados de forma soletrada (*CTI*: Centro de Tratamento Intensivo) ou organizados em sílabas com o acréscimo de vogais paragógicas (*CIEP*: Centro Integrado de Educação Pública). Outras são constituídas por sílabas iniciais (*EMBRATEL*: Empresa Brasileira de Telefonia, *DETRAN*: Departamento de Trânsito) ou por segmentos de palavras maiores que a sílaba (*PETROBRAS*: Petróleo Brasileiro) (Azeredo, 2004; Sandmann, 1988). Há ainda casos em que se incorporam palavras inteiras, como em *Embrafilme* (Empresa Brasileira de Filmes).

Certas formações combinam diferentes estratégias, como ocorre em *Bradesco* (*Banco Brasileiro de Descontos*). Nesse caso, observa-se uma espécie de ambimorfemia, uma vez que o fonema inicial /b/ representa simultaneamente *banco* e integra a sílaba inicial de *brasileiro*. O restante da palavra resulta das sílabas iniciais de *descontos*, com alteração da vogal nasal (õ) para oral (o). O resultado é uma palavra que, apesar de ser uma sigla, enquadra-se perfeitamente nos padrões fonéticos do português. De fato, a terminação *-esco* coincide com um sufixo relativamente produtivo na língua, presente em formações como *parentesco*, *pitoresco* e *gigantesco*, cujo significado é “relativo a” ou “próprio de”. Nesse sentido, o nome do banco denota a ideia de um banco próprio do brasileiro ou feito sob medida para o brasileiro.

Esses dados indicam que a formação da sigla é orientada por fatores morfofonêmicos e pela busca da eufonia, entendida aqui como a capacidade de a forma criada soar vernácula, isto é, compatível com os padrões fonológicos do português. Para Rosa (2009), um elemento que contribui para a sensação de boa sigla é a capacidade de o vocábulo gerar algum tipo de redundância pela associação a outro lexema vinculado semanticamente. A respeito disso, Câmara Jr. (1977, p. 40) observa a tendência das siglas de “associarem-se a raízes da língua parônimas ou homônimas, cuja significação a isto se presta”. O autor exemplifica com *SAPS* (Serviço de Alimentação da Previdência Social) que remete a raiz *sap-* de *sapere*, que significa “saborear”. Também

servem de exemplo *Arena* (Aliança Renovadora Nacional), *Siga* (Sistema Integrado de Gestão Acadêmica) e *Rota*⁵ (Rondas ostensivas Tobias de Aguiar).

3.2.2.4 Padrões de flexão e expansão lexical

Por fim, considerem-se os padrões de flexão que têm contribuído para a ampliação lexical do português. Esses padrões correspondem a modelos de mudança de significado, de uso ou mesmo de classe gramatical instanciados pela flexão verbal. Tal fenômeno contraria um dos princípios fundamentais da morfologia tradicional, segundo o qual as unidades flexionais não originam novas palavras, mas apenas realizam uma mesma unidade lexical de acordo com exigências sintáticas e discursivas.

De fato, ao conjugar um verbo em uma de suas múltiplas formas, não se estaria, em princípio, criando novos vocábulos; mas apenas atualizando uma palavra conforme categorias como tempo, modo, número, pessoa e aspecto. Nesse sentido, os elementos derivacionais distinguem-se dos flexionais por terem como finalidade principal a expansão do léxico.

Contudo, de acordo com Vivas (2016, p. 121), “no uso efetivo da língua, a flexão verbal pode servir a outras intenções do falante, adquirindo novos significados, atuando como outras classes e até servindo à expansão lexical”. Com efeito, de maneira cada vez mais frequente, as desinências de tempo e modo (DMT) e as de número e pessoa (DNP) têm adquirido novas funções de uso, exprimindo juízos de valor, positivo ou negativo, sobre situações ou referentes. Desse modo, tem-se notado nessas formas flexionais a mesma expressividade que caracteriza as derivacionais.

Algumas formas verbais cristalizadas no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, por exemplo, adquirem um papel pragmático em determinados contextos, revelando uma percepção quer negativa quer positiva por parte do falante. As formas *tomara*, *pudera*, *quisera* e *dera* (quando precedida da forma pronominal *quem*) assumem um sentido interjectivo, apresentando uma avaliação positiva em determinadas situações.

Não deixa de chamar a atenção que essas formas, bastante frequentes na comunicação coloquial, se afastam, seja do ponto de vista semântico, seja do

⁵ Designação da tropa de elite da polícia militar de São Paulo, criada, na década de 1970, para combater a esquerda armada durante a ditadura militar. Fonte: <https://www.metropoles.com>.

pragmático, dos verbos flexionados no pretérito mais-que-perfeito do indicativo que efetivamente exprimem as percepções de tempo, modo e aspecto; pois não indicam um evento anterior a outro também no passado. O fato de a forma sintética desse tempo praticamente não ser mais empregada na fala cotidiana contribui para assinalar ainda mais esse afastamento. Parece que o uso da desinência *-ra* “se especializou em realizar a função pragmática de indicar uma impressão sobre algo” (Vivas, 2016, p. 123).

O fato de haver relativamente poucos exemplos desse uso ressalta a não composicionalidade das formas elencadas acima, isto é, o efeito de sentido gerado por elas não é explicado pela combinação entre um radical verbal qualquer e a desinência modo temporal do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, já que o processo não pode ser reproduzido indiscriminadamente com quaisquer formativos.

A função interjetiva de avaliação também é encontrada em formações no pretérito perfeito do indicativo, geralmente na terceira pessoa do singular. Dados como *firmou*, *demorou* e *fechou*, por um lado, exprimem uma conotação positiva, ao passo que expressões como *babou*, *sujou* e *ferrou*, por outro, veiculam uma carga negativa.

Dados mais recentes apontam para a maior produtividade das desinências do pretérito perfeito do indicativo em comparação com as formadas pela desinência do pretérito mais-que-perfeito, que são mais limitadas, já que não formam novos dados na língua. O uso a que Vivas (2016) convencionou chamar de “padrão demorou” tem sido aplicado inclusive a radicais não verbais. Expressões como *sextou* e *sabadou*, relativas a dias da semana, revelam a positividade com que a chegada desses dias é percebida pelo falante. Também as construções *quarentei* e *cinquentei*, na primeira pessoa do singular, destacam a naturalidade com a qual o experienciador procura lidar com essa etapa da vida em que se amplia a percepção dos limites.

O padrão de flexão no pretérito perfeito também tem sido aplicado a formas com função adjetival. Vivas (2016) apresenta os exemplos *roupa cheguei* e *olhar caguei*, em que *cheguei* equivale a algo com chamativo, espalhafatoso, e *caguei* significa indiferente. Esses dados demonstram que as DMTs e DNPs não são absolutamente estáveis do ponto de vista categorial, mas participam de construções que podem ser interpretadas holisticamente, isto é, o significado é constituído pelo todo não pela combinação das partes.

4 DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DOS DADOS DO *CORPUS*

Neste capítulo, procedemos à descrição dos dados que correspondem ao nosso *corpus* de pesquisa. Os dados que expomos a seguir foram recolhidos de sites de notícias, como O Globo e Hojeemdia; das redes sociais, como twitter, instagram e facebook; além de blogs e sites diversos, no período compreendido entre março de 2020 e dezembro de 2022. Embora estejamos interessados nos vocábulos formados no período pandêmico, não nos limitamos à temática médica da pandemia, mas incluímos qualquer palavra que se tenha formado ou popularizado no período, em que o mundo inteiro se viu voltado a tentativas de superar a crise sanitária de diversas maneiras, não apenas na área da saúde. Nosso objetivo é descrever os processos de formação lexical envolvidos nas formações criadas em decorrência da covid-19. Começamos com os processos concatenativos.

4.1 Processos concatenativos

Os processos concatenativos referem-se aos processos ditos “comportados”, nos quais os constituintes morfológicos se enquadram na definição tradicional de morfema, isto é, menor unidade linguística dotada de significado e recorrência (Bloomfield, 1933, p. 120), e em que os formativos obedecem aos limites de sucessão estrita de unidades morfológicas. Dito de outra forma, um formativo só começa no exato ponto em que outro termina, de modo que o encadeamento das formas linguísticas é regular e linear. Trata-se da composição e da derivação.

Tomando como base os trabalhos de Gilbert, (1975), Alves (1990) e Barbosa (2007), dividimos os processos em fonológicos, sintagmáticos ⁶, semânticos e alogenéticos.

4.1.1 Neologismo Fonológico

O neologismo fonológico é o vocábulo criado sem se tomar como base qualquer elemento preexistente na língua. A palavra formada dessa maneira não obedece a

⁶ Embora os autores empreguem o termo ‘sintático’, fica claro, em suas explanações, que se referem às formações resultantes da combinatória de formativos. Por isso, julgamos mais adequada a utilização do termo ‘sintagmático’.

nenhuma lógica linguística e resulta em uma criação lexical absolutamente inédita. Essa ocorrência é bastante rara qualquer que seja o idioma. Isso se dá porque a língua, embora seja uma competência individual, funciona coletivamente. Para haver eficácia da comunicação, é preciso que os falantes decodifiquem os elementos empregados no ato comunicativo e essa decodificação só acontece se esses elementos forem de conhecimento prévio dos interlocutores ou se podem ser interpretados levando em consideração outros elementos preexistentes. Dessa forma, é a própria língua e a dinâmica entre os interlocutores que constituem uma barreira para esse tipo de formação.

Os neologismos fonológicos podem originar-se de formações onomatopaicas, as quais procuram imitar a realidade por elas representadas. É o caso de *plim-plim*, *tilintar*, *miau*, *zunzum* entre outras. Também são neologismos fonológicos as formações do tipo ex-nihilo, criação de um novo significante a partir do nada. São exemplos desse caso os adjetivos depreciativos *catilanga*, *mocreia* e *baranga*, utilizados em referência a mulheres desprovidas de atributos físicos (Gonçalves, 2012).

Na criação onomatopaica, a construção do novo vocábulo é sustentada por uma representação sonora, muito embora esta seja convencionalizada. Isso explica o motivo pelo qual surgem onomatopéias distintas para designar o mesmo som em línguas diferentes, como é o caso do *au-au*, para o português, e *woof woof*, para o inglês. Dentro do nosso *corpus*, a palavra *zoom* constitui originalmente uma formação onomatopaica. Ela foi cunhada para representar o som produzido pela máquina fotográfica ao se utilizar a ferramenta de aproximação da imagem e, metonimicamente, passou a dar nome ao recurso. A expressão *dar um zoom* veio a significar, portanto, “trazer para perto”.

O *zoom* que apresentamos em nossa pesquisa, no entanto, é um neologismo com outra trajetória. Ele não foi criado na tentativa de representar o som de um aparelho tecnológico. Em vez disso, baseia-se no significado que a onomatopeia veicula. Nomeia um aplicativo que permite a interação de pessoas que estão em lugares diferentes como se as trouxesse para perto, largamente utilizado para se estabelecer comunicação remota com fins profissionais e educativos durante o isolamento. Portanto, esse *zoom* não é uma onomatopeia, mas um neologismo semântico que, criado em inglês, foi logo importado por nós.

Figura 1: Logomarca do aplicativo de reuniões virtuais “zoom”



Fonte: <https://doity.com.br/blog/como-utilizar-o-zoom/>

4.1.2 Neologismos Sintagmáticos

Ao descrever o neologismo sintagmático, Gilbert (1975), empregando o termo “sintático”, fundamenta-se diretamente na clássica dicotomia saussuriana entre sintagma e paradigma. Tal dicotomia constitui um dos pilares da linguística estrutural, ao estabelecer dois eixos fundamentais de organização da língua: o eixo da combinação e o eixo da seleção. A compreensão desses dois tipos de relações é indispensável para a definição dos neologismos que emergem da combinação de unidades linguísticas já existentes.

Segundo Saussure, a língua apresenta um caráter linear, uma vez que os signos linguísticos se realizam no tempo e se encadeiam na cadeia da fala ou da escrita. Os elementos que se sucedem nessa cadeia estabelecem entre si relações baseadas na extensão, formando sintagmas. Um sintagma é constituído por duas ou mais unidades consecutivas que adquirem valor não de maneira isolada, mas em função de sua oposição e solidariedade com os elementos que as precedem e as sucedem. Assim, cada unidade linguística — seja um fonema, um morfema, uma palavra, um grupo de palavras ou mesmo uma oração — mantém relações sistemáticas com os demais elementos que ocupam posições adjacentes na cadeia discursiva.

Desse modo, o sintagma corresponde às relações lineares e combinatórias efetivamente realizadas no discurso, isto é, às combinações horizontais de signos que se manifestam *in praesentia*. Trata-se, portanto, do domínio das associações concretas e observáveis entre unidades linguísticas, responsáveis pela construção do sentido no uso efetivo da língua.

Em contraste com essas relações de combinação, Saussure identifica as relações paradigmáticas, que se estabelecem não pela extensão, mas pela memória. Elementos que compartilham traços formais ou funcionais semelhantes organizam-se em conjuntos associativos, nos quais um termo pode substituir outro sem que ambos coexistam na mesma cadeia discursiva. Conforme afirma o autor, “a relação sintagmática existe *in praesentia*, pois repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. A relação paradigmática, ao contrário, une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual” (Saussure, 1975, p. 143).

O paradigma, assim, refere-se às relações de substituição entre unidades pertencentes à mesma categoria, capazes de ocupar o mesmo lugar na cadeia linguística, embora não apareçam juntas no discurso. No funcionamento da língua, o valor de uma palavra resulta tanto de sua oposição aos elementos que a precedem e sucedem (relações sintagmáticas) quanto de sua oposição aos termos que poderiam ocupar a mesma posição, mas foram excluídos da escolha do falante (relações paradigmáticas). A produção discursiva decorre, portanto, da interação contínua entre esses dois eixos.

Para Saussure, o conceito de sintagma possui um alcance particularmente amplo, aplicando-se “não só às palavras, mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras)” (Saussure, 1975, p. 144). Essa concepção extensiva permite que o sintagma seja compreendido como um princípio organizador geral da língua, que atravessa todos os níveis de análise linguística.

É nesse enquadramento teórico que Gilbert, como estruturalista de orientação saussuriana, descreve os neologismos formados a partir da combinação e do arranjo de elementos preexistentes na língua. Ao observar que processos como a derivação e a composição envolvem a seleção e a disposição linear de unidades lexicais e morfológicas, o autor propõe classificá-los como neologismos sintáticos (aqui denominados de sintagmáticos). O gráfico a seguir ilustra precisamente a aplicação dos conceitos de sintagma e paradigma à formação de palavras, evidenciando que tanto na composição quanto na derivação duas ou mais unidades se encadeiam na cadeia da fala ou da escrita, estabelecendo uma relação de solidariedade cujo valor emerge da interação entre os constituintes na unidade superior.

Gráfico 1: Eixo paradigmático e eixo sintagmático



Fonte: Elaborado pelo autor

Para Gilbert, é possível falar em uma verdadeira “sintaxe lexical”, na medida em que o sistema linguístico dispõe de um conjunto finito de elementos — afixos, palavras e outros tipos de unidades morfológicas, como splinters e radicais — que podem ser combinados segundo padrões regulares. Esses padrões permitem a geração potencialmente infinita de novas unidades lexicais por meio dos processos de derivação e composição. Assim, ainda que o inventário de unidades básicas seja limitado, as possibilidades combinatórias do sistema asseguram a produtividade e a renovação contínua do léxico.

Consequentemente, Gilbert inclui as palavras formadas por derivação e composição, isto é, por processos baseados na seleção e no arranjo linear de formativos, em uma categoria ampla designada neologismo sintático. Essa nomenclatura foi posteriormente adotada por diversos autores, inclusive no contexto brasileiro, como Alves (1990, 2000) e Jesus (2018).

Entretanto, considera-se mais adequado empregar o termo *neologismo sintagmático* em lugar de *neologismo sintático*. A designação *sintático* remete, de modo mais restrito, ao componente da gramática tradicionalmente situado em um nível imediatamente superior ao da morfologia, responsável pela organização das palavras em

sintagmas e orações. Nessa perspectiva, os processos de formação de palavras estariam fora do escopo da sintaxe propriamente dita. Já o termo *sintagmático* apresenta um alcance conceitual mais amplo, pois se refere ao princípio geral de combinação linear que permeia todos os níveis da língua, em virtude de sua natureza segmental e combinatória.

A adoção do termo *sintagmático* contribui, ainda, para evitar possíveis ambiguidades teóricas, sobretudo a confusão com abordagens descritivas, como a gerativista, que interpretam certos processos de formação de palavras — notadamente a composição — como resultantes da atuação direta do componente sintático (Jackendoff, 1975). Ao optar por *neologismo sintagmático*, delimita-se com maior precisão o escopo da análise, situando-a no domínio da organização linear e combinatória das unidades lexicais, sem pressupor a intervenção do nível sintático da gramática.

Estabelecido esse ajuste terminológico, torna-se possível proceder à descrição dos neologismos sintagmáticos propriamente ditos, isto é, daqueles formados pelos processos de composição e derivação, entendidos como mecanismos fundamentais de expansão lexical baseados na articulação linear de elementos preexistentes no sistema da língua.

4.1.2.1 Composição

Conforme destacado anteriormente, a composição é tradicionalmente considerada, no conjunto dos processos de formação de palavras, o domínio da maior liberdade combinatória. Isso se deve ao fato de que, diferentemente da derivação afixal — marcada por restrições formais, posicionais e semânticas—, a composição permite a associação de unidades lexicais plenas sem que se imponha, a priori, um inventário fechado de combinações. Em princípio, qualquer palavra pode funcionar como base de um composto, desde que a combinação resulte interpretável para os falantes.

Não surpreende, portanto, que em contextos de intensa reorganização social e simbólica, como o período da pandemia de covid-19, a composição tenha se revelado um mecanismo particularmente produtivo. A necessidade de nomear realidades inéditas, práticas emergentes, categorias sociais específicas e fenômenos científicos ou administrativos favoreceu o recurso à criatividade lexical, e as formações compostas passaram a constituir um conjunto expressivo entre os neologismos registrados nesse período.

Do ponto de vista estrutural, uma palavra composta pode ser formada por bases pertencentes à mesma classe gramatical — como substantivo + substantivo (N+N), adjetivo + adjetivo (Adj+Adj) ou verbo + verbo (V+V) — ou por bases de classes distintas, como substantivo + adjetivo (N+Adj), verbo + substantivo (V+N), adjetivo + substantivo (Adj+N) e substantivo + sintagma preposicionado (N+prep+N), entre outras possibilidades.

O *corpus* analisado neste estudo contempla ambos os tipos de formação, conforme sintetizado na tabela 1. Observa-se que, embora a composição admita formalmente uma ampla variedade de esquemas combinatórios, alguns padrões mostram-se mais produtivos do que outros, sobretudo aqueles que refletem relações semânticas transparentes e recorrentes no uso discursivo.

Tabela 1: Esquemas combinatórios da composição

Formativos com a mesma distribuição gramatical		Formativos com distribuições gramaticais diferentes			
N+N	Adj+Adj	N+prep+N	N+Adj	Adj+N	V+N
governador-cantor coronaplauso coronavírus covidmaníaco paciente zero ⁷ videoconferência	falso-positivo falso-negativo	alquingel grupo de risco	covid longa educação remota ensino remoto ensino híbrido média móvel trabalhador essencial trabalho essencial auxílio	novo normal	testar positivo tranca rua

⁷ Tratamos *zero* como nome e não como numeral, pois concordamos com Azeredo (2008), para quem “numeral é uma propriedade semântica de uma subclasse dos nomes. Do ponto de vista gramatical, não há nenhuma razão para conferir uma classe à parte a essas palavras que expressam quantidade exata.

			emergencial distanciamen to social/físico		
--	--	--	--	--	--

Fonte: elaborado pelo autor

A tabela 1 evidencia ainda que as palavras compostas podem obedecer a diferentes convenções ortográficas. Algumas formações apresentam escrita contínua, sem hífen (*coronavírus*); outras recorrem ao hífen (*falso-negativo*); e há ainda aquelas grafadas como sequências separadas por espaço em branco (*paciente zero*, *covid longa*). Embora a normatização ortográfica da composição não constitua o foco deste trabalho, é relevante reconhecer que a representação gráfica interfere diretamente na percepção intuitiva do falante sobre o estatuto lexical dessas unidades.

As convenções ortográficas associadas à composição são frequentemente explicadas com base na noção de composicionalidade semântica: quanto maior a fusão de sentido entre os constituintes, maior a tendência à escrita contínua; quanto menor essa fusão, maior a probabilidade de grafia separada. Contudo, essa correlação não é absoluta, e a percepção do que constitui uma “palavra” não pode ser reduzida à sua forma gráfica.

Surge, então, um problema central: como distinguir um composto de um simples sintagma no nível da oração? Como determinar se uma sequência formada por duas palavras livres (N+N, N+Adj, V+N) ou por uma palavra livre associada a um sintagma preposicionado (N de N, N em N) constitui efetivamente uma unidade lexical e não apenas uma combinação sintática ocasional?

Diante dessa questão, torna-se necessário caracterizar a palavra composta não apenas pelo fato de conter mais de um elemento lexical, mas sobretudo por suas propriedades estruturais enquanto palavra, isto é, por traços que a distinguem de outras unidades combinatórias do sistema linguístico (Basílio, 2000).

4.1.2.1.1 A noção de palavra: dimensão fonológica, morfológica e semântica

A dificuldade em estabelecer o que seja uma palavra decorre, em grande medida, do fato de que essa unidade pode ser abordada a partir de diferentes perspectivas — fonológica, morfológica, semântica e gráfica — cujos critérios nem sempre coincidem.

Mattoso Câmara Jr. sintetiza essa problemática ao distinguir dois tipos de vocábulo na língua oral:

De um lado, há o vocábulo fonológico, que corresponde a uma divisão espontânea na cadeia da emissão vocal. De outro lado, há o vocábulo formal ou mórfico, quando um segmento fônico se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua. (CÂMARA Jr., 2007, p. 34)

O vocábulo fonológico, também denominado palavra prosódica (pword, PrWd, simbolizada como ω) ocupa uma posição intermediária na hierarquia prosódica: é superior à sílaba e ao pé métrico⁸ e inferior ao grupo clítico⁹ e a frase entoacional¹⁰. Sua principal característica é a presença de um único acento principal, o que implica que não há isomorfia necessária entre palavra fonológica e palavra morfológica.

Assim, um mesmo vocábulo morfológico pode corresponder a mais de uma palavra fonológica, como ocorre em *rapidamente*, que apresenta dois acentos, ou, inversamente, uma palavra fonológica pode englobar mais de um vocábulo morfológico, como em *lembrá-lo*, em que o clítico átono se apoia prosodicamente no verbo.

No caso dos compostos por justaposição, verifica-se a existência de um único vocábulo morfológico constituído por duas palavras fonológicas. Como observa Câmara Jr. (2007), em exemplos como *guarda-chuva*, dois vocábulos fonológicos passam a constituir um só vocábulo formal, mantendo, entretanto, a pauta acentual das palavras-base.

Do ponto de vista semântico, a definição de vocábulo mórfico proposta por Mattoso Câmara — “segmento fônico que se individualiza em função de um significado específico” — permite compreender o composto como uma combinação de bases que formam uma unidade de sentido. Nessa perspectiva, a composição implica algum grau de integração semântica entre os constituintes.

⁸ O pé é a unidade rítmica básica que consiste na combinação de sílabas fortes e fracas organizadas em um pico de sonoridade grupos de sílabas organizam-se para formar pés, que, por sua vez, combinam-se para constituir a palavra prosódica (Bisol, 2004).

⁹ Grupo clítico refere-se à combinação de uma palavra prosódica e um clítico, palavras funcionais átonas, de variadas classes morfológicas, que se apoiam na sílaba tônica da palavra prosódica (Bisol, 2004).

¹⁰ A frase entoacional é um dos constituintes prosódicos responsáveis por dividir a mensagem em “blocos” de determinados tamanhos dotados de estrutura interna. É caracterizada por um padrão de entoação que inclui altura, ritmo e tom de voz para transmitir significado e intenção. (Soncin e Teneni, 2010)

Cunha (2007), por sua vez, associa a unidade semântica do composto ao afastamento de sentido em relação às palavras que o compõem. Para o autor, a palavra composta veicula uma ideia única e autônoma, frequentemente dissociada das noções expressas por seus elementos constitutivos, como em *criado-mudo*, *vitória-régia* e *pé-de-galinha*.

Esse critério, contudo, revela-se excessivamente restritivo, pois excluiria da categoria de compostos formações amplamente reconhecidas, como *mesa de tênis*, *chinelo de dedo* e *relógio de pulso*, nas quais o significado global permanece relativamente transparente (Smarsaro, 2004). Por essa razão, diversos autores defendem que a composicionalidade deve ser concebida como um *continuum*, e não como uma propriedade binária.

Luft (2002, p. 131) propõe, assim, a noção de diferentes graus de composicionalidade, observando que a fusão semântica entre os constituintes pode estar completa, parcial ou ainda em processo de consolidação. Para o autor, a fusão semântica entre os componentes em benefício de uma nova ideia nem sempre está completa, ocorrendo combinações em “fase de transição” ou em “via de composição”. Assim, em ‘*guarda-chuva*’, é nítida a ideia de um objeto que “guarda da chuva”; entretanto, ‘*mandachuva*’ não designa o sujeito que “manda chuva”. Segundo o autor, são os diferentes graus de composicionalidade que explicam as distintas opções ortográficas, numa correspondência entre fusão semântica e fusão gráfica, em que os compostos com maior dissociação semântica são escritos em sequência (*parachoque*), os com baixa dissociação sem qualquer ligação gráfica (*salário mínimo*) e os em situação intermediária com o hífen (*porta-bandeira*)¹¹. Embora essa alegada correspondência entre grau de composicionalidade e convensão ortográfica seja questionável, o composto encontra-se num *continuum* cujos extremos representam a maior e a menor dependência semântica em relação aos elementos primitivos.

Para ilustrar os diferentes graus de transparência dos elementos primitivos, tomemos os três exemplos acima. Um *parachoque* é uma peça que, instalada na dianteira e traseira dos veículos, absorve parte do impacto em colisões de baixa velocidade, reduzindo os danos ao veículo e aos ocupantes. Porém, o equipamento não ‘para o choque’, ou seja, não impede que o impacto seja transferido para o veículo como

¹¹ Na prática, essa lógica não se aplica generalizadamente, visto que critérios, como a tradição (“grafias consagradas pelo uso”), figuram entre fundamentos mais objetivos, reduzindo a coerência das regras ortográficas para as palavras compostas.

um todo. Assim, o sentido do composto é não composicional, pois sua interpretação não se dá totalmente pela decodificação das partes. Já na palavra *porta-bandeira*, palavra que designa o indivíduo que leva a bandeira num desfile, parada ou procissão, fica nítida a noção de carregar a bandeira. Mesmo assim, não há nenhum elemento no vocábulo que indique pessoa, por mais transparente que possa parecer. O composto poderia significar, por exemplo, um suporte designado à instalação de uma bandeira. Finalmente, a palavra ‘salário mínimo’, o menor valor que um trabalhador formal deve legalmente receber pelas atividades que realizou durante um mês, têm um sentido bastante transparente como resultado da interpretação de suas partes. Não obstante, o termo adquire uma conotação legal e corresponde a um valor monetário específico que é atualizado com alguma regularidade. A frase em (4) ajuda a demonstrar a diferença entre o sentido genérico veiculado pela combinação dos vocábulos *salário* e *mínimo* num sintagma e a conotação particular do composto. Portanto, mesmo nos casos de baixa dissonância semântica, é possível evidenciar algum grau de não composicionalidade.

- (4) O salário mínimo que já recebi foi de cinco salários mínimos.

Dado que, em muitos casos, os sentidos primitivos persistem com alguma nitidez, a não composicionalidade não constitui um critério categórico para se definir uma palavra composta; entretanto, faz parte do feixe de características que a sinalizam. A noção de composicionalidade é um traço que permite determinar o grau de lexicalização em que se encontra um sintagma num processo que admite diferentes estágios. Nesse sentido, quanto mais lexicalizada uma estrutura, menor será sua composicionalidade, isto é, menor será a relação de sentido entre as partes e o todo, já que o sintagma é interpretado holisticamente. Em todos os casos, porém, o composto apresentará, em alguma medida, uma unidade de sentido não veiculada pela combinação espontânea das partes que o formam.

Além da dimensão semântica, a composição é caracterizada por propriedades sintáticas específicas. Carone (1986) define a composição como um processo pelo qual uma construção sintática se cristaliza, dando origem a uma unidade lexical fixa. Como consequência, o sintagma original torna-se bloqueado, isto é, passa a resistir a operações sintáticas produtivas na língua.

Esse bloqueio manifesta-se principalmente por meio de duas propriedades: a inseparabilidade e a irreversibilidade. Tais propriedades podem ser testadas empiricamente por operações como apagamento, inversão, substituição e inserção. A impossibilidade ou forte restrição à aplicação dessas operações indica que a sequência em questão deixou de funcionar como sintagma livre e passou a integrar o léxico como unidade autônoma (Biderman, 1978).

Adicionalmente, os compostos distinguem-se de sintagmas paralelos por apresentarem bloqueio semântico-estrutural. A semântica do composto impõe restrições à seleção de complementos e modificadores, criando incompatibilidades que não ocorreriam em construções sintáticas livres. Os exemplos em (5) evidenciam que o composto opera como uma unidade lexical dotada de propriedades próprias, distintas daquelas das combinações frasais correspondentes.

(5)

- a) *O copo de leite que eu bebi foi colhido no jardim.
- b) *O pé de meia que foi esquecido no varal não foi suficiente para comprar um carro zero.

A incongruência das construções apresentadas em (5) pode ser atribuída a restrições estruturais decorrentes da interação entre a semântica do composto e os limites impostos pelas orações relativas que o seguem. Uma vez que tenha sido selecionado o verbo *beber*, impõe-se uma restrição semântico-estrutural para qualquer palavra relacionada à semântica da flor. Da mesma maneira, o pé de meia esquecido no varal não pode significar a reserva financeira que poderia ser usada para comprar um carro. Nesse sentido, o composto forma uma unidade de sentido com propriedades semântico-estruturais que diferem do sintagma oracional correspondente, passando a selecionar vocábulos dentro de um campo semântico específico, ao passo que rejeita outros. No quadro a seguir, resumimos as ideias apresentadas:

Tabela 2: Propriedades de uma palavra composta

Propriedades de um composto	
Critérios	Explicação

1) Não composicionalidade	O sentido do composto se afasta do veiculado pela combinação entre as partes
2) Inseparabilidade / irreversibilidade	Testes: a) apagamento: não é possível eliminar nenhum dos formativos; b) inversão: não é possível alterar a ordem das palavras; c) substituição: não se pode substituir por um sinônimo ou palavra correspondente; d) inserção ou intercalação: não se pode acrescentar vocábulo intercalado.
3) Bloqueio semântico-estrutural	O composto passa a selecionar vocábulos de um campo semântico específico

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Biderman (1978), Carone (1986) e Smarsaro (2004).

Uma vez que tenhamos exposto as propriedades que caracterizam uma palavra composta, passemos a aplicação desses critérios a alguns itens elencados na tabela 1.

No que diz respeito a não composicionalidade, pode-se dizer que a interpretação das palavras do quadro é bem transparente, considerando o significado dos seus formativos, com exceção de *tranca rua(s)*, vocábulo proposto como alternativa ao termo *lockdown*, sob a justificativa que ele estaria mais de acordo com as referências brasileiras e inspiraria mais respeito, fazendo a população cooperar mais facilmente com as medidas de isolamento.

Figura 2: Tranca rua como alternativa a lockdown



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=898562220569113&set=lockdown-com-esse-nome-no-brasil-%C3%B1-vai-dar-certo-tem-gente-que-n%C3%A3o-entende-opens>

- (6) #TrancaRua: internautas abraçaram o termo **'lockdown'**: De acordo com internautas o termo "TrancaRua" faria com que os brasileiros respeitassem melhor as medidas de isolamento. (revistaoeste, 07/05/2020)¹²

O composto, que no exemplo em (6) é na realidade um neologismo semântico, corresponde a uma entidade espiritual cultuada nas religiões de matriz africana, como Umbanda e Quimbanda. Considerado uma figura importante e poderosa nesse segmento religioso, o Tranca rua (ou Tranca ruas) é um Exu e seu papel está relacionado à função de abrir ou fechar caminhos, tanto no mundo material quanto no espiritual. Além de inspirar respeito, pelo aspecto religioso, o emprego do termo Tranca rua estabelece uma comunicação mais direta, popular e objetiva do que lockdown.

Quanto à inseparabilidade/irreversibilidade, é possível notar que nem todas as palavras do quadro comportam-se como compostos, pois não necessariamente constituem sintagmas bloqueados. Tomemos como exemplo os sintagmas *novo normal* e *trabalhador essencial*.

- (7) Depois do 'novo normal', a pergunta da vez é: como voltar ao normal (UOL – 18/10/2021)¹³.
- (8) Trabalhador essencial e 'invisível' é maior vítima da pandemia no Brasil. Mortes de motoristas de caminhão e ônibus subiram mais de 400% (folhauol, 19/07/2021)¹⁴.

Devido ao uso generalizado e recorrente dos sintagmas em questão, haveria estranheza e até ruído de comunicação, caso se substituísse *novo normal* por algo como *normal contemporâneo* ou *novo comum*, *novo natural* ou *novo usual*. Tal estranheza se

¹²Disponível em <https://revistaoeste.com/brasil/trancarua-internautas-abraçaram-o-termo-lockdown/>.

¹³ Disponível em <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/10/18/depois-do-novo-normal-a-pergunta-da-vez-e-como-voltar-ao-normal.htm>.

¹⁴ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/trabalhador-essencial-e-invisivel-e-maior-vitima-da-pandemia-no-brasil.shtml>.

deve parcialmente ao conhecimento do falante da conotação particular que o sintagma *novo normal* passou a ter no contexto da pandemia. Contudo, não se pode deixar de destacar que os formativos comutados detêm especificidades de sentido, já que não constituem sinônimos perfeitos, (a construção *nova realidade*, por exemplo, não pareceria tão inadequada). É também a necessidade semântica, e não o bloqueio, que impede o apagamento de um dos formativos.

Além disso, a inversão *normal novo* não estaria bloqueada por não se tratar de um composto. Trata-se do um caso em que o adjetivo qualificador adquire sentido mais denotativo ao ser posicionado à direita do substantivo e mais conotativo quando anteposto¹⁵. A intercalação de vocábulo *o novo terrível normal* não parece resultar em construção impossível, de modo que o item *novo normal* não constitui um sintagma bloqueado.

O mesmo se dá com *trabalhador essencial*. Os testes de inseparabilidade e irreversibilidade revelam que o sintagma admite o apagamento, desde que contextualizado (os trabalhadores, com exceção dos essenciais, permanecem em total isolamento físico), ainda que nenhum dos formativos possa substituir o significado do todo. A intercalação também é possível (Trabalhador 'invisível' essencial é a maior vítima da pandemia no Brasil). No entanto, a inversão (*os essenciais trabalhadores são os mais injustiçados pelas medidas de isolamento) e a substituição (*Trabalhador fundamental é aquele cujo serviço, devido a sua natureza não pode ser interrompido) não se sustentam.

A inversão está impedida por ser *essencial* um adjetivo classificador¹⁶, tipo de adjetivo que deve ser empregado necessariamente posposto. Por outro lado, a substituição, nesse caso, parece indicar o bloqueio em algum grau, devido à estabilidade de uso do sintagma.

No que tange ao terceiro critério, o bloqueio semântico-estrutural, a análise revelou que o emprego de determinadas expressões no contexto pandêmico acabou bloqueando-as para o emprego em outros contextos, conforme se pode notar em (9):

¹⁵ A anteposição de adjetivos qualificadores quase sempre resulta em uma interpretação mais abstrata, subjetiva ou conotativa; ao passo que na posição canônica, após o substantivo, predomina o sentido concreto, objetivo ou denotativo: grande homem/ homem grande; nova professora/professora nova.

¹⁶ Adjetivo classificador, também chamado de adjetivo de relação (Cunha, 2007, p. 260), é aquele que expressa uma conexão ou pertencimento a algo como um lugar, tempo, material ou função, como trabalho *semanal*, casa *paterna* e vinho *francês*.

- (9) A concessionária da rodovia oferece *auxílio emergencial* a motoristas de carros enguiçados (?)

Apesar de aparentemente inteligível na frase, a expressão *auxílio emergencial*, empregada com um sentido diferente daquele constituído durante a pandemia - ou seja, valor em dinheiro pago às famílias com o objetivo de superar a situação de vulnerabilidade social durante o período de emergência de saúde pública - gera ruído de comunicação. O auxílio que as concessionárias de rodovias oferecem a motoristas inclui socorro mecânico, remoção do veículo, atendimento médico e informações sobre as condições da via. Entretanto, dado que o sintagma *auxílio emergencial* consolidou-se como referência à ajuda financeira, seu emprego em contextos distintos pode não ser bem acolhido pelo interlocutor e até mesmo suscitar interpretações equivocadas.

Incluimos aqui também, como critério, a noção de *chunking*, nos termos de Bybee (2016):

A principal experiência que aciona o *chunking* é a repetição. Se dois ou mais *chunks* menores ocorrem juntos com certa frequência, um *chunk* maior contendo os menores se forma. É uma propriedade tanto da produção quanto da percepção e contribui significativamente para a fluência e a desenvoltura nas duas modalidades. Quanto mais a sequência puder ser acessada junta, tanto mais fluente a execução, e a compreensão ocorrerá mais facilmente. (Bybee, 2016, p. 65, grifo do autor)

Segundo Bybee (2016), a elaboração de um *chunk* mais complexo se dá a partir da repetição combinada de *chunks* menores. Dessa maneira, os compostos podem ser explicados cognitivamente pelo fenômeno do *chunking*, dado que são estruturas realizadas frequentemente de maneira conjunta.

Nessa perspectiva, *chunks* menores são processados cognitivamente quer na produção quer na recepção como *chunks* maiores e, posteriormente adquirem as propriedades que elencamos como características dos compostos, isto é, 1) não composicionalidade; 2) inseparabilidade e irreversibilidade 3) e bloqueio semântico-estrutural.

Os exemplos acima demonstram que as propriedades dos grupos que potencialmente formariam palavras compostas se manifestam em diferentes estágios, revelando graus variados de composicionalidade, de regularização estrutural e de bloqueio semântico-estrutural. Ademais, dado tratarem-se de propriedades que desenvolvem ao longo do tempo, podendo intensificar-se gradativamente, no momento

da constituição do *corpus* desta pesquisa, quando objetivamos fazer um amplo inventário das inovações linguísticas, adotou-se como critério operacional a recorrência de uso: foram incluídas como compostos todas as combinações recorrentes de dois ou mais vocábulos dotados de referência específica no contexto pandêmico.

Estabelecidos esses parâmetros, torna-se possível aplicar os critérios descritos às formações do *corpus* e avançar para a análise tipológica das palavras compostas, distinguindo os diferentes esquemas estruturais que se revelaram produtivos durante o período analisado.

Para Alves (1990), é possível notar nas palavras compostas uma relação quer coordenativa quer subordinativa. A composição coordenativa ocorre quando os elementos que se unem apresentam a mesma distribuição gramatical e não possuem função em relação ao outro. Tal é o caso dos neologismos adjetivos cujas bases pertencem à mesma categoria, como em ‘tiroteio *lírico humorístico*’ e delegação *jordiano-palestina*’ (Alves, 1990, p. 44). Nosso *corpus* não inclui vocábulos desse tipo, o que sugere sua baixa produtividade.

Embora o *corpus* apresente um caso de palavra constituída por bases adjetivas (falso-positivo/negativo), a relação entre elas é de subordinação. Pode-se observar que, no exemplo, em (10) o adjetivo *falso* modifica o adjetivo *negativo* e o conjunto modifica o substantivo *resultado*.

- (10) O resultado falso-negativo é um receio coletivo: uma pessoa infectada com resultado negativo pode acabar deixando de fazer o isolamento domiciliar e transmitir o vírus (coronavirus.saude.mg.gov)¹⁷.

A composição subordinativa se dá, sobretudo, quando os formativos originam-se de classes gramaticais diferentes, como é o caso dos substantivos e adjetivos. Em virtude da íntima relação sintática entre esses constituintes, é comum que algumas construções, pela frequência de uso, acabem se estabilizando e passem a palavras compostas, conforme os exemplos em (11).

- (11)

¹⁷ Disponível em <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/162-falso-negativos-covid19>

- a) E estes [pacientes assintomáticos] também podem estar sujeitos a complicações tardias e duradouras da infecção original, em parte graves -- a assim chamada "covid longa" (uol.com)¹⁸.
- b) O ensino híbrido é uma das maiores tendências da educação no século XXI (escolasdisruptivas)¹⁹.
- c) Brasil registra 956 mortes por Covid em 24 horas; média móvel de casos completa 2 semanas em queda (G1)²⁰.
- d) Depois do 'novo normal', a pergunta da vez é: como voltar ao normal (UOL)²¹.
- e) Bolsonaro quer que o Congresso defina o que é trabalho essencial (correiobrasiliense)²².

A relação de subordinação lexical também pode ser expressa por meio de formações substantivas em que o elemento modificador é um sintagma preposicionado:

(12)

- a) Uma operação batizada de "Alquingel" terminou com 1669 litros de álcool em gel apreendidos em embalagens de 500 ml e de cinco litros, além de 3.600 litros de álcool etílico hidratado, na manhã desta terça-feira (5), em Belo Horizonte (hojeemdia)²³.

¹⁸ Disponível em <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/deutsche-welle/2021/07/17/estudo-diz-que-assintomaticos-tambem-podem-sofrer-efeitos-da-covid-longa.htm>

¹⁹ Disponível em: https://escolasdisruptivas.com.br/noticias/ensino-hibrido-avanca-com-novos-modelos-de-integracao-digital-e-presencial-nas-escolas/#google_vignette

²⁰ Disponível em <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/02/23/brasil-registra-956-mortes-por-covid-em-24-horas-media-movel-de-casos-completa-2-semanas-em-queda.ghtml>

²¹ Disponível em <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/10/18/depois-do-novo-normal-a-pergunta-da-vez-e-como-voltar-ao-normal.htm>

²² Disponível <https://www.correiobrasiliense.com.br/politica/2021/03/4912720-bolsonaro-quer-que-congresso-defina-o-que-e-trabalho-essencial.html>

²³ Disponível em <https://www.hojeemdia.com.br/minas/operac-o-contr-a-produc-o-clandestina-de-alcool-em-gel-termina-com-milhares-de-litros-apreendidos-1.785513>

b) O estabelecimento de grupos de risco para covid pode ter contribuído para o aumento dos casos da doença entre jovens. (Drauziovarella.uol)²⁴.

Nelas, o sintagma preposicionado indica um tipo em que o elemento núcleo está inserido. A primeira formação é bastante interessante por aglutinar os elementos do sintagma que origina o composto: as formas estão de tal modo integradas que são escritas como se pronuncia. Talvez isso aconteça pelo fato de o álcool em gel ter sido tão importante na época que, de tanto falado, acabou quase lexicalizado.

Figura 3: Registro da forma alquingel



Fonte: makeameme.org. disponível em <https://www.instagram.com/p/B-upShCA29H/>

Há compostos por subordinação em que o primeiro elemento corresponde a uma base verbal, à qual se associa um substantivo que exerce função de complemento do verbo. Esse tipo de formação pode ser ilustrado pelos exemplos em (13):

(13)

a) Saiba o que fazer se você testar positivo para a Covid-19 (cnnbrasil 23/12/2021)²⁵.

b) #TrancaRua: internautas abraileiram o termo '*lockdown*': De acordo com internautas o termo "TrancaRua" faria com que os brasileiros respeitassem melhor as medidas de isolamento (revistaoeste)²⁶.

²⁴ Disponível em <https://drauziovarella.uol.com.br/coluna-2/ha-grupos-de-risco-para-covid-coluna/>

²⁵ Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/saiba-o-que-fazer-se-voce-testar-positivo-para-a-covid-19/>

²⁶ Disponível em <https://revistaoeste.com/brasil/trancarua-internautas-abraileiram-o-termo-lockdown/>

Embora apresentados conjuntamente, *testar positivo* e *Tranca rua* são construções de natureza distinta e demandam análises diferenciadas. No caso de *Tranca rua*, trata-se de uma sequência que, do ponto de vista formal, segue um modelo produtivo da sintaxe do português, no qual um verbo se combina com um substantivo. No entanto, seu uso no contexto pandêmico ocorreu de modo marcadamente irônico e metafórico, uma vez que *Tranca rua* é o nome de uma entidade cultuada em religiões de matriz africana, como já dissemos. Essa associação cultural pré-existente impede que a expressão seja interpretada de maneira literal como uma instrução para permanecer em casa ou cumprir medidas de quarentena, reforçando seu caráter discursivo e simbólico, mais do que propriamente composicional.

Já a expressão *testar positivo* suscita estranheza de outra ordem. O verbo *testar*, tradicionalmente classificado como transitivo direto, seleciona como complemento um argumento que corresponde ao objeto submetido ao teste (por exemplo, *testar o material*, *testar o paciente*). Na construção em análise, entretanto, o complemento verbal não designa o paciente da ação, mas sim o resultado do processo, expresso por um adjetivo de valor atributivo (*positivo*). Tal configuração não corresponde ao padrão argumental mais prototípico do verbo em português.

Essa formação pode ser explicada como um decalque sintático-semântico do inglês, língua na qual estruturas como *to test positive (for)* são plenamente gramaticais e convencionais, permitindo que a propriedade resultante da ação verbal apareça imediatamente após o verbo. A transferência desse padrão para o português resulta em uma construção inicialmente marcada, mas funcionalmente eficiente.

Apesar da possível estranheza estrutural, a expressão *testar positivo* foi rapidamente incorporada ao uso corrente, sobretudo em registros jornalísticos e informais. Isso se deve ao fato de o português já dispor de construções em que um verbo transitivo seleciona como complemento o resultado do processo, como ocorre em expressões cristalizadas do tipo *dar certo*, *dar errado*, *dar bom* e *dar ruim*. Tais construções privilegiam a economia linguística e a rapidez comunicativa, favorecendo sua difusão em contextos de alta frequência discursiva.

Nesse cenário, *testar positivo* passou a ser interpretado de forma imediata e inequívoca pelos falantes, sem gerar ruído comunicativo, sendo compreendido como “realizar o teste diagnóstico e obter resultado positivo”. Assim, embora apresente traços de interferência interlinguística, a expressão mostra-se plenamente integrada ao sistema

linguístico do português contemporâneo, evidenciando a permeabilidade da língua a padrões sintáticos motivados pelo uso e pela recorrência discursiva.

A relação de subordinação lexical implica que um elemento funcione como determinante, modificador ou complemento do outro. Outro caso dessa relação ocorre quando dois substantivos se associam da seguinte maneira: um deles constitui um referente genérico, um termo de significação ampla, carente de especificação. O outro, que a ele se liga, tem a função de limitar o sentido, indicando, por exemplo, um tipo dentro da generalidade. Podemos dizer que existe uma relação de hiperonímia e hiponímia entre a palavra primitiva que atua como item principal e a palavra derivada.

Nos termos de Andrade e Rondinini (2016), uma das bases nominais constitui a cabeça lexical que é modificada/especificada pela outra, a não-cabeça. Para os autores, a cabeça lexical é responsável: a) pela classe gramatical do composto, a exemplo de *escola-modelo*, em que a cabeça *escola* determina a categoria gramatical do conjunto; b) pelas categorias de gênero e número, como em *navio-escola*, em que a cabeça *navio* determina o gênero masculino do produto. Semanticamente, a cabeça lexical atua como um hiperônimo do composto, como ocorre em *futebol de areia* e *futebol de salão*.

Bauer (1983) elaborou as categorias semânticas de compostos endocêntricos e exocêntricos para distinguir os compostos que são caracterizados por hiperonímia e hiponímia dos que não o são. Essas categorias foram retomadas por Sandmann (1988, 1997a, 1997b) em seus trabalhos sobre compostos no português. De acordo com esses autores, compostos endocêntricos são aqueles em que o termo que funciona como cabeça lexical é hiperônimo do substantivo composto do qual é constituinte. Assim *cadeira de rodas* é um tipo de cadeira, de modo que *cadeira* é um hiperônimo de *cadeira de rodas*. Nos compostos endocêntricos, a cabeça lexical é um elemento a ser especificado, como em *máquina de lavar* e *álcool em gel*. Os compostos exocêntricos não apresentam relação de hiponímia e hiperonímia e sua interpretação dá-se holisticamente, como nos casos de *louva-a-deus* e *mão de vaca*.

Quanto à ordem em que os papéis de determinante e determinado ocorrem, tem-se verificado que a posição mais comum é o elemento modificador colocar-se após o modificado. Com efeito, Alves estabelece que “a relação subordinativa revela-se entre dois substantivos, em que o primeiro exerce o papel de determinado e o segundo, de determinante” (Alves, 1990, p. 41). Basílio também destaca essa tendência, observando que, “em compostos do tipo substantivo + substantivo, o primeiro substantivo funciona

como núcleo da construção e o segundo como modificador ou especificador” (2000, p. 29-30). Esse é o caso das unidades léxicas elencadas a seguir:

(14) Rio pode ter governador-cantor caso Witzel sofra impeachment (odia)²⁷.

(15) ‘Paciente zero’ de Covid veio de mercado em Wuhan, diz estudo (uol)²⁸.

No primeiro caso, a nova formação *governador-cantor*, empregada para se referir ao então governador interino do estado do Rio de Janeiro Claudio Castro, remete a formações que visam à denominação de indivíduos que conciliam duas ou mais carreiras, como *ator-cantor*, *professor-escritor* entre outras. A denominação justifica-se pelo fato de o político atuar como cantor gospel em paralelo às atribuições do executivo estadual. No item do tipo N+N, a ordem dos formativos é fundamental para determinar qual dos substantivos exerce o papel de cabeça lexical, aquele que designa a atividade principal com a qual se identifica o indivíduo, isto é, governador. O segundo elemento constitui, portanto, uma peculiaridade que qualifica ou caracteriza este governador em particular. A ordem indica que se trata de um governador (função denominativa) que canta (função atributiva) e não um cantor que atua como governador.

Sandmann (1988, 1997a, 1997b) classifica compostos como *governador-cantor* como copulativos ou coordenativos, pois uma construção desse tipo “rotula algum ser que reúne em si, em igualdade de condições, rótulos menores ou mais específicos. Assim, alguém pode ser simultaneamente cantora e compositora, sendo, então ‘cantor-compositor’” (Sandmann, 1997a, p. 62). Diferentemente de Sandmann, que postula que os formativos de uma composição coordenativa estão em “igualdade de condições”, acreditamos que a ordem dos elementos é preponderante para se discriminar o grau de relevância, sendo o primeiro dotado de antecedência ou primazia em relação ao segundo.

O segundo exemplo, *paciente zero*, refere-se ao paciente inicial em uma população que está sob investigação epidemiológica. O emprego do numeral zero em

²⁷ Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2020/06/5932699-rio-pode-ter--governador-cantor--caso-witzel-sofra-impeachment.html>

²⁸ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2021/11/19/paciente-zero-de-covid-veio-de-mercado-em-wuhan-diz-estudo.htm>

vez de um, para designar o início de uma escala, ressalta a intenção de sinalizar a precedência máxima do caso rotulado em relação aos demais.

Não obstante os exemplos acima, têm-se notado ocorrências de compostos do tipo substantivo + substantivo que apresentam a cabeça lexical à direita, como ocorre com (16) e (17) abaixo. Isso se dá parcialmente devido à influência do inglês, idioma em que o padrão determinante-determinado predomina. Também constitui o padrão básico da composição neoclássica (Sandmann, 1988):

(16) A variante do coronavírus se tornou dominante em um curto período em alguns países (G1)²⁹.

(17) Deppen registra quase 8 mil audiências judiciais por videoconferência em 2021 (deppen)³⁰.

Os exemplos (16) e (17) refletem a influência do inglês nas novas formações. Na verdade, os compostos foram tomados do inglês (coronavirus e video conference, respectivamente) quase sem alteração. A naturalidade com que formações com estrutura atípica são assimiladas do inglês se deve, em parte, ao compartilhamento de formativos latinos ou gregos, existentes nos dois idiomas. Dessa maneira, nas duas formações, a cabeça lexical encontra-se à direita. *Coronavírus* é um vírus do tipo corona e *videoconferência*, uma conferência que ocorre mediante um equipamento que faz transmissão de vídeo. Além disso, a formação *coronavírus*, termo de natureza mais técnica, figura entre a composição com bases livres e a composição neoclássica (veja 4.1.2.2), já que *corona* é a forma latina que remete ao formato do vírus, uma coroa.

²⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/12/20/abraco-no-papai-noel-teste-para-convidados-mascara-na-ceia-como-a-omicron-e-a-gripe-podem-afetar-o-natal-e-o-reveillon.ghtml>

³⁰ Disponível em: <https://www.deppen.pr.gov.br/Noticia/Deppen-registra-quase-8-mil-audiencias-judiciais-por-videoconferencia-em-2021>

Figura 4: Formato em coroa do vírus da covid-19



Fonte: <https://coronavirus.msf.org.br/o-que-e-covid-19/>

Também se relaciona à composição neoclássica o caso em (18) a seguir.

- (18) O covidmaníaco anda a pé porque os transportes públicos são “ninhos de covid”, privilegia ruas secundárias e, de cada vez que alguém se cruza com ele, a pessoa leva imediatamente com um jacto de álcool-gel-em-spray (o seu melhor amigo) (reportersombra)³¹.

O termo *maníaco* tem origem no grego antigo e deriva de *mania*, também do grego. O item lexical *mania* é empregado para designar uma forma de loucura leve ou obsessão e *maníaco*, aquele que sofre de mania (SALES, 1956). Durante o Renascimento, com o desenvolvimento das ciências e a necessidade de criar uma terminologia específica, os vocábulos foram incorporados à Psiquiatria para se referir a sintomas de euforia que ocorrem no transtorno bipolar.

Maníaco e *mania* relacionam-se na formação de palavras por uma associação formal e semântica semelhante à de *-ismo* e *-ista*, como em *comunismo* x *comunista*, em que, para cada formação com um dos elementos, é possível depreender outra com o formativo associado. Pode-se exemplificar isso com os casos de *ninfomania* / *ninfomaníaco*, *cleptomania* / *cleptomaníaco* e *megalomania* / *megalomaníaco*.

As formações que o termo *mania* integra pressupõem outra com *maníaco* e referem-se, no primeiro caso, à compulsão por determinado item e, no segundo, ao indivíduo que padece dessa compulsão. Dessa forma, a *ninfomania* é o desejo

³¹ Disponível em: <https://reportersombra.com/covidmaniacos-e-covidiotas-uma-aventura-na-covidolandia/>

compulsivo por sexo, a *cleptomania*, a obsessão por roubar objetos e a *megalomania*, a predileção pelo grandioso.

Com o passar do tempo, as formações em mania / maníaco sofreram ampliação semântica, ultrapassando os limites do jargão técnico-profissional e passando a figurar também no vocabulário comum. Nesse contexto, os vocábulos designam a admiração ou interesse exagerados por algo ou alguém. É o caso de *churrascomania*, desejo por churrasco, e *petmania*, afeição excessiva por animais domésticos, formações em que o elemento mania se adjuge respectivamente as formas livres *churrasco* e *pet*. Com esse significado, os vocábulos *mania* e *maníaco* são mais frequentemente empregados como formas livres, seguidos das preposições *de* ou *por* e um substantivo que nomeia o alvo da compulsão: *mania de estalar os dedos*, *maníaco por futebol*.

As formações em mania / maníaco são comumente denominadas compostos neoclássicos, composições com base presa de origem grega ou latina, oriundas do domínio da terminologia científica, que não foram totalmente assimiladas pelas línguas modernas (Gonçalves, 2011) (ver compostos neoclássicos). Contudo, visto que, na língua portuguesa, *mania* e *maníaco* funcionam como bases livres, podendo combinar-se com outras bases livres, os formativos ora participam de formações que se aproximam da composição neoclássica ora de outras que se situam no polo da composição com bases livres.

Além disso, embora muitas formações x-mania e x-maníaco sejam constituídas por duas bases livres, o formativo da segunda posição apresenta propriedades típicas de sufixos, o que coloca vocábulos como *covidmaníaco* numa posição fronteira entre os pólos da derivação e da composição. Sandmann (1989, p. 114-115) analisa *-mania* como um sufixoide, “por se prestar a formações de palavras em série e seu significado como palavra livre não ser bem o mesmo que *mania* nas palavras complexas”. O autor também destaca que o sufixoide não atualiza o valor de negatividade presente no radical neoclássico, significando apenas “entusiasmo por, ocupação intensiva, inclinação por” (Sandman, 1988 p. 114-115).

Gonçalves e Thompson (2013) destacam características que aproximam o formativo *-mania* dos afixos. Entre elas, está a **restrição posicional**, pois, assim como os sufixos, “nas palavras complexas de que é constituinte, sempre ocorre na segunda posição”.

Outra característica sufixal é a **aplicabilidade**. Para Gonçalves e Andrade (2012, p.15), afixos “servem para criar série de palavras, apresentando grande potencial de

aplicabilidade na formação de novas unidades lexicais”. Em Gonçalves e Thompson (2013), os autores referem-se a um total de 249 formas x-mania, demonstrando que o formativo pode se adjungir a qualquer substantivo da língua.

Outro parâmetro utilizado por Gonçalves e Thompson (2013) é a **composicionalidade**, a propriedade pela qual se depreende o significado de um vocábulo a partir do sentido das unidades que o constituem. A interpretação de formas compostas tende a ser feita holisticamente, isto é, a significação do todo não advém da soma do sentido das partes, como em *viúva-negra* (espécie-de-aranha), *pé-de-galinha* (tipo de ruga) e *puxa-saco* (bajulador). As construções x-mania, porém, são formações lexicais de interpretação mais composicional.

Cabe ressaltar, contudo, que a não composicionalidade não constitui uma característica categórica dos compostos, dado a existência de compostos com interpretação mais composicional (*fim de semana*, *mesa de tênis*). Conforme destacado anteriormente, os compostos são dotados de maior ou menor grau de composicionalidade.

Outro critério empregado por Gonçalves e Thompson (2013) para aproximar o elemento *-mania* dos sufixos é a **estabilidade funcional**. Segundo os autores, assim como os sufixos, o formativo *-mania* tem função sintática e semântica predeterminada, sempre incluindo o produto das formações de que são constituintes numa classe morfológica específica. O elemento *-mania*, em particular, sempre forma substantivos a partir de substantivos. Cumpre destacar, contudo, que a formação de substantivos é uma das características mais emblemáticas da composição, razão pela qual não se pode afirmar que a criação de substantivos com o elemento *-mania* descaracterize esse processo como composicional.

Finalmente, as formações x-mania e x-maníaco têm em comum com a sufixação o fato de a cabeça lexical figurar invariavelmente à direita. De acordo com Almeida (2010) e Farias (2011), na composição prototípica, de base livre, a cabeça lexical localiza-se quase que categoricamente à esquerda. Mas nas formações em questão, o elemento à esquerda determina tanto gênero quanto a categoria gramatical do produto, traço comum aos sufixos. Por outro lado, a presença da cabeça lexical à direita é uma característica que já se encontrava presente na composição neoclássica. Cunha (2007, p.122) destaca que “a nomenclatura científica, técnica e literária é fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição neoclássica, que consistia em associar dois termos, *o primeiro dos quais servia de determinante do segundo*”

(grifo nosso). Esse fato pode ser demonstrado, por exemplo, com os elementos *-fobia*, *-logia* e *-mania*; em palavras como *aracnofobia*, *biologia* e *cleptomania*, respectivamente. Portanto, podemos tratar a propriedade da cabeça lexical à direita como traço remanescente da composição neoclássica.

Outras características, contudo, aproximam as formações x-mania da composição, como o fato de o formativo se atualizar como uma forma livre, sem nem mesmo precisar de acréscimo flexional ou temático (Ele tem mania de roer as unhas). Além disso, diferente dos afixos que não constituem palavras prosódicas diferentes (com raríssimas exceções: *realmente* e *amorzinho*), *-mania* projeta uma palavra prosódica própria, de modo que proporciona a realização de um item morfológicamente complexo sob dois acentos (Gonçalves; Thompson, 2013). O constituinte também veicula uma informação de considerável densidade semântica, com conteúdo mais lexical que os afixos.

Outro fator é a combinabilidade. Sufixos nominais em geral combinam-se com radicais. Entretanto, *-mania* pode combinar-se com radicais sem livre curso (*megalomania*), com radicais livres (*cocainomania*) e com palavras (*Ivetemanía*). Por fim, as construções x-mania admitem a redução de coordenação, ou seja, ao se coordenarem substantivos com o mesmo formativo, pode-se suprimir o primeiro (Ele sofre de clepto e bruxomania: tem a mania de roubar e ranger os dentes), algo que não ocorre com os afixos prototípicos (Gonçalves; Thompson, 2013).

Esta breve análise do formato x-mania revela que ele compartilha propriedades tanto de afixos quanto de radicais, localizando-se, portanto, numa posição mais central no *continuum* derivação composição.

Uma característica que diferencia *covidmaníaco* das outras formações x-maníaco é a não ocorrência da vogal *o* que regularmente aparece nas formações mais antigas (*teutomaníaco*, entusiasta pela história e cultura alemã; *hieromaníaco*, pessoa com fervor religioso patológico; *iconomaníaco*, apaixonado por imagens, quadros e estátuas). Essa espécie de vogal de ligação ocorre em formações de origem grega e é recorrente nas construções que empregam a composição neoclássica para a terminologia científica. Com a popularização da construção x-mania e sua alteração de sentido para paixão não patológica, o formativo passa a ser combinado com formas livres em geral, incluindo elementos de outras línguas. Por isso, as formações mais recentes e mais populares que preenchem o slot vazio em x-mania/x-maníaco (*cinemaníaco*, *açaimania*,

pastel mania) não trazem a vogal de ligação das composições neoclássicas. Isso explica o porquê da atualização da forma *covidmaníaco* em vez de *covidomaníaco*.

Tanto *covid* quanto *maníaco* circulam como formas livres no português. Além disso, quando combinadas conservam a significação original: *covid* designa a infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus e *maníaco* refere-se aquele que é obcecado por algo ou tem preocupação exagerada com algo. Portanto, não ocorre heterossemia nem heteromorfia³². Os formativos conservam quer sua natureza semântica quer seu aspecto formal, traços que nos levam a arrolar *covidmaníaco* entre os compostos por justaposição.

Tradicionalmente, a composição se subdivide em justaposição e aglutinação, noções determinadas pelo componente fonológico. Na justaposição, as palavras-base, independentemente das convenções ortográficas sobre emprego ou não do hífen (falso-negativo/paciente zero), escrita contínua (videoconferência) ou descontínua (*covid longa*), conservam sua independência fonológica, isto é, preservam seu acento e os segmentos que as constituem. Assim, são preservadas a estrutura e a pauta acentual das bases, resultando em duas palavras prosódicas e uma morfológica.

Na aglutinação, por outro lado, ocorre a supressão ou alteração de algum segmento, como a elisão (*plano + alto > planalto*) ou a crase (*água + ardente > aguardente*). Dá-se, portanto, a isomorfia entre a palavra prosódica e a morfológica, como ocorre em *alquingel*, composto mais aglutinado de nosso *corpus*, pois em *coronaplauso*, há apenas uma crase, como em *aguardente*. A pequena incidência de compostos aglutinados indica sua baixa produtividade, como já ressaltaram autores como Villalva (2000), Rio-torto (2013) e Gonçalves (2016). Passemos agora ao estudo das formações por composição neoclássica.

4.1.2.1.2 Composição neoclássica

Os compostos neoclássicos são construções com base presa de origem grega ou latina, como *ninfo-*, *megalo-*, *clepto-* e *piro-*, constituintes das formações *ninfomaníaco*, *megalomaníaco*, *cleptomaníaco* e *piromaníaco*, exemplificadas anteriormente. Esse tipo

³² Heterossemia é um conceito linguístico que descreve quando um mesmo morfema (palavra ou parte de palavra) adquire significados diferentes, mas relacionados, dependendo do contexto gramatical ou situacional em que é usado, atuando como uma forma de polissemia ligada a contextos específicos. Já heteromorfia é aqui entendida como a alteração formal sofrida por um morfema ao combinar-se com outro.

de composição apresenta estrutura recorrente na morfologia de muitas línguas europeias, uma vez que o processo é usado na constituição de vocabulário técnico-científico, os chamados internacionalismos (Wexler, 1969).

De acordo com Ludeling (2009), a origem grega ou latina não é condição suficiente para que um composto venha a ser considerado neoclássico. Trata-se do emprego, nas estruturas morfológicas de uma língua, de constituintes greco-latinos que não foram totalmente assimilados pelo idioma adquirente (Corbin, 2001). A presença em larga escala desses constituintes em línguas não românicas deve-se em parte ao movimento de retomada do latim como língua franca nos séculos XVII e XVIII e ao desenvolvimento das ciências nos séculos XIX e XX. O emprego de elementos neoclássicos na terminologia veio ao encontro da necessidade de internacionalizar temáticas e conceitos entre instituições e especialistas de diferentes países (Contente, 2008).

Os formativos neoclássicos eram formas lexicais livres nas línguas de origem, capazes inclusive de receber marcas flexionais variadas. No entanto, em geral, não têm livre curso nas línguas tomadoras (Petropoulou, 2009; Ralli, 2010). Além disso, seu emprego restringe-se ao domínio discursivo técnico-científico, sendo empregado na constituição da terminologia especializada em geral (Bauer, 1988). Eles também são dotados de significação mais concreta, lexical, diferente dos sufixos que têm papel mais funcional (Ralli, 2010). Finalmente, os compostos são dotados de uma vogal de ligação entre seus constituintes, -i- para o latim (*fungicida*, *herbívoro*) e -o- para o grego (*cosmonauta*, *biblioteca*).

Nosso *corpus* contém sete palavras com propriedades que as aproximam da composição neoclássica, que passamos a descrever: *imunossuprimido*, *infodemia*, *twindemia*, *pandemia*, *sindemia*, *oligossintomático*, *vacinódromo*. Consideramos neoclássicos as formações de origem grega ou latina que 1) atuam exclusivamente como formas presas; 2) possuem significação lexical e 3) apresentam a vogal de ligação.

O formativo *imuno-* de *imunossuprimido* é de origem neoclássica, oriundo do latim *immunis*, que significa “livre de encargos, isento, protegido”, usado originalmente para se referir a quem estava isento de impostos ou protegido. No campo da medicina e biologia, passou a se referir à defesa do organismo contra agentes estranhos ou proteção contra doenças (Black, 2020). Possui um correspondente como forma livre, *imune*, o que faz com que sua significação seja bem transparente nas formações de que é constituinte.

O termo *imunossuprimido* refere-se a uma pessoa ou organismo cujo sistema imunológico está parcial ou totalmente inibido, ou seja, cuja capacidade de resposta imune encontra-se reduzida ou comprometida. Durante a pandemia, pessoas que apresentavam esse quadro foram consideradas “grupo de risco” devido à grande possibilidade de óbito decorrente de sua condição.

- (19) As pessoas *imunossuprimidas* fazem parte do grupo contemplado, pois possuem algum tipo de deficiência imunológica (guarapuava.pr.gov)³³.

Apesar da origem latina, não ocorre com a vogal de ligação *-i-*, característica dos formativos dessa origem, mas como a vogal *-o-*, típica dos elementos de origem grega. Segundo Gonçalves (2011), em português, a vogal de ligação *-o-* é bem mais comum que *-i-*, por aparecer, em hibridismos, quando um dos componentes é de origem grega. O caso de *imunossuprimido* parece indicar que o emprego da vogal *-o-* está se generalizando, mesmo com formativos de origem latina, mormente nos casos de hibridismos. Isso ocorre devido ao fato de os formativos de origem grega serem mais numerosos que os provenientes do latim. Assim, por analogia, a vogal de ligação *-o-* acaba sendo elevada a condição de “cola morfológica” prototípica. Os exemplos em (20) demonstram que o elemento *imuno-* ocorre tanto com afixos ou radicais presos (os exemplos em a) quanto com formas livres (casos ilustrados em b), sempre na primeira posição.

(20)

- a) imunidade, imunológico, imunologia, imunização;
- b) imunodeficiência, imunoterapia, imunogenicidade, imunocomprometido, imunotoxicidade, imunocomplexo, imunossupressor, imunodiagnóstico, imunocompetente, imuno-hematologia.

No que diz respeito ao comportamento no processo de formação, *imuno-* é um formativo neoclássico, uma vez que 1) é largamente usado na terminologia científica, especialmente na área da imunologia; 2) possui significação de base lexical, com conteúdo concreto; 3) não tem livre curso na língua, empregando-se apenas como

³³ Disponível em <https://guarapuava.pr.gov.br/portal-covid-19/comorbidades/immunossuprimidos/>

elemento de formação em formas lexicais complexas e 4) apresenta a vogal de ligação -*o-* das formações neoclássicas. Quanto à rigidez posicional, o formativo se aproxima dos prefixos, já que se posiciona invariavelmente como primeiro elemento.

A palavra *infodemia* apresenta como primeiro elemento *info-*, um *clipping*, isto é, porção fonológica resultante de encurtamento, derivado de *information*, do latim *informatio*, que significa “esboço, conceito, ideia” (Harper, 2025). Transmite a ideia de informação, conhecimento ou comunicação de dados sobre algo específico. A forma encurtada (*info*) não é nova, ocorrendo já em *infomercial* (de *info* + *commercial*) de 1983³⁴. Apesar da origem latina e de atuar exclusivamente como forma presa, sem existência independente na língua, não constitui um radical neoclássico dado que resultou do encurtamento de uma palavra de uso corrente no inglês que, devido à popularização das tecnologias de informação, é também empregada em outros idiomas, como o português.

- (21) Junto com sua carga viral, o SARS-CoV-2 promoveu uma incalculável quantidade de bytes de informações em circulação pelas redes. Batizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de infodemia, essa inundação de conteúdos dificulta encontrar e discernir fontes idôneas e orientações confiáveis entre outras que falseiam e omitem dados para atender a de terminados interesses — as populares fake news (arca.fiocruz.br)³⁵.

O formativo de segunda posição *-demia*, que ocorre também em *pandemia*, *twindemia* e *sindemia*, é, na realidade, a combinação de *demo* e *-ia*. Cunha (2007) inclui *demo-* entre os pseudoprefixos. Já Bechara (2002) e Lima (1982) dizem tratar-se de um radical grego presente em *democracia* e *epidemia*, ou seja, nas duas bordas da palavra, o que corresponderia a um confixo (Gonçalves, 2016). O fato de o formativo ocorrer tanto à esquerda quanto à direita das palavras inviabiliza sua classificação como prefixo ou pseudoprefixo. À sua mobilidade posicional, soma-se uma significação concreta — e não meramente funcional — o que justifica sua identificação como radical. Ademais, trata-se de uma forma presa, de natureza técnico-científica, enquadrando-se, portanto, na categoria dos chamados radicais neoclássicos.

³⁴ Dado de Dicionário de etimologia online, disponível em https://www.etymonline.com/word/info-?utm_source=chatgpt.com

³⁵ Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/fiocruz/resource/pt/arc-46771>

O elemento *-ia* é um sufixo nominal que expressa estado ou condição. De acordo com Câmara Jr. (1975), a forma tônica *-ia* tem origem no latim vulgar, que a incorporou do grego, substituindo o sufixo correspondente do latim clássico, cuja pronúncia apresentava o *-i-* átono. Esse sufixo forma substantivos abstratos a partir de adjetivos, como no exemplo: *valente-valentia*.

A combinação dos dois elementos (*demo* + *ia*) sempre traz a ideia de uma condição que afeta um grupo de pessoas ou uma coletividade. Embora nem o elemento *demo* (povo) nem o *-ia* carreguem, em si mesmos, conotação negativa, a terminologia científica moderna associou o *chunk -demia* especialmente a termos relacionados à disseminação, geralmente de doenças (22 a) ou informações falsas ou confusas (22 b).

22)

a)

endemia: (en/em: presença entre + [demo: povo + ia: estado, condição]: disseminação). Doença que se mantém restrita a uma região ou população específica;

epidemia: (epi: posição superior, sobre, acima de + [demo: povo + ia: estado, condição]: disseminação). Ocorrência de casos de uma doença acima do esperado numa população;

pandemia: (pan: todo + [demo: povo + ia: estado, condição]: disseminação). Doença que se espalha por muitos países ou continentes;

twindemia: twin (do inglês: gêmeo + [demo: povo + ia: estado, condição]: disseminação). Ocorrência de duas epidemias ou pandemias, especialmente quando essas doenças apresentam sintomas semelhantes ou afetam os mesmos grupos populacionais, o que pode sobrecarregar os sistemas de saúde. O termo foi amplamente utilizado durante a pandemia da covid-19 pela possibilidade de concomitância com a gripe sazonal (influenza), ocasionando uma dupla crise sanitária (Sharstein, 2020).

sindemia: sin: junto, com + [demo: povo + ia: estado, condição]: disseminação). Interação sinérgica de duas ou mais doenças ou condições de saúde, que coexistem em uma população e se potenciam mutuamente, geralmente associadas a contextos de vulnerabilidade social. Vai além do conceito de comorbidade, pois foca na interação entre doenças e o ambiente

social. Por exemplo, a combinação da covid 19, pobreza e doenças crônicas (Singer, 2009).

b)

infodemia: disseminação massiva de informações, muitas vezes falsas ou confusas.

Portanto, a forma combinada *-demia* acabou se especializando para designar o alastramento de algum mal, afastando-se, assim, de *demo*, designativo de povo.

Nos casos *endemia*, *epidemia*, *pandemia* e *sindemia*, os formativos da primeira posição possuem significação funcional, indicando condição, localização ou abrangência. Além disso, posicionam-se sempre à direita da formação e criam série de palavras, apresentando grande aplicabilidade. Portanto, constituem prefixos. *Infodemia* e *twindemia*, por outro lado, são construções híbridas que combinam um radical da língua inglesa e outro do grego, casos recentes de composição neoclássica.

O formativo *oligo-* é de origem grega e significa “pouco, pequeno, escasso, reduzido”. Trata-se de um elemento neoclássico, empregado frequentemente nas áreas de biologia, química e medicina (*oligossacarídeo*), mas também em outras áreas como linguística (*oligossintética*) e matemática (*oligómero*). Presente sempre na primeira posição, é capaz de ligar-se a formas livres (a), a outros radicais (b) ou a sufixos (c) para criar termos técnicos.

(23)

- a) oligoelemento, oligossacarídeo
- b) oligarquia, oligopólio, oligofrenia
- c) oligoceno,

Na palavra *oligossintomático*, o radical neoclássico liga-se à forma livre *sintomático*, para designar o indivíduo que, apesar de infectado pelo vírus corona, apresenta poucos sintomas da doença.

(24) Vale destacar, antes de tudo, que a maioria dos casos da infecção é leve.

“São o que chamamos de pacientes oligossintomáticos, que quase não tem

sintomas ou os apresentam de maneira discreta”. (saúde.abril.com – 18/08/2020)³⁶.

Por fim, analisemos o formativo *-dromo*, elemento de origem grega, típico de formações neoclássicas (*hipódromo*), mas cujo emprego vem se popularizando ao ser empregado em palavras como *sambódromo*, *camelódromo*, *fumódromo* e *bumbódromo*. O elemento *-dromo* é definido nos dicionários, de maneira geral, como “elemento da composição, oriundo do grego *drómos*, que significa ‘lugar de corrida’” (Cunha, 1986, p. 441; Houaiss, 2009, p. 561, Aurélio, 2004, p. 345). Tal significado é o que se atualiza em palavras com *hipódromo*, *autódromo* e *aeródromo*.

Autores como Sandmann (1988), Laroca (2005) e Gonçalves (2016) têm observado, porém, que nas novas formações x-dromo, não se observa mais o sentido de “lugar onde se corre”. Nos termos de Laroca (2005), o formativo “passou a designar o local (apropriado) para acontecer determinado fato ou evento” (Laroca, 2005. p. 75), como em *namoródromo*, *papódromo* e *beijódromo*. Este é também o caso de *vacinódromo*, ilustrado em (24).

- (25) Osasco terá na quinta-feira, 22/7, dois *vacinódromos* para imunização contra a covid-19, um na zona Sul e outro na zona Norte, para atender o público de 30 anos ou mais sem comorbidades. (Osasco.sp.gov.br 21 julho 2021)³⁷.

O termo, designativo de local amplo, estruturado especificamente para a realização de vacinação em massa, popularizou-se durante as campanhas de vacinação contra a covid-19. É o resultado da combinação da forma livre *vacina* e o formativo, de base presa, *-dromo* ou *-ódromo*.

Para Sandmann (1988), *-dromo* não constitui mais um radical clássico, mas sim um neossufixo em que a antiga vogal de ligação *-o-* já se encontra incorporada. O autor destaca, como evidência, a alteração de sentido, de local de corrida para local onde ocorre X, em que X representa um sentido aberto, determinado pela forma a que *-dromo* se liga. Nesse sentido, o formativo *-dromo* torna-se, com um sentido mais abrangente, menos lexical, representando uma significação mais locativa.

³⁶ Disponível em <https://saude.abril.com.br/medicina/covid-19-e-doenca-sistematica-conheca-estragos-e-sintomas-fora-dos-pulmoes/>

³⁷ Disponível em <https://osasco.sp.gov.br/osasco-cria-dois-vacinodromos-para-atender-adultos-com-30/>

Além disso, enquanto em formações mais antigas nem sempre se constata a presença da vogal de ligação, como se observa em *catádro* (“que, vivendo em água doce, se dirige para o mar na época da desova”), *perídro* (“galeria ou espaço coberto em torno de um edifício”), e *palíndro* (“frase ou palavra que se pode ler, indiferentemente, da esquerda para a direita ou vice-versa”) (Gonçalves; Pires, 2016) as formas mais recentes apresentam invariavelmente o -o- a ponto de se poder postular que a vogal de ligação passa a compor com -dro um único formativo (*cagódromo*, *bichódromo*, *paizódromo*)

Outro fator diz respeito à natureza dos formativos a que -ódromo se prende. Em construções mais recentes, o constituinte se prende a palavras, diferente das formações mais antigas em que se prendia a radicais. Finalmente, observa-se que o constituinte passa a participar de formações em série. Em trabalho de 2016, Gonçalves e Pires reúnem um *corpus* de 150 formas x-dromo, o que demonstra a aplicabilidade do formativo, afastando-o, portanto, da composição. Em virtude dessa série de modificações por que passou o padrão x-dromo em português, todas presentes no caso de *vacinódromo*, é possível dizer que a formação se afasta do padrão das formações neoclássicas, assemelhando-se à sufixação.

4.1.2.2 Derivação Prefixal

Nesta seção, analisam-se itens lexicais formados por **derivação prefixal**, com foco nos prefixos *a-*, *anti-*, *com-* e *pré-*, observando-se seus valores semânticos, combinatória morfológica, produtividade e funcionamento discursivo, especialmente no contexto da pandemia de covid-19.

4.1.2.2.1 O prefixo a-

O prefixo *a-* é de origem grega e apresenta, de modo geral, os sentidos de **negação**, **privação** ou **ausência**. Trata-se de um elemento altamente produtivo na constituição de antônimos, sobretudo quando se associa a bases adjetivais, originando itens que expressam o atributo oposto ao da base, como em *típico* > *atípico* e *normal* > *anormal*.

Além disso, o prefixo pode combinar-se com substantivos (*amoral*) e com bases presas (*ateu*, *anarquia*), casos em que, via de regra, também se manifesta a noção de privação ou ausência.

No item *assintomático*, ilustrado em (1), o prefixo associa-se a uma base adjetival para indicar a ausência da propriedade expressa pelo adjetivo *sintomático*:

- (26) Nesse momento, não há como saber qual a magnitude da capacidade de transmissão do coronavírus em sujeitos assintomáticos (...) (saude.abril.com)³⁸.

4.1.2.2.2 O prefixo anti-

O prefixo *anti-*, igualmente de origem grega, exprime valores semânticos de **oposição, contrariedade** ou **ação contrária**. Combina-se com diferentes tipos de bases: substantivos (*anticorpo*, *anticrime*), adjetivos (*antipatriota*, *antigripal*) e bases presas (*antípoda*, *antídoto*, *antipatia*).

Do ponto de vista categorial, o prefixo não altera a classe gramatical da base. No entanto, como observa Alves (1990), formações prefixadas com *anti-* frequentemente passam a exercer **função qualificadora**, aproximando-se semanticamente do comportamento dos adjetivos, embora mantenham propriedades morfológicas de substantivos, como a ausência de concordância, a exemplo de *normas antipoluição*. Segundo a autora, essa característica decorre diretamente do valor semântico do formativo.

No que diz respeito à produtividade, Cunha (2010) destaca o potencial expansivo do prefixo na língua portuguesa:

De extraordinária potencialidade na língua portuguesa, ele é fonte quase inesgotável de um sem-número de compostos, tanto na terminologia das ciências e das artes, como na linguagem dos esportes e dos espetáculos em geral; mas é principalmente na política que ele vem sendo realmente produtivo. (Cunha, 2010, p. 276.)

Nesse sentido, não surpreende que, durante a pandemia de covid-19 — período marcado por intensa polarização política no Brasil, especialmente em torno das medidas

³⁸ Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/a-transmissao-do-coronavirus-por-pessoas-assintomaticas-e-pre-sintomaticas/>

de enfrentamento da crise sanitária — o prefixo *anti-* tenha apresentado elevada produtividade. Formações como *anti-cloroquina/cloroquiner* e *antivacina/antivaciner* passaram a codificar posições ideológicas antagônicas, de modo semelhante a pares já consolidados no discurso político, como *coxinhas* e *mortadelas*, *bolsonaristas* e *lulistas*, *petralhas* e *bolsominions*. Desse modo, a crise sanitária não apenas intensificou clivagens políticas preexistentes, mas também forneceu novo material lexical para sua expressão, evidenciando a capacidade adaptativa do léxico a diferentes contextos discursivos.

Os exemplos a seguir ilustram duas tendências distintas. Nos casos em (27a–c), observa-se a função atributiva destacada por Alves (1990): apesar de morfologicamente substantivos, os itens desempenham papel semântico e sintático semelhante ao de adjetivos. Já em (27d), as formas preservam plenamente as propriedades designativas do substantivo:

(27)

- a) Apontada por colegas da área como "competente" e "tecnicamente muito boa", além de "anti-cloroquiner", Araújo tem consultorias ao Banco Mundial registrado em seu currículo em rede social profissional, de onde também constam assessorias prestadas a secretarias de Saúde e palestras dadas pela médica (O Globo)³⁹.
- b) Bolsonaro cede a protocolos anticovid para encontrar Putin (correiobraziliense)⁴⁰.
- c) Se você acha que já viu de tudo na pandemia de covid-19, saiba que existe um restaurante antivacina nos Estados Unidos que proíbe o uso de máscara (istoé)⁴¹.
- d) O 'cloroquiner' está prestes a virar um 'antivaciner' (FolhaUol)⁴².

³⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/nova-secretaria-do-ministerio-da-saude-chamou-de-neocurandeirismo-uso-de-hidroxicloroquina-para-covid-19-2-25014808>

⁴⁰ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/02/4985671-bolsonaro-cede-a-protocolos-anticovid-para-encontrar-putin.html>

⁴¹ Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/restaurante-antivacina-dos-eua-obriga-clientes-a-nao-usarem-mascara>

⁴² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mathias-alencastro/2020/07/o-cloroquiner-esta-prestes-a-virar-um-antivaciner.shtml>

Figura 5: Registro da forma antivacina



Fonte: vegano periférico, <https://www.instagram.com/p/CKKD-6jlFOx/>

4.1.2.2.3 O prefixo *com-* (*co*)

O prefixo *com-* (ou *co-*), de origem latina, é amplamente produtivo nas línguas românicas e expressa, de maneira geral, valores de **junção**, **simultaneidade** e **companhia**. Ocorre tanto com bases livres (*comandar*, *cooperar*, *compor*) quanto com bases presas (*companheiro*, *combinar*, *compactar*).

No português, o prefixo convive com a preposição de mesma origem, frequentemente em construções correlatas (*concordar com*, *cooperar com*, *colaborar com*). Essa relação evidencia que o prefixo pode interferir na **regência verbal**, convertendo verbos originalmente transitivos diretos em transitivos indiretos, que passam a exigir a preposição *com*.

No exemplo em (3), o prefixo associa-se ao substantivo *morbidade* para designar a ocorrência simultânea de duas ou mais enfermidades no mesmo indivíduo, conceito particularmente relevante no contexto pandêmico, uma vez que condições preexistentes configuravam fator de risco elevado para a covid-19:

- (28) A Secretaria Municipal de Saúde (SMS) do Rio de Janeiro vai antecipar a aplicação da segunda dose da vacina contra a covid-19 para as crianças de 5 a 11 anos que tenham comorbidades ou deficiência (uol.com.br)⁴³.

⁴³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2022/02/22/covid-19-rio-antecipa-2-dose-da-vacina-para-crianca-com-comorbidade.htm>

4.1.2.2.4. O prefixo pré-

O prefixo *pré-* expressa a noção de **anterioridade**. Já presente no latim sob a forma *prae*, associava-se sobretudo a verbos (*praedicere*, *praesentire*) e adjetivos (*praecanus*) (Duarte, 1999). No português contemporâneo, mantém-se produtivo, combinando-se principalmente com substantivos (*pré-história*, *pré-vestibular*, *pré-natal*) e adjetivos (*pré-existente*, *pré-eleitoral*, *pré-gravado*).

O prefixo também ocorre com vogal média alta (*prever*, *preescrever*, *preconceito*). No entanto, conforme observa Schwindt (2005), as novas formações realizam-se sistematicamente com vogal média baixa, o que sugere que os itens com vogal média alta encontram-se em processo de lexicalização.

Em *pré-sintomático*, o prefixo associa-se a uma base adjetival para indicar o estágio da doença anterior ao aparecimento dos sintomas, condição que favorece a transmissão involuntária do vírus:

- (29) Mas no caso de um vírus transportado pelo ar, com um R_0 alto e um longo período pré-sintomático, os contatos são quase impossíveis de evitar. (BBCBrasil – 26/12/2021)⁴⁴.

Observa-se que as formações prefixais mais recorrentes no *corpus* analisado envolvem o prefixo *anti-*, o que reflete diretamente o contexto político brasileiro durante a pandemia, marcado por discursos contrários ao uso de máscaras, à vacinação e a outras medidas sanitárias. Ainda assim, o número total de criações lexicais prefixais é relativamente restrito, o que corrobora a posição de autores como Bauer (2005) e Gonçalves (2012), segundo os quais a sufixação apresenta maior vitalidade e produtividade no inglês e no português, respectivamente.

4.1.2.3 Derivação Sufixal

A derivação sufixal constitui um dos mecanismos mais produtivos da morfologia do português contemporâneo, desempenhando papel central na renovação lexical. Durante a pandemia de covid-19, esse processo mostrou-se particularmente

⁴⁴ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59795529>

relevante, uma vez que a emergência de novos fenômenos sanitários, sociais e discursivos exigiu a nomeação de práticas, estados, comportamentos e posicionamentos inéditos. Nesta seção, analisam-se neologismos formados por sufixação, com especial atenção aos valores morfológicos e semânticos dos formativos envolvidos, bem como às motivações discursivas e socioculturais que impulsionaram sua produtividade no período pandêmico.

4.1.2.3.1 O sufixo -ar e a verbalização denominal

O sufixo **-ar** destaca-se como o principal formador de verbos denominais no português. Conforme observam Correia e Almeida (2012), a primeira conjugação constitui, ao que tudo indica, a única disponível para a criação de novos verbos no português brasileiro, razão pela qual é frequentemente caracterizada como *conjugação lexicogênica*. Nesse sistema, o sufixo *-ar* conecta-se a uma base nominal, originando verbos que denotam ações, processos ou eventos relacionados semanticamente ao substantivo de base, conforme o esquema:

$$[[X]_s -a(r)]_v$$

O produto desse processo reúne, em um único item lexical, a informação nominal e o evento verbal correspondente, o que resulta em maior densidade semântica e economia discursiva. Assim, formas como *apimentar*, *martelar* ou *cimentar* substituem construções analíticas do tipo “adicionar pimenta”, “golpear com martelo” ou “espalhar cimento”.

No *corpus* analisado, destacam-se os verbos *covidar* e *mutar*. Em *covidar*, a base nominal *covid* sofre verbalização direta, sem necessidade de adaptação temática, fenômeno recorrente em empréstimos do inglês (*bug* > *bugar*; *tank* > *tankar*). Já em *mutar*, observa-se a supressão da vogal final da base inglesa *mute*, seguida da adjunção do sufixo *-ar*, processo que aproxima a forma resultante dos padrões silábicos do português.

- (30) na actual fase pandémica, convidar pode ser (mas não tem que o ser) sinónimo de “covidar” se “aliviarmos”, essencialmente, o distanciamento físico (que alguns teimam em designar social) que constitui um

“instrumento” decisivo para dificultar a “circulação” do vírus (healthnews.pt)⁴⁵.

(31) Google Meet agora permite mutar todos os microfones pelo iPhone (tecnoblog)⁴⁶.

Basílio (2007) destaca que a interpretação do falante dos verbos denominais se dá por meio da metonímia. Para a autora, a percepção do falante do significado do verbo ocorre “a partir da interação do conhecimento do mundo com o conhecimento linguístico, em conexão com padrões metonímicos”, ou seja, a metonímia torna-se responsável por estabelecer a relação entre elementos que possam estar associados entre si: o substantivo e alguma ação que possa ser expressa por um verbo (Basílio, 2007, p. 10).

4.1.2.3.2. O sufixo -izar e a noção de transformação

Diferentemente de *-ar*, que tem uma significação um pouco mais neutra, com predomínio da função de alteração categorial, o formativo *-izar* apresenta maior especificação de significado. Esse sufixo costuma indicar processo de mudança de estado ou transformação, admitindo, na maioria das vezes, a paráfrase converter (tornar) em X, em que X corresponde à semântica da base. Desse modo, *modernizar*, por exemplo, significa “tornar moderno” e *realizar*, “tornar real”. O sufixo pode ainda ser empregado com algumas variações de sentido, como atribuir ou adquirir determinada qualidade (*cristalizar* > “transformar ou passar a apresentar aspecto de cristal”); pôr em determinado lugar ou posição (*hospitalizar* > “internar em um hospital”, *centralizar* > “pôr no centro”); provocar reação (*fertilizar* > “tornar fértil”, *aterrorizar* > “provocar terror”). Em todos os casos, porém, sempre está subjacente a ideia de mudança de estado ou transformação.

O neologismo *jacarizar*, surgido no contexto pandêmico, segue esse padrão. Formado a partir do substantivo *jacaré* e do sufixo *-izar*, após a supressão da vogal final da base, o verbo passou a significar “tornar-se imunizado”. A forma emerge em reação

⁴⁵ Disponível em <https://healthnews.pt/2020/07/23/a-covid-19-convidar-ou-covidar/>

⁴⁶ Disponível em <https://tecnoblog.net/noticias/google-meet-agora-permite-mutar-todos-os-microfones-peloiphone/#:~:text=O%20uso%20%C3%A9%20simples.,o%20anfitri%C3%A3o%20permita%20reabilit%C3%A1%20los.>

irônica à declaração do então presidente da República, que sugeriu, de modo jocoso, que a vacinação poderia transformar pessoas em “jacarés”. O discurso popular ressignificou o termo, invertendo sua carga negativa e atribuindo-lhe valor positivo no contexto pró-vacinação.

(32) Me chamem de lacoste agora porque eu to *jacarizado* meus parceiros!!!
(@adrieltravassos perfil do instagram)⁴⁷.

Ao empregar o termo *jacaré*, o governante referia-se às supostas reações adversas provocadas pela vacina, que, em sua opinião, eram graves e permanentes. A declaração gerou ampla repercussão negativa, por ter sido interpretada como uma forma de deslegitimar a vacinação em um contexto de crise sanitária.

A reação de boa parte do público foi igualmente irônica, gerando memes e críticas nas redes sociais e acentuando o debate público sobre a postura do governo em relação à imunização. Conforme ilustrado nas imagens a seguir, nessas reações, o público inverteu a conotação do termo *jacaré*, empregando estratégias verbais e não verbais para dotá-lo de interpretação positiva. Assim, *jacarizado* passa a funcionar no discurso popular pró-vacinação com o sentido de *imunizado*.

Figura 6: 100% jacarizado



Fonte: <https://www.facebook.com/donramonart/>

Figura 7: Eficácia da vacina é de 78%

⁴⁷ Referência não disponível



Fonte: <https://o-boto.com/blog/covid-19-por-que-a-vacina-e-a-unica-luz-no-tunel>

Figura 8: Correspondência jacarizado-imunizado



Fonte: <https://www.elo7.com.br/lista/artes-jacare-imunizado-vacina-camisetas-mockups>

A formação pode ser amparada pelo esquema:

$$[[X]_s - iza(r)]_v$$

Nesse caso, *jacarizar* preserva a semântica típica do sufixo, denotando transformação no estado do indivíduo.

4.1.2.3.3 Os sufixos aumentativos -aço e -ão

O sufixo **-aço** é uma das três terminações do latim vulgar utilizadas na formação do aumentativo. Conforme observa Câmara Jr. (1975, p. 227), “a formação aumentativa

não corresponde à dos diminutivos em frequência e valor funcional; é um tanto esporádica e frisa sempre uma intenção fortemente pejorativa, podendo-se dizer que é exclusivamente um recurso para a linguagem afetiva”. Apesar da legação de Câmara Jr acerca do caráter pejorativo de *-aço*, os dados evidenciam o oposto. A expressividade do formativo se manifesta em vocábulos como *golaço* e *filmaço*, nos quais o sufixo não denota nem propriamente aumento de dimensão, nem pejoratividade, mas sim a emissão de um juízo de valor positivo (Azeredo, 2008, p. 463-464). Em alguns casos, veicula-se ideia de tamanho, mas ela é secundária, pois a carga afetiva se sobressai, como se observa em *mulheraça*. Além disso, *-aço* pode adquirir valor coletivo, como em *calhamaço* (caderno com grande quantidade de folhas) e *chumaço* (aglomerado de algodão, gaze, cabelo ou outro material) (Bechara, 2009, p. 359). O sufixo também é empregado para expressar intensidade, como ocorre em *ricaço*.

Sandmann (1987, 1888, 1991) destaca que *-aço* também veicula um sentido de resultado de ação enérgica, golpe ou pancada, a que se sobrepõe também a noção de intensidade, como ocorre em *pataço*, *munhecação* e *joelhaço*, indicando que ocorreu uma pancada forte. Ainda com esse valor, estão registrados os casos de *chifração* (golpe com chifres ou traição descarada ao voto conjugal), *chicotaço* (chicotada forte) e *canivetaço* (golpe com canivete) (Houaiss, 2009)

No caso de *panelaço* — forma de protesto em que se utilizam caçarolas, panelas, frigideiras e outros utensílios de cozinha com o intuito de produzir ruído e chamar a atenção pública —, o sufixo *-aço* expressa simultaneamente os valores de coletividade, ação enérgica (envolvendo golpes) e intensidade. O resultado é o sentido de manifestação ruidosa, o mesmo que se observa em *apitaço* e *buzinaço*. Mais recentemente, registra-se o termo *mamaço*, que designa um evento coletivo no qual mães amamentam seus filhos em público, com o objetivo de promover, fortalecer e normalizar o aleitamento materno. Nesse caso, por se tratar de uma manifestação silenciosa, preserva-se apenas o traço de ação coletiva, o que revela a ampliação semântica do sufixo, que, em seu uso contemporâneo, passou também a denotar a ideia de manifestação popular.

- (33) Várias capitais do Brasil registraram panelaço durante pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) na noite desta quarta-feira (CNN – 02/06/2022)⁴⁸.

Outro sufixo de origem latina frequentemente apontado como portador de valor aumentativo é *-ão*, que, segundo Câmara Jr. (1975, p. 227), constitui o sufixo aumentativo básico, capaz de derivar substantivos não apenas de outros substantivos, mas também de adjetivos e até de verbos. Contudo, a variedade de significados que esse formativo pode expressar vai muito além da simples noção de grau. Entre os sentidos assumidos pelo sufixo, destacam-se os de ação ou resultado da ação (*rasgão*), agente ou indivíduo inclinado à ação indicada pelo radical (*escrivão*, *brigão*, *resmungão*, *pedinchão*), gentílico ou pertencente a determinado lugar (*aldeão*, *alemão*), e participante de um evento (*folião*) (Santos, 2009). De acordo com Santos, essa diversidade semântica decorre tanto da homonímia, resultante da convergência, no português, de diferentes terminações nasais do latim (*-onem*, *-anum*, *-anem*) em *-ão*, quanto da polissemia própria de cada um desses formativos.

O termo *seiscentão*, amplamente utilizado na linguagem popular, passou a designar o auxílio emergencial concedido pelo governo brasileiro durante a pandemia. Na sua formação, o sufixo *-ão* não expressa valor aumentativo, uma vez que a palavra se refere a uma quantia específica (R\$ 600,00). Em vez disso, o sufixo confere ao termo um caráter expressivo, realçando a importância simbólica do valor e transmitindo ideias de grandeza e relevância social, mais do que referência objetiva ao montante, já que *seiscentão* soa como uma quantia significativa, capaz de fazer diferença na vida das pessoas. Além disso, o vocábulo adquire tom popular e afetivo, fruto da coloração coloquial que introduz um elemento de descontração e proximidade em meio ao cenário de crise econômica instaurado pela pandemia.

- (34) A cena se repete o dia inteiro e todos os dias: longas filas nas ruas onde estão instaladas agências da Caixa Econômica Federal. São centenas de trabalhadores que devido à pandemia de coronavírus se viram sem renda. Essa via crucis acontece desde abril, quando saiu o primeiro lote do auxílio

⁴⁸ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-pronunciamento-panelaco/>

emergencial de R\$ 600, o seiscentão, criado pela Lei 13.982. (ODia 06 maio 2020)⁴⁹.

4.1.2.3.4 Sufixos relacionais: -ano, -ário, -ico, -ático, -ino, -ena

O sufixo *-ano* é usado para formar adjetivos relacionais e, posteriormente, substantivos que expressam a noção de pertencimento (*urbano*: relativa a cidade, *humano*: relativo ao homem), origem (*paulistano*, *baiano*) ou afinidade (*mundano*). Na palavra *covidiano*, indica relativo à ou oriundo de, para se referir ao mal-estar provocado pela covid.

- (35) Frente à análise construída na presente dissertação, que se propôs um ensaio acadêmico em psicanálise, estamos vivendo uma transformação nas formas de viver e sentir o mal-estar na sociedade, sendo esse o motivo pelo qual sugiro o termo mal-estar covidiano (unicap.br)⁵⁰.

O sufixo *-ário* é de origem latina. Segundo Câmara Jr (1975, p. 221) e Viaro (2007), o mesmo sufixo latino que, pela via popular, deu origem a *-eiro*, elemento de grande produtividade em português, é responsável, por via erudita, pelas formações em *-ário*. Esses casos seguem o modelo de palavras como *operarius* e *tabernarius*, usados por Cícero. O formativo dá origem a substantivos que podem designar um trabalhador assalariado numa dada profissão (*comerciário* > “empregado de comércio”, *bancário* > “empregado de banco”) um agente (*missionário* > “aquele que cumpre uma missão”), o conjunto em função do indivíduo (*vestuário* > “conjunto de roupas”, *mobiliário* > “conjunto de móveis”) e, finalmente, seção ou departamento com finalidade específica (*berçário* > “nas maternidades e hospitais, dependência ou seção onde ficam os berços das crianças recém-nascidas”).

Além disso, o sufixo *-ário* entra na formação de adjetivos com o sentido de “relativo a ...”. É o caso de *crise previdenciária* (crise relativa à previdência) e de *greve rodoviária* (greve realizada por rodoviários).

⁴⁹ Disponível em: <https://odia.ig.com.br/economia/2020/08/5970448-peregrinacao-para-sacar-o-seiscentao.html> (acesso em 24 março 2025)

⁵⁰ Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/2014>

O *corpus* analisado apresenta duas palavras terminadas em *-ário*. Dessas, apenas o caso em (36), *covidário*, será tratado como sufixação. O outro caso, *ovulário*, constitui um caso de cruzamento vocabular e será analisado na seção destinada a esse processo de formação.

Em *covidário*, o sufixo *-ário* se liga diretamente ao termo *covid* para designar o local destinado ao tratamento de pacientes infectados pelo coronavírus. Segundo o dicionário online Priberam, é o “local, devidamente isolado e equipado que, num estabelecimento de saúde, se destina ao atendimento e ao tratamento de doentes com suspeita ou confirmação de infecção por covid-19”⁵¹.

- (36) E aí me faltou o ar. Corri para uma UPA e me encaminharam para a ala da Covid, o covidário. (<https://revistaquestaodeciencia.com.br>)⁵².

Introduzido no português por empréstimo ao latim literário, o sufixo *-ico* (*melancólico*, *simbólico*) tem origem grega. Na forma átona, sua produtividade está restrita à linguagem científica (Câmara Jr, 1975, p. 219). Forma adjetivos relacionais, indicando pertencimento, natureza ou característica (*poético*: relativo à poesia, *histórico*: relativo à história). No exemplo a seguir, *covidico* é empregado para qualificar o mundo caracterizado pela presença massiva da covid e suas consequências em todos os aspectos da vida.

- (37) A pandemia das imagens: retóricas visuais e biopolíticas do mundo covidico (repositorio.usp.br)⁵³.

O sufixo *-ático* tem origem no grego *-atikos*, passando para o latim na forma *-aticus*. Forma adjetivos a partir de substantivos, indicando pertinência, relação ou característica, como no caso de *sistemático* > “relativo a sistema”, *democrático* > “relativo à democracia”. Em *sintomático*, a formação indica algo relativo a sintoma.

⁵¹“covidário”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <https://dicionario.priberam.org/covid%C3%A1rio>.

⁵² Disponível em: <https://www.revistaquestaodeciencia.com.br/artigo/2021/07/30/um-domingao-no-covidario>

⁵³ Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003028089>

- (38) São o que chamamos de pacientes oligossintomáticos, que quase não tem sintomas ou os apresentam de maneira discreta. (saúde.abril.com)⁵⁴.

O sufixo **-ino, ina**, proveniente do latim, forma adjetivos relacionais ou gentílicos, indicando pertencimento, origem, procedência (*argentino, nordestino, latino*) ou semelhança característica ou natureza (*cristalino, divino, bovino*). No exemplo a seguir, o sufixo foi empregado na formação do nome de uma personagem de tira cômica, criada na pandemia para ilustrar situações decorrentes da quarentena.

- (39) A designer gráfica, ilustradora e arquiteta por formação tem 24 anos. Também é criadora do *Quarentina*, um Instagram de tirinhas que ilustra as problemáticas envolvendo a quarentena de forma divertida. (correiobrasiliense)⁵⁵.

Figura 9: Tirinha “As aventuras de Quarentina e Alquingel”



Quadrinho 'Quarentina' de Isabelle Nogueira
(foto: Isabelle Nogueira/Divulgação)

Fonte: https://www.instagram.com/_quarentina/

⁵⁴ Disponível em: https://saude.abril.com.br/medicina/covid-19-e-doenca-sistemica-conheca-estragos-e-sintomas-fora-dos-pulmoes/#google_vignette

⁵⁵ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/11/4888873-quadrinistas-mulheres-trazem-visao-femininas-a-genero-gracas-a-internet.html>

Figura 10: Quarentina no feriadão



📷 (crédito: Isabelle Nogueira/Divulgação)

Fonte: https://www.instagram.com/_quarentina/

O sufixo **-ena**, de origem latina, associa-se a uma base numérica para indicar um conjunto numérico ou período de tempo específicos (*dezena*, *quinzena*, *centena*). Em *quarentena*, o formativo se une à base *quarenta* para se referir, originalmente, ao período de quarenta dias a que alguém se sujeitava ao isolamento como medida de prevenção do contágio de doenças. No uso contemporâneo, a referência exata à quarenta dias foi desconstruída e a palavra passou a designar qualquer período de tempo de reclusão ou isolamento, especialmente em contextos sanitários.

- (40) Durante o período de quarentena é recomendado ficar o máximo de tempo dentro de casa (...) (tuasaúde) ⁵⁶.

4.1.2.3.5. Os sufixos nominais: **-ção**, **-mento**, **-dade**, **-ite**

O sufixo **-ção** é um dos mais produtivos da língua portuguesa, principalmente quando se trata da formação de substantivos. Tem origem no latim *-tion(e)*, do sufixo -

⁵⁶ Disponível em: <https://www.tuasaude.com/quarentena/>

ion(e), que, com a integração da consoante, se transformou em *-ção*, fixando-se como marca típica de substantivos derivados de verbo. Forma substantivos a partir de verbos, ocorrendo principalmente com os de primeira conjugação, quando se comporta de maneira mais regular (*organizar* > *organização*, *transformar* > *transformação*). Acresce-se ao tema verbal sem outras modificações. Nas outras duas conjugações, porém, ocorrem modificações, como a alteração ou supressão da vogal temática verbal (*perder* > *perdição*, *construir* > *construção*) (Câmara Jr, 1975, p. 225).

A semântica de *-ção* expressa tanto uma ação, ou processo (*educação* < ato de educar) quanto o efeito ou resultado dela (*construção* < ato de construir ou o edifício construído, *invenção* < o ato de inventar ou o objeto inventado). Além disso, o sufixo também pode indicar um estado ou condição (*deformação* < estado de deformado, *frustração* < estado de frustrado).

Visto que a semântica do sufixo não interfere significativamente na ideia expressa pela forma verbal, o formativo *-ção* é o mais produtivo para nominalizar um verbo. Presta-se à função de alteração categorial e à função textual, dado que constitui um recurso de retomada do rema do período anterior com tema do período subsequente, funcionando como estratégia de coesão referencial.

- (41) A gente te deseja um mundo todo de coisas maravilhosas (a sua primeira dose de vacina já veio e seu processo de "jacarização" já está iniciado)⁵⁷.

No caso em (41), *jacarização* designa o processo relacionado à semântica do neologismo relacionado, *jacarizar*. A *jacarização* seria o processo de tornar-se imunizado, que ocorreria em etapas, à medida em que a pessoa recebesse a sequência de doses da vacina.

O sufixo **-mento**, do latim *mentum*, concorre com o sufixo *-ção* ao derivar substantivos abstratos a partir de verbos, indicando resultado, efeito, ação ou processo, como em *ferimento* (“resultado de ferir”), *pagamento* (“ato de pagar”) e *julgamento* (“ato de julgar”). Também indica o objeto, meio ou instrumento envolvido na ação. É o caso de *ornamento* (“usado para ornar”) e *alojamento* (“local para alojar pessoas”).

Nos exemplos de (42) a (45) a seguir, o sufixo liga-se à base verbal para indicar resultado do processo de [des]confinar, distanciar, enfrentar e isolar, respectivamente.

⁵⁷ Usinadasartes, perfil no facebook.

- (42) Primeiro-ministro revelou ao país o plano de desconfinamento que começará já na próxima segunda-feira, dia 15, e terminará a 3 de maio.” (noticiasaoiminuto.com)⁵⁸.
- (43) Um levantamento indica que o distanciamento social diminuiu a taxa de crescimento dos casos de coronavírus no estado de São Paulo (portal.if.usp.br)⁵⁹.
- (44) Para promover a transparência e facilitar o encontro das ações por todos os interessados (..) a Controladoria-Geral da União (CGU) reúne, abaixo, as principais medidas e informações produzidas pelo governo federal para o enfrentamento do coronavírus no Brasil (gov.br)⁶⁰.
- (45) Isolamento vertical e *horizontal* são formas de distanciamento social que visam à redução do número de infectados por uma doença (mundoeducacao.uol)⁶¹.

Figura 11: Importância do distanciamento social



Fonte: <http://www.paracatu.mg.leg.br/noticia/ler/185/entenda-a-importancia-do-distanciamento-social>

⁵⁸ Disponível em: <https://www.noticiasaoiminuto.com/pais/1707795/costa-apresenta-ao-pais-plano-de-desconfinamento-siga-em-direto>

⁵⁹ Disponível em: <https://portal.if.usp.br/imprensa/pt-br/node/2335>

⁶⁰ Disponível em: <https://www.gov.br/cgu/pt-br/coronavirus/governo-federal>

⁶¹ Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/diferenca-entre-isolamento-vertical-e-horizontal.htm>

Outro sufixo formador de substantivos é o sufixo *-(i)dade*, que forma substantivos a partir de adjetivos (*normal* > *normalidade*) ou substantivos (*ânsia* > *ansiedade*), nomeando a propriedade ou atributo expresso pela base. De acordo com Câmara Jr. (1975, p. 223), *-(i)dade* tem como origem o sufixo latino *-tat(e-)* e foi empregado em larga escala no latim vulgar, ligando-se, principalmente, a adjetivos de tema em *-o*. Nesses casos, a vogal *-o* reduz-se a *-i* ao receber o sufixo, passando a funcionar como vogal de ligação: *ameno* > *amenidade*. A vogal *-i-* ocorre até mesmo em casos em que o adjetivo corresponde a uma forma atemática, como em *fácil* > *facilidade* e *real* > *realidade*, apesar de *leal* > *lealdade* e *cruel* > *crueldade*.

Dados de Pezatti (1990) indicam a generalidade da ocorrência da vogal *-i-* com o sufixo *-dade*, o que leva a autora a depreender a forma *-idade* como sufixo. Segundo a autora, 96,5% das ocorrências apresentam a incidência de *-idade* contra 3,4% de *-dade*, que ocorre em casos em que a palavra primitiva apresenta travamento silábico em /l/ ou /N/, como em *maldade*, *igualdade*, *bondade*, *orfandade*. Nos exemplos, *agilidade* e *afinidade*, a manutenção do *-i-* parece estar associada ao ambiente fonético. A vogal alta da sílaba precedente condiciona a permanência da vogal no sufixo.

Dessa forma, a autora conclui que o sufixo obedece às regras de derivação do português segundo a qual o sufixo liga-se ao tema nominal, ocasionando a supressão do índice temático, *-o* ou *-e*, conforme os exemplos: *denso* > *densidade*, *grave* > *gravidade*. Nos casos em que a sílaba final do nome termina em ditongo crescente, ocorre a supressão do índice temático. Porém, a vogal inicial do sufixo sofre um processo de dissimilação passando a *-e-*: *sério* + *idade* = *seriedade*.

Em alguns casos, aplica-se a regra da haplologia, fenômeno fonético-morfológico que resulta na supressão de uma sílaba da palavra formada por ser igual ou parecida com a subsequente. É o que ocorre com *válido* + *idade* = *validade* e com *humilde* + *idade* = *humildade* (em vez de *valididade** e *humildidade**, respectivamente). No caso em (46), temos essa situação. O termo *comorbidade*, resultado da derivação prefixal e sufixal simultânea (*co* + *mórbido* + *idade*) passou por haplologia. Na forma hipotética *comorbididade** dá-se a supressão da sílaba *di*, para facilitar a pronúncia. No português europeu, porém, o fenômeno é diferente. Ocorre a dissimilação por lambdacismo, resultando na forma *comorbilidade*, conforme exemplificado em (47). O contraste com a forma europeia revela diferenças sistêmicas entre variedades do português.

- (46) A Secretaria Municipal de Saúde (SMS) do Rio de Janeiro vai antecipar a aplicação da segunda dose da vacina contra a covid-19 para as crianças de 5 a 11 anos que tenham comorbidades ou deficiência (uol)⁶².
- (47) A comorbilidade ocorre quando duas ou mais perturbações se apresentam concomitantemente no mesmo indivíduo numa frequência muito superior à da população em geral (hiperatividade)⁶³.

O vocábulo é empregado para se referir à existência de duas ou mais doenças, em simultâneo, na mesma pessoa. Tal condição tornou-se ainda mais relevante na época devido ao maior risco de morte para pessoas com esse quadro, caso contraíssem o vírus.

O termo *quarentite*, formado pela combinação da base *quarenta* / *quarentena* com o sufixo *-ite*, foi cunhado para se referir ao conjunto de problemáticas provocadas pelo isolamento físico das medidas de contenção sanitária, sobretudo a solidão causada pelo longo período de quarentena. A produtividade do sufixo *-ite* evidencia-se principalmente no domínio da medicina, contexto em que indica inflamação de toda a espécie (*apendicite*, *artrite*, *bronquite*, *dermatite* etc). A significação de *-ite* se generalizou tanto que já se registram usos como forma livre, como no exemplo em (48).

- (48) É só esfriar que as ‘ites’ chegam com tudo (hospitalsiriolibanes.org.br)⁶⁴.

Na comunicação informal, o emprego do sufixo vem se vulgarizando para indicar qualquer tipo de característica ou hábitos difíceis de mudar, referência à natureza persistente de determinadas inflamações. Esse é o caso de *frescurite* (“comportamento afetado, melindroso, excesso de drama”), *selfite* (“obsessão por tirar selfies”), *gourmetite* (“mania de gourmetizar tudo”), *crushite* (“obsessão por um crush”) e *rançolite* (“sentimento de aversão ou antipatia profunda por algo ou alguém”). Esses empregos de *-ite* demonstram a tendência de patologizar comportamentos contemporâneos, como se fossem doenças da modernidade.

⁶² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2022/02/22/covid-19-rio-antecipa-2-dose-da-vacina-para-crianca-com-comorbidade.htm>

⁶³ Disponível em <https://hiperatividade.com.pt/comorbilidades/>

⁶⁴ Disponível em <https://hospitalsiriolibanes.org.br/blog/vivaoseumelhor/e-so-esfriar-que-as-ites-chegam-com-tudo>

O termo *quarentite* surgiu para designar as reações emocionais decorrentes do isolamento físico prolongado, como irritabilidade, angústia e estados depressivos. Trata-se de um neologismo criado para nomear um fenômeno antigo. A *quarentite* corresponde à chamada “febre da cabana” (*cabin fever*, em inglês), definida pela Wikipédia como “a irritabilidade claustrofóbica angustiante ou a inquietação experimentada quando uma pessoa, ou grupo, permanece confinada em um local isolado por um longo período”. Em contextos mais formais, a Organização Mundial da Saúde (OMS) propôs a expressão “fadiga pandêmica” (*pandemic fatigue*) para designar o mesmo quadro, denominação que se consolidou nas discussões sobre os efeitos psicológicos do confinamento durante a pandemia.

- (49) Mesmo aos mais afortunados, fugir para a casa da praia ou fazenda tornou-se impraticável, deu data de validade às “férias”. Para os mais idosos, a solidão. Aí pode se instalar a “quarentite” (osãopaulo 04/07/2020)⁶⁵.

Figura 12: Fadiga da pandemia – infográfico



Fonte: <https://www.facebook.com/cmnazare/posts/a-fadiga-da-pandemia-%C3%A9-algo-que-a-maioria-dos-portugueses-sente-na-situa%C3%A7%C3%A3o-de-p/3608398075881279/>

⁶⁵ Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/colunas/comportamento/quarentite-o-que-e-isto/>

Figura 13: Fadiga pandêmica – evento acadêmico



Fonte: <https://www.defensoria.ce.def.br/noticia/fadiga-pandemica-voce-sabe-o-que-e-participe-da-palestra-sobre-o-tema-e-enfrente-o-mal-da-pandemia/>

4.1.2.3.6. O sufixo -ês e a metalinguagem social

O sufixo latino *-ês*, de origem popular, forma palavras de natureza adjetival a partir de um substantivo. Está relacionado à forma erudita *-ense*, que no PB constitui a forma mais produtiva (*piauiense*, *niteroiense*, *catarinense*) (Câmara Jr, 1975). Ambos são usados para indicar naturalidade ou origem geográfica e, metonimicamente, as línguas correspondentes aos povos. Com o tempo, por deriva semântica, algumas palavras passaram a designar característica ou pertencimento em adjetivos de relação. É o caso de *burguês* que, originalmente designava o morador dos burgos, passou a referir-se a uma classe social, e de *freguês*, habitante ou membro da freguesia (domínio de atuação de uma paróquia, no contexto eclesiástico), que se tornou sinônimo de cliente. Nas palavras que designam idiomas, a oscilação entre adjetivo e substantivo decorre da elipse da palavra *idioma* (o idioma francês; o ... francês).

Mais recentemente, o sufixo *-ês* tem entrado na formação de palavras derivadas que nomeiam, amiúde de forma pejorativa, a linguagem caracterizada pelo excesso de jargão profissional e termos técnicos, o que frequentemente torna a comunicação inacessível ao público leigo. Destacam-se os casos de *juridiquês*, no direito, *economês* e *financeirês*, nos negócios, *tecniquês* ou *tecnologuês* e *compiuês*, na informática, entre outros. Nesses exemplos o sufixo gentílico passa a significar “o falar de ...” ou “o modo

de se expressar de...”, frequentemente empregados com carga crítica e irônica, pois sugerem uma linguagem difícil, pedante e ininteligível ao público comum.

O exemplo do nosso *corpus* segue o modelo das palavras ilustradas no parágrafo anterior. *Covidês*, de *covid* + *-ês*, designa o jargão ou linguagem típica que se desenvolveu durante a pandemia de covid-19, marcada por expressões novas (*novo normal*), tecnicismos médicos (*telemedicina*, *curva epidemiológica*), siglas (*EPI* [Equipamento de proteção individual], *RT* [número de reprodução da doença]), abreviações e neologismos populares (*coronaburguer*, *jacarizar*). Como no caso do *juridiquês* e do *economês*, *covidês* refere-se ao “modo de falar” de um grupo, nesse caso, especialistas em saúde, mídia, políticos e representantes da população sobre o fenômeno da pandemia.

(50) Vamos lá falar em... Covidês. As palavras que a pandemia colocou na nossa boca. (visãosapo)⁶⁶.

4.1.2.3.7. Avaliação e ideologia: *-ice*, *-ismo*, *-ista*, *-inho*

O sufixo *-ice*, do latim *-iti(e)*, *-iti(a)*, é avariante semierudita de *-ez* (variante *-eza*), que aparece em formas como *palidez* e *magreza*. Forma substantivos abstratos a partir de adjetivos e mais raramente de substantivos com valor atributivo. Compete com a forma *-ici(e)*, francamente erudita, como se pode notar no cotejo entre *tolice*, de *tolo*, e *calvície*, de *calvo* (Câmara Jr, 1975). Tanto a forma erudita (*-icie*), quanto à semierudita (*-ice*) parece terem se especializado para veicular valores pejorativos ou depreciativos (*burrice*, *baitolice*, *chatice*, *criancice*) enquanto a forma proveniente do latim vulgar (*-ez*, *-eza*) conserva uma significação mais neutra (*fraqueza*, *estranheza*).

No exemplo em (51), *covidice* aparece associado ao vocábulo *idiotice*, que sugere que a pandemia de covid é uma bobagem associada ao contexto da crise sanitária. Na ocasião, o termo foi utilizado para designar tanto atitudes de irresponsabilidade diante do contágio — como promover aglomerações ou se recusar a usar máscara — quanto comportamentos exagerados e geradores de pânico, a exemplo da compra excessiva de álcool em gel ou de outros produtos em farmácias e supermercados.

⁶⁶ Disponível em: <https://visao.pt/atualidade/sociedade/2020-05-16-vamos-la-falar-em-covides-as-palavras-que-a-pandemia-colocou-na-nossa-boca/>

(51) Portanto, não façamos nada e continuemos com esta idiotice, a covidice (enquantoalmocamos.blogspot)⁶⁷.

O sufixo **-ismo** forma substantivos a partir de substantivo ou adjetivo. As primeiras palavras foram tomadas diretamente do grego pelo latim, de modo que, nesta língua, *-ismo* não funcionava como sufixo, já que o formativo não participava originalmente de novas formações. No grego, o sufixo formava substantivos deverbiais indicativos de ação, como é o caso de *batismo*, ato de batizar; *exorcismo*, ato de exorcizar, e *catecismo*, ato de catequizar (Houaiss, 2009).

De acordo com Júlio Ribeiro (1889, p.149), o sufixo *-ismo* tem sua origem nos verbos gregos em *-izo*, a exemplo de *despotismo*, *materialismo*, *espiritualismo*, *jornalismo* e *absenteísmo*. Nesse sentido, a forma *-ismo* foi criada em grego como sufixo a partir da combinação de outros formativos. Resulta da combinação do sufixo grego *-mos* à terminação *-izo* dos verbos, que passa a ser reanalisada como um único formativo.

A maioria das palavras mais antigas estava associada ao domínio religioso. Segundo Câmara Jr. (1975, p.224), o sufixo teve grande aplicação a partir do Cristianismo, sendo usado para a designação de “profissão de fé”. Com a ampliação do significado, passa a referir-se a qualquer doutrina, sistema ou corrente de pensamento, como em *socialismo*, *liberalismo* e *positivismo*. Também ocorre com o significado de atitude ou modo de agir (*heroísmo*, *civismo*, *pessimismo*), doenças ou distúrbios médicos (*alcoolismo*, *reumatismo*, *daltonismo*), movimentos artísticos (*romantismo*, *realismo*, *modernismo*), fenômenos diversos relativos à linguagem (*solecismo*, *galicismo*, *barbarismo*), entre outros. Sendo assim, fica claro que se trata de um sufixo bastante polissêmico.

No português do Brasil, o sufixo torna-se bastante produtivo ao ser empregado na designação de ideologias políticas, a partir da sigla do partido (*pessedismo*, de *PSD*, “partido social democrático”) ou do nome próprio de filósofo, artista ou político responsável pelas ideias ou movimento (*darwinismo*, *comtismo*, *lulismo*, *bolsonarismo*). Segundo Houaiss, no século

XIX e no XX, seu uso se disseminou para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos, através dos

⁶⁷ Disponível em: <https://enquantoalmocamos.blogspot.com/2020/07/a-covidice.html>

nomes próprios representativos, ou de nomes locativos de origem, e se chegou ao fato concreto de que potencialmente há para cada nome um seu derivado em *-ismo*. (Houaiss, 2001)

Além disso, *-ismo* ocorre na formação de palavras que estão relacionadas a algum debate social ou à maneira de se portar frente a determinadas ideias, como em *negacionismo*, *antivacinismo* e *terraplanismo*. A produtividade de *-ismo* para designar correntes de pensamento é tão expressiva que o sufixo já vem sendo usado como forma livre para se referir a doutrinas ou ideologias (“os ismos”).

Nos exemplos (52) e (53), o sufixo *-ismo* representa o mesmo conceito - o conjunto de doutrinas, pensamentos e maneiras de se portar característicos de determinado segmento da sociedade. Nestes casos, as doutrinas são concebidas como verdades, dogmas inquestionáveis, sob os quais não se podem lançar quaisquer dúvidas.

(52) O “Covidismo” transformou-se numa religião, os profetas são os “especialistas”, os jornalistas, os pastores, e os que ousam questionar os seus dogmas são rotulados de “negacionistas” e enxovalhados (O Covidismo – Observador)⁶⁸.

(53) Neocurandeirismo. Iluminismo às avessas. Brasil na vanguarda da estupidez mundial (@DrLuana_ID twitter)⁶⁹.

O sufixo *-ismo* está associado ao sufixo *-ista*, de maneira que para cada palavra em *-ismo* designativa de uma corrente de pensamento, há outra em *-ista* para indicar aquele que professa ou segue aquelas ideias. O *-ista*, que é empréstimo do grego, deriva substantivos e adjetivos a partir de outros substantivos ou adjetivos. Embora seja empregado preferencialmente para designar o profissional ligado à atividade artística ou intelectual (*violinista*, *cientista*, *jornalista*), com frequência também designa o signatário de determinada doutrina ou crença (*comunista*, *capitalista*, *feminista*, *ambientalista*). Também ocorre na designação de outros profissionais (*motorista*, *taxista*), de praticante de esportes (*ciclista*, *futebolista*) e de daqueles caracterizados por determinados comportamentos (*egoísta*, *oportunistas*, *consumista*, *fatalista*) (Câmara Jr., 1975, p. 221).

⁶⁸ Disponível em: <https://observador.pt/opiniao/o-covidismo/>

⁶⁹ Disponível em: <https://horadopovo.com.br/medica-que-chamou-de-neocurandeirismo-uso-da-cloroquina-e-demitida-por-bolsonaro/>

Nos casos a seguir, o sufixo tanto se refere ao partidário de um conjunto de ideias quanto ao comportamento característico do grupo. O *covidista* representaria o grupo de pessoas que defende as medidas de contenção propostas pelas instituições oficiais de saúde e, nesse sentido, coincidiria com o *covidiente*. O *negacionista* estaria do outro lado dessa lógica, pois corresponderia àqueles que, ignorando as evidências, defendem a flexibilização das medidas de prevenção de contágio por não acreditarem na gravidade da situação.

(54) O covidista vai dizer que, como adoecem e morrem muitas pessoas, devemos todos converter a uma condição de *bubble boys* até que apareça a salvação final na forma de uma vacina, e que nenhum outro princípio de abordagem é aceitável e compatível com a condição humana (...) (Observador)⁷⁰.

(55) Um negacionista e antivacina contra a Covid-19 que tirou sua máscara de oxigênio insistindo que não tinha Covid-19 morreu em decorrência do coronavírus em um hospital italiano (extra)⁷¹.

O sufixo **-inho** forma substantivos ou adjetivos a partir de outros substantivos ou adjetivos de maneira praticamente irrestrita (*livrinho*, *casinha* etc) (Câmara Jr., 1975, p. 226). Usado inicialmente para indicar pequenez (*florzinha*, *cidadezinha*), vem com o tempo adquirindo novos valores que ultrapassam a mera expressão de grau, dentre eles o intensivo (*céu azulzinho*), o eufêmico (*gordinha*, *baixinha*) o afetivo (*mãezinha*, *cafezinho*), o desdenhoso / irônico (*queridinha*, *aquelazinha*) e o pejorativo (*mulherzinha*). Além disso, o formativo participa de formas lexicalizadas em que a significação particular do sufixo se enfraqueceu ou se perdeu totalmente, como em *amarelinha* (brincadeira infantil), *camisinha* (preservativo) e *galinha* (que se opõe a *galo* quanto ao gênero).

No exemplo (56), o uso do diminutivo não tem a função tradicional de indicar tamanho pequeno ou carinho, mas sim de minimizar a seriedade do termo *gripe*. Ao acrescentar o sufixo *-zinha*, o falante atenua a carga negativa associada à doença,

⁷⁰ Disponível em: <https://observador.pt/opiniao/negacionistas-versus-covidistas/>

⁷¹ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/page-not-found/negacionista-internado-que-abriu-mao-de-mascara-de-oxigenio-morre-de-covid-19-25367223.html>

produzindo um efeito de desvalorização ou desprezo em relação à gravidade do quadro médico. Dessa forma, o diminutivo atua como um recurso discursivo que suaviza o impacto da palavra original, podendo até transmitir ironia, descaso ou tentativa de tranquilização, dentro do contexto comunicativo. Esse uso mostra como os sufixos diminutivos, além de expressarem tamanho ou afeto, também podem funcionar como marcadores de atitude e intenção na linguagem.

- (56) Indagado sobre seu estado de saúde, o presidente Jair Bolsonaro voltou a minimizar, sexta-feira, a gravidade da Covid-19, causada pelo novo coronavírus, e chamou a doença de “gripezinha” (oglobo)⁷².

A análise dos neologismos formados por derivação sufixal evidencia a vitalidade desse processo no português contemporâneo, especialmente em contextos de intensa transformação social, como o da pandemia de covid-19. Os sufixos examinados não apenas desempenharam funções estruturais de transposição categorial, mas também se mostraram instrumentos expressivos, avaliativos e ideológicos, refletindo disputas discursivas, posicionamentos políticos e estratégias de resignificação coletiva.

Observa-se que a sufixação operou como mecanismo privilegiado para nomear processos, estados e práticas emergentes, ao mesmo tempo em que revelou a capacidade da língua de incorporar ironia, crítica e afetividade à criação lexical. Assim, os dados confirmam que a neologia não é apenas resposta a lacunas denominativas, mas também um espaço de negociação simbólica e social, no qual a morfologia se articula de modo profundo com o discurso e a cognição.

4.1.3. Neologismos semânticos

O neologismo semântico consiste na atribuição de novos significados a itens lexicais preexistentes na língua sem que se altere a estrutura formal da palavra. Essas criações costumam ser dependentes do contexto que modificou seu sentido até que aquela nova significação se estabilize no conhecimento da comunidade linguística. Convém ressaltar, também, que a neologia semântica está fortemente ligada à cognição já que frequentemente resulta de uma metáfora. Destacamos os seguintes exemplos:

⁷² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-1-24319177>

- (57) Quarta onda de covid-19 coloca a Europa como epicentro da pandemia (jornalUSP)⁷³.
- (58) O presidente Jair Bolsonaro questionou os possíveis efeitos colaterais das vacinas contra o coronavírus, tomando como exemplo a da Pfizer/BioNtec, e afirmou que não há garantia de que ela não transformará quem a tomar em “um jacaré” (istoe)⁷⁴.

A palavra *epicentro*, anteriormente usada para se referir ao lugar mais afetado por um abalo sísmico, teve seu sentido alargado para se referir ao local de maior manifestação do vírus. Naturalmente, o contexto determinará a interpretação do leitor.

De maneira similar, apenas após a metáfora empregada pelo então presidente, as pessoas passaram a empregar a palavra *jacaré* para se referir àqueles que foram vacinados:

Figura 14: Equivalência jacaré – vacinado



Fonte: <https://ihu.unisinos.br/605727-breves-do-facebook-21-12-2020>

A neologia semântica também está relacionada às alterações que se verificam na sociedade. A palavra *telemedicina* é um bom exemplo disso. Inicialmente empregada para se referir ao envio de informações por telegrama e fax, passou a incluir a ‘teleconsulta’, a assessoria entre profissionais médicos de diferentes especialidades e

⁷³ Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/quarta-onda-de-covid-19-coloca-a-europa-como-epicentro-da-pandemia/>

⁷⁴ Disponível em: <https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-virar-um-jacare-e-problema-de-voce>

finalmente ao conjunto de procedimentos e ações médicas ofertadas a distância, assim como às tecnologias e aplicações neles empregadas.

4.1.4. Estrangeirismos

Um neologismo pode ser formado com base em elementos mórficos externos ao vernáculo ou, ainda que formado por elementos autóctones, ser estruturado segundo um modelo estrutural estrangeiro. Dessa forma, no que diz respeito à hereditariedade, podemos reconhecer dois processos básicos da formação lexical: os autogenéticos, de criação intralinguística, e os alogenéticos, criados a partir de elementos alógenos. De acordo com Bizzocchi (2013), as palavras autogenéticas são aquelas que não contêm nenhum elemento estrangeiro tanto no plano da expressão quanto no do significado. Por outro lado, as alogenéticas contêm ao menos um elemento externo, seja de natureza morfológica seja semântica. Essas distinções podem ser esquematizadas conforme o quadro abaixo:

Tabela 3: Hereditariedade dos processos de formação lexical

Processos autogenéticos (autogenia)	Processos alogenéticos (alogenia)
Herança (léxico vernáculo)	Empréstimo de palavra estrangeira
Neologia fonológica	Ressemantização de palavra autogenética com significado importado
Ressemantização de palavras autogenéticas	Ressemantização de palavra alogenética com significado vernáculo
Composição ou derivação a partir de palavras autogenéticas	Composição ou derivação a partir de palavras alogenéticas

Fonte: adaptado de Bizzocchi, 2013

O termo estrangeirismo se refere a palavras ou construções de outro idioma que se inserem na língua. Consideramos aqui estrangeiro qualquer idioma diferente do grego e latim clássicos, já que estes passaram a ser amplamente empregadas na terminologia científica e dificilmente são percebidos como não pertencentes às línguas vernáculas. Por essa razão, não passam pelos processos de adaptação ou aclimação atravessados pelos empréstimos de outras origens.

O número de estrangeirismos registrados na língua parece estar associado ao maior contato entre as nações. Atualmente, a língua de que o português mais recebe insumos é o inglês. Estes são ligados, principalmente, à tecnologia e a fenômenos sociais comuns:

- (59) Várias secretarias de educação passaram a utilizar o Google *Classroom* (Google Sala de Aula) acompanhado de outras ferramentas como o YouTube para transmitir videoaulas, o Zoom, por exemplo, para videoconferências e os aplicativos WhatsApp e Telegram para sanar dúvidas (Glaucia Peçanha Alves (Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro – glaupecanha@gmail.com))⁷⁵.
- (60) Já chamados de *coronials*, essas crianças estão chegando ao mundo em condições totalmente atípicas (6minutos.uol)⁷⁶.
- (61) A **pandemia** impulsionou as empresas de **delivery**, mas a realidade pode mudar (cnnbrasil)⁷⁷.
- (62) No caso das 16 vítimas mencionadas na *fake news*, a SES-DF respondeu que 14 não haviam recebido a dose de reforço e só duas estavam com a imunização em dia (correiobrasiliense)⁷⁸.
- (63) Assim como oferece muitas vantagens, o *home office* também é muito desafiador. (ead.pucpr)⁷⁹.

Nomes de vacina, como *Pfizer* e *Coronavac*, criadas durante a pandemia, também ilustram casos de estrangeirismos surgidos na época.

4.2 Processos não concatenativos

⁷⁵ Disponível em: <https://share.google/PPjMWVSzgHWQQlh2>

⁷⁶ Referência indisponível

⁷⁷ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/a-pandemia-impulsionou-as-empresas-de-delivery-mas-a-realidade-pode-mudar/>

⁷⁸ Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/cidades-df/2022/02/4985862-covid-19-secretaria-de-saude-desmente-fake-news-sobre-mortes-de-vacinados-no-df.html>

⁷⁹ Disponível em: <https://www.blogdoead.com.br/tag/mercado-de-trabalho/trabalho-home-office>

Os processos não concatenativos caracterizam-se por estabelecerem uma interface direta entre morfologia e fonologia, uma vez que recorrem a princípios morfofonêmicos e consideram, de modo central, fatores prosódicos na constituição das formas resultantes. Diferentemente dos processos concatenativos, em que a linearidade segmental é preservada, esses mecanismos implicam operações de supressão, fusão ou reinterpretação sublexical. Entre as formações tradicionalmente associadas a esse domínio, destacam-se o truncamento, o cruzamento vocabular e a siglagem.

4.2.1 Truncamento

No *corpus* analisado, o vocábulo *corona* exemplifica o processo de truncamento por supressão segmental. O termo tem origem no latim *corona*, “coroa”, e integra a denominação *coronavírus*, assim nomeado em razão da semelhança morfológica do vírus, observada ao microscópio, com uma coroa. A base complexa *coronavírus* pode ser interpretada semanticamente como “vírus em forma de coroa”. O truncamento ocorre pela eliminação da porção localizada à margem direita da palavra-base, resultando numa forma paroxítona trissilábica (*co-ro-na*), que passa a funcionar autonomamente, mantendo o valor semântico da unidade original. Trata-se, segundo Gonçalves (2019), de um truncamento morfêmico.

Uma vez que a forma truncada adquire circulação social e reconhecimento discursivo, torna-se apta a integrar novas formações lexicais com o mesmo conteúdo referencial. É o que se observa em *coronababy*, *coronacrise* e *coronalover*, exemplos de recomposição, um processo concatenativo que parte de uma base previamente truncada, conforme proposto por Gonçalves e Oliveira (2016).

(64) No primeiro dia de 2021, o Dia Mundial da Paz, nasceu o meu terceiro filho.

Um coronababy, já que, devido ao coronavírus, desde o início da sua existência, passou por vários estados de emergência, dias de confinamento, restrições de movimento, períodos de recolher obrigatório, fecho de fronteiras, entre outras medidas extraordinárias decretadas pelo Governo (Observador)⁸⁰.

⁸⁰ Disponível em: <https://observador.pt/opinioao/coronababy-um-sinal-de-esperanca/>

4.2.2 Cruzamento vocabular

Entre os processos não concatenativos identificados, o cruzamento vocabular (CV) mostrou-se o mais produtivo. Do total de 146 neologismos que compõem o *corpus*, 29 resultam desse mecanismo. No que se refere à extensão silábica das unidades envolvidas, observa-se, em geral, uma assimetria métrica: a base de menor extensão tende a ser preservada de forma relativamente íntegra, ao passo que a base mais longa sofre maior perda segmental. Paradoxalmente, é esta última que determina a métrica global e a pauta acentual da forma resultante. Assim, o produto final apresenta o mesmo número de sílabas e a mesma posição do acento tônico da base maior, como se verifica em formações como *coronaro* (<*corona* + *Bolsonaro*), *carentena* (<*carente*+*quarentena*), *pãodemia* (<*pão* + *pandemia*), *covidiente* (<*covid* + *obediente*), *quarentini* (<*quarentena* + *martini*), *quarentino* (<*quarentena* + *nordestino*) e *quarentreino* (<*quarentena* + *treino*).

A formação *maskne* (“acne provocada pelo uso contínuo de máscara”) aparenta divergir desse padrão se consideradas as bases vernáculas *máscara* e *acne*. No entanto, trata-se de um estrangeirismo: um decalque do inglês *maskne* (< *mask* + *acne*), língua em que o cruzamento obedece precisamente aos parâmetros métricos descritos.

Entre os tipos de CV identificados, o mecanismo da **interposição lexical** revelou-se o mais representativo, respondendo por 65,5% das ocorrências (19 formações). Esse resultado confirma os achados de Gonçalves (2005, p. 17), segundo o qual “80% dos cruzamentos vocabulares do português brasileiro são caracterizados pelo aproveitamento de pelo menos um segmento comum às palavras-matrizes”.

O traço formal distintivo dos CVs por interposição é a semelhança fônica entre as bases envolvidas. Essa semelhança pode manifestar-se sob a forma de segmentos silábicos (*carentena*), sílabas inteiras (*coronaro*), fonemas (*covidengue*) e/ou elementos suprasegmentais, como pauta acentual e timbre vocálico (*pãodemia*). A ruptura — concomitante à fusão — tende a ocorrer justamente no ponto de coincidência segmental ou silábica, como em *covidelírio* e *quarentreino*.

O fenômeno da ambimorfemia⁸¹ evidencia-se de maneira exemplar em *carentena*, em que a base menor (*carente*) tem todos os seus segmentos representados na forma resultante, visto que esses mesmos segmentos integram a base maior (*quarentena*).

O segundo tipo de CV identificado, a **combinação truncada**, mostrou-se menos produtivo, correspondendo a 27,6% do *corpus* (oito ocorrências). Nesse tipo, não há obrigatoriedade de segmentos coincidentes entre as bases. Em *esquizocovidfrenia* (<*esquizofrenia* + *covid*), a base menor é inserida no ponto de junção dos radicais *esquizo-* e *-frenia*, em um procedimento de “ensanduichamento” pouco frequente no português. Já em *confinastê* (<*confinado* + *namastê*), ambas as bases sofrem truncamento e, embora exista uma sílaba coincidente, a ruptura não ocorre nesse ponto.

O terceiro tipo, a **substituição sublexical (SSL)**, correspondeu a 6,9% do *corpus* (duas ocorrências). As formações desse grupo nem sempre são consensualmente classificadas como cruzamentos vocabulares, uma vez que não envolvem a fusão de duas bases completas, mas a reinterpretação e a substituição de um segmento sublexical de uma única base. Frequentemente, esse mecanismo associa-se a processos de ressignificação semântica e a intenções discursivas de oposição ou crítica.

A formação *ovulário* (65) (“evento acadêmico promovido por mulheres”) ilustra de modo elucidativo esse fenômeno. A nova formação decorre da interpretação de que, em *seminário*, o elemento *semin-* remeteria necessariamente ao masculino, sendo, por isso, substituído por um elemento considerado mais adequado ao perfil do evento. Etimologicamente, contudo, *seminário* remonta ao latim *seminarium*, “viveiro de plantas”, e suas acepções modernas derivam de uma metáfora agrícola associada à ideia de semeadura do conhecimento, possivelmente influenciada pela parábola bíblica do semeador. Palavras como *sêmen*, *semente*, *semear*, *disseminar* e *seminário* compartilham a raiz latina *semen*, *-inis*, “semente, germe”, de modo que a relação entre *sêmen* e *seminário* é etimológica, mas não ideologicamente marcada.

⁸¹Segundo Andrade (2008), a ambimorfemia acontece quando há reciprocidade de um ou mais elementos entre as formas-base e forma cruzada. As formas sobrepõem-se por partilharem porções fonológicas (segmentos, traços, sílabas) entre as bases. São exemplos: *apertamento* (*apertado* + *apartamento*), *namorido* (*namorado* + *marido*) e *burrocracia* (*burro* + *burocracia*).

- (65) Um evento feminista em Jacobina, na Bahia, que poderia ser chamado de "seminário" - foi batizado pelas organizadoras de *ovulário*.” (revistaoeste)⁸².

Do ponto de vista discursivo, contudo, a criação de *ovulário* pode ser interpretada como um gesto político-simbólico. Independentemente da correção etimológica, a escolha lexical funciona como estratégia de marcação identitária, inserindo-se na disputa simbólica pelos sentidos das palavras. Trata-se de mecanismo recorrente em movimentos sociais, como se observa na ressignificação de termos como *denegrir*, *viado* ou *macumbeiro*. Nesse contexto, a analogia formal e a motivação política são elementos centrais do processo.

Assim, embora *ovulário* se assemelhe superficialmente a uma sufixação, como *covidário*, sua natureza é a de uma SSL, com efeito metonímico semelhante ao observado em *bucetante*, analisado por Gonçalves e Assunção (2010). Situação análoga ocorre em *webnário*, em que há especialização semântica: o termo designa um seminário realizado em ambiente virtual.

Dentre os traços característicos dos cruzamentos vocabulares, elencamos os seguintes:

Motivação estilística – alega-se frequentemente que a formulação de um neologismo está associada a uma necessidade linguística. O novo item lexical, nessa perspectiva, viria designar um conceito ou um objeto novo. É o que se observa em palavras como *coronials* ou *coronababy*, que aludem geração que experienciou, ao nascer, o contexto pandêmico, uma realidade completamente diferente da geração precursora. Cabe ressaltar, porém, que a criatividade lexical é, com alguma frequência, motivada por intenções expressivas e estilísticas. O cruzamento vocabular é um processo muito fértil nesse sentido. Embora não seja um processo fecundo do ponto de vista da formação de palavras em geral, torna-se produtivo no campo da produção lexical estilística, como se vê no exemplo a seguir:

(66)

- a) Todos contra CoroNaro !!!!! (twiter, 24/04/2020)⁸³.

⁸² Disponível em: <https://revistaoeste.com/brasil/ovulario-e-assim-que-a-esquerda-batiza-encontro-de-mulheres/>

⁸³ Referência indisponível

- b) Jair Coronaro foi pra padaria, farmácia, praia, fez churrasco... e testou 3 vezes negativo para o covid19 (@JoaquimTeixeira, twiter, 13/05/2020)⁸⁴

O exemplo apresentado combina *Corona* + *Bolsonaro*. O ponto de semelhança entre os dois vocábulos, a sílaba “na”, reforça a relação entre as palavras. A significação básica do texto não seria perdida caso se prescindisse do neologismo. Contudo, haveria grande perda em expressividade, característica muito cara para o gênero textual tweet. O vocábulo criado, que faz o presidente levar o vírus no nome, remete a atitudes do mandatário, que teriam favorecido a propagação do vírus. Para Gonçalves (2022), tanto bolso- quanto -naro constituem splinters no atual estágio da língua, dada sua alta frequência de tokens.

Associação semântica (ainda que eventual) – as palavras relacionadas em um CV, em geral, possuem um vínculo anterior, que pode ser representado tanto pelo pertencimento ao mesmo campo semântico ou domínio discursivo, quanto pela relação entre um objeto e uma característica ou mesmo pela correlação temporal, pelo valor de causa e consequência etc. Seguem alguns exemplos:

Campo semântico ou domínio discursivo

- (67) Delcídio apresenta melhoras da 'covidengue' e faz até política ao falar da doença (topmidianews)⁸⁵.

As duas palavras que se relacionam na formação são designativas de doenças.

Relação de causa-consequência

- (68) A famosa carência, que no isolamento social ganhou o nome de "carentena", faz com que aumente a biscoitagem nas redes sociais, as conversas em apps de paquera e postagens nostálgicas com a hashtag "#tbt". (uol.com)⁸⁶.

⁸⁴ Referência indisponível

⁸⁵ Disponível em: <https://www.topmidianews.com.br/campo-grande/delcidio-apresenta-melhoras-da-covidengue-e-faz-ate-politica-ao/132679/>

⁸⁶ Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/07/22/carentena-quando-sentir-se-muito-carente-pode-significar-um-problema.htm>

Combinação de *carente* + *quarentena*. A “carentena” é a carência provocada pelo isolamento social.

Correlação temporal

- (69) Em meio às gírias e expressões do momento, que brotam da necessidade de os grupos tentarem criar um código, geralmente em tom jocoso, surgiu ainda um “confinastê”, primo torto da saudação hindu, adotada pela turma do paz e amor no mundo virtual. (vejario.abril.com)⁸⁷.

A saudação *confinastê*, combinação de confinado e namastê, funcionou enquanto durou o confinamento.

Semelhança formal mínima

No cruzamento vocabular por entranhamento, pode-se notar que uma unidade adentra outra, provocando uma fusão dos elementos formais. Por essa razão, é desejável que exista certa identidade formal entre elas. Dois exemplos bem explicativos por apresentarem grande semelhança entre os elementos primitivos são *covidar* (*covid* + *convidar*) e *pãodemia* (pão + pandemia).

4.2.3. Siglagem

Por fim, no que se refere à **siglagem**, identificam-se no *corpus* as formas *Covid-19*, *EPI*, *IFA*, *PFF* e *RT*, todas com função de rotulação. *Covid-19* constitui um **acrônimo**, pronunciado como palavra da língua, com paragoge da vogal /i/, resultando numa palavra trissílaba paroxítona de estrutura silábica CV. O termo origina-se da expressão inglesa *Coronavirus Disease*, sendo o numeral 19 referente ao ano de identificação dos primeiros casos. As demais formas configuram **alfabetismos**, enunciados por soletração das iniciais, como *EPI* (“Equipamento de Proteção Individual”), *IFA* (“Ingrediente Farmacêutico Ativo”), *PFF* (“Peça Facial Filtrante”) e *RT* (“Taxa de Reprodução”).

⁸⁷ Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/girias-pandemia/>

4.3. Análise discursiva de itens selecionados: *-er* e *anti-*

A pandemia da covid-19 instalou-se no Brasil em um contexto já marcado por intensa polarização política, circunstância que contribuiu decisivamente para a configuração discursiva observada no período. Entende-se aqui por polarização o processo de cisão de uma coletividade em polos ideológicos antagônicos, acompanhado da progressiva incapacidade de manutenção de um diálogo aberto, racional e respeitoso. Tal cenário tende a favorecer práticas discursivas agressivas, caracterizadas pela desqualificação do outro, pelo recurso à ofensa verbal e, em situações extremas, pela legitimação simbólica da violência.

As condições impostas pela crise sanitária — sobretudo a necessidade de posicionamento diante de decisões que afetavam diretamente a vida cotidiana — intensificaram esse quadro. Debates acerca do uso de máscaras, da adoção de medidas de isolamento físico e da legitimidade de medicamentos e vacinas extrapolaram os domínios técnico-científicos e passaram a ocupar espaços diversos de interação social, convertendo-se em marcadores ideológicos. Assim, escolhas individuais passaram a ser interpretadas como sinais de filiação política, produzindo efeitos de alinhamento ou exclusão discursiva.

Embora o chamado “novo normal” tenha contribuído para acirrar divergências ideológicas, a visibilidade e a intensidade dessas disputas não podem ser explicadas exclusivamente por esse fator. O estresse psicológico decorrente do isolamento prolongado, a deterioração das condições econômicas e a vivência do luto coletivo constituem elementos que fragilizaram a disposição ao diálogo e à tolerância. Soma-se a isso um fenômeno já amplamente observado nas últimas décadas: a desumanização das interações mediadas por tecnologias digitais. Malgrado a internet amplie quantitativamente as possibilidades de comunicação e reduza distâncias geográficas, a ilusão de anonimato e a frieza das relações remotas favorecem alterações comportamentais, permitindo que os sujeitos expressem posicionamentos que dificilmente sustentariam em interações presenciais, frequentemente à revelia de normas básicas de civilidade.

Outro fator relevante nesse cenário é o desejo de delimitação de grupos de identificação. Trata-se de um impulso ancestral, associado à autopreservação, que se manifesta de maneira renovada em contextos de crise. Se, em sociedades pré-modernas,

a sobrevivência dependia da coesão física do grupo, nas sociedades contemporâneas, a lógica não é substancialmente distinta: em momentos de instabilidade, os indivíduos tendem a aproximar-se daqueles cujos posicionamentos lhes parecem mais adequados à garantia da existência e das melhores condições de vida. A crença de que grupos mais numerosos ou mais coesos possuem maior capacidade de fazer prevalecer seus pontos de vista contribui para a intensificação de ataques simbólicos dirigidos aos defensores de posições divergentes.

É nesse contexto sócio-histórico que se destacam determinadas criações lexicais destinadas simultaneamente a identificar grupos de pensamento e a sinalizar distanciamento ideológico. Tais formações evidenciam de que modo o momento histórico-social pode impactar a produtividade de certos elementos morfológicos. Observa-se, em particular, a intensificação do uso do prefixo anti-, tradicionalmente associado à noção de oposição, e do sufixo *-er*, de origem inglesa, empregado para designar indivíduos caracterizados como apoiadores ou adeptos de determinada prática ou ideologia.

O sufixo *-er*, incorporado ao português por via de empréstimo, passou a ser utilizado para nomear sujeitos que aderem ou apoiam o conteúdo ideológico expresso pelo radical a que se liga, apesar de a língua dispor de sufixos funcionais semanticamente próximos, como *-eiro*, *-ário* e *-ista*. A escolha pelo anglicismo não deve ser interpretada, de modo simplista, como reflexo de um suposto servilismo linguístico. Ao contrário, o recurso à língua franca global parece justificar-se pelo caráter transnacional dos debates desencadeados pela pandemia. O uso de formas já circulantes em outros contextos linguísticos contribui para reforçar a percepção de universalidade dos fenômenos em questão. Inserem-se nesse conjunto formações como *cloroquiner*, *vaciner* e *quarentener*, ao lado de vocábulos anteriormente estabilizados no léxico, como *youtuber* e *tiktoker*, que, embora não diretamente associados à crise sanitária, compartilham o mesmo mecanismo morfológico.

De modo complementar, o prefixo anti- revela elevada produtividade, uma vez que pode ser mobilizado sempre que se deseja marcar discursivamente uma posição de oposição a determinada ideologia ou prática. Exemplificam esse uso as formações *anticloroquiner*, *antivaciner* e *antivacina*, que funcionam como rótulos identitários e instrumentos de categorização do outro no espaço do debate público.

Nesse contexto de tomadas de posição fortemente ideologizadas, observa-se que termos como *cloroquiner*, *antivaciner*, *negacionista* e *bolsonarista* passam a operar, em

certos discursos, como quase sinônimos, constituindo um mesmo campo semântico de oposição. Em contraste, vocábulos como *vaciner*, *quarentener* e *jacaré* agrupam-se no polo oposto, funcionando como marcadores lexicais de alinhamento ideológico. Tal intercambialidade evidencia que o valor semântico dessas formações ultrapassa a descrição objetiva de comportamentos, assumindo papel central na construção discursiva de identidades e antagonismos.

4.4. Análise discursiva de itens selecionados: *tele-* e *web-*

O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação viabilizou a concretização de uma aspiração antiga: a realização remota de atividades como trabalho e estudo, reduzindo a necessidade de deslocamentos físicos longos e dispendiosos. Com a pandemia da covid-19, contudo, a conveniência deixou de ser o principal atrativo dessas práticas, que passaram a responder a uma exigência sanitária incontornável. Nesse cenário, dois elementos ganharam destaque na nomeação de atividades realizadas à distância ou por meio da internet: *tele-* e *web-*.

O elemento *tele-*, de origem grega, significa “longe”, “à distância”. Na língua de origem, tratava-se de um advérbio de funcionamento autônomo, razão pela qual pode ser classificado como radical. Em português, esse elemento participa da formação de palavras compostas como *televisão* e *telefone*. Por meio do processo de recomposição, em que um dos constituintes de uma palavra composta passa a concentrar o significado do todo antes de integrar uma nova formação, *tele-* adquire, em contextos mais recentes, sentidos associados especificamente a *televisão* ou *telefone*, como em *telenovela* e *telegás*. No *corpus* analisado, entretanto, as formações *teletrabalho* e *telemedicina* preservam o valor etimológico original, remetendo diretamente à ideia de realização de atividades à distância.

O termo *web-*, por sua vez, é um empréstimo do inglês, oriundo da expressão *world wide web*, que designa a rede mundial de computadores. Com a ampliação e diversificação das práticas no ambiente digital, *web-* passou a funcionar como elemento determinante em composições lexicais, restringindo e especificando o sentido do segundo constituinte. Assim, *website* designa um espaço localizado na internet, e *webdesigner*, um profissional especializado na criação de ambientes virtuais. Em *webinário*, observa-se novamente um processo de substituição sub-lexical: o significado

de *seminário* é concentrado no segundo elemento antes da incorporação de *web*, resultando na designação de um evento acadêmico realizado em ambiente virtual.

4.5. Produtividade e criatividade

Ao abordar os processos de formação de palavras no português contemporâneo, torna-se imprescindível problematizar a noção de produtividade, uma vez que ela ocupa lugar central nas descrições morfológicas e na avaliação do dinamismo lexical de uma língua. Mais do que identificar os mecanismos formais envolvidos na criação de novos vocábulos, interessa compreender quais motivações discursivas impulsionam a inovação lexical e quais processos são efetivamente mobilizados pelos falantes em contextos comunicativos específicos.

A análise quantitativa dos dados extraídos do *corpus* desta pesquisa revela que a função de rotulação constitui a principal motivação para a criação lexical no período investigado, correspondendo a 69% das ocorrências. Tal resultado confirma a estreita relação entre inovação lexical e a necessidade de nomear entidades, práticas e fenômenos emergentes, particularmente em contextos de crise, como o da pandemia. Além dessa função, destacam-se as motivações atitudinal (11,6%) e indexical (15,7%), que assumem especial relevância em virtude do forte viés ideológico que marcou os discursos analisados.

No caso das formações politicamente motivadas, observou-se que nem sempre é possível estabelecer uma distinção rígida entre função atitudinal e função indexical, uma vez que a manifestação de um ponto de vista frequentemente opera, de forma concomitante, como marcador de pertencimento identitário. Diante dessa sobreposição funcional, optou-se por agrupar no domínio da função indexical as formações que expressam posicionamentos ideológicos e situam o falante em um dos polos de oposição — esquerda ou direita — que caracterizaram os debates discursivos durante a pandemia.

As formações motivadas por mudança de classe apresentaram ocorrência residual (3,4%), e não foram identificados casos de formações com função textual. Esse dado sugere que, no recorte analisado, a criatividade lexical esteve mais fortemente associada à nomeação, à avaliação e à indexação social do que à organização textual propriamente dita.

No que diz respeito aos processos de formação de palavras, os dados indicam que os mecanismos mais produtivos foram a derivação sufixal e o cruzamento

vocabular, ambos com 19,8% das ocorrências, seguidos pelos estrangeirismos (14,38%). A composição neoclássica e a composição por justaposição apresentam percentuais equivalentes (10,9% cada), enquanto a prefixação, a recomposição, a neologia semântica, a siglagem, o truncamento e a aglutinação ocorrem com menor frequência.

Entre os tipos identificados, merece destaque o que denominamos *designação alfanumérica lexicalizada*, representada por formas como *N95* e *Sars-CoV-2*. Essas unidades não se enquadram estritamente no domínio da siglagem, uma vez que não derivam das iniciais de um sintagma nominal, mas de uma combinação de letras e números com função classificatória própria do discurso técnico-científico. No entanto, durante a pandemia, tais formas foram amplamente incorporadas ao léxico comum, passando a circular como unidades lexicais ordinárias na comunicação cotidiana. Esse fenômeno evidencia a permeabilidade entre léxico especializado e léxico geral, bem como o papel das práticas sociais na legitimação e difusão de novas formas lexicais.

Outro conjunto relevante corresponde às deformações expressivas, exemplificadas por *coronga* e *coronha*, variantes de *corona*, formadas por alterações fonéticas intencionais com finalidade expressiva. Associadas predominantemente à oralidade, essas formas revelam a criatividade lexical orientada pela avaliação afetiva do falante e reforçam a dimensão pragmática da inovação lexical, frequentemente marginalizada em abordagens estritamente formais.

A discussão desses dados conduz inevitavelmente à reflexão sobre o próprio conceito de produtividade. Conforme observa Basílio (2010), a noção de produtividade é antiga nos estudos morfológicos, estando presente já em autores tradicionais, ainda que sob denominações variadas, como *vitalidade*, *força* ou *fecundidade*. De modo geral, nas abordagens baseadas em regras, produtividade é definida como o potencial de uma Regra de Formação de Palavras gerar novos itens lexicais, concepção que encontra formulação clássica em Aronoff (1976).

Um dos principais limites dessa definição tradicional reside no fato de ela excluir processos considerados irregulares ou não orientados por regras explícitas, classificando-os como marginais ou periféricos no sistema linguístico. Tal exclusão afeta, em particular, os chamados processos não concatenativos, como o cruzamento vocabular, frequentemente tratados como fenômenos episódicos ou meramente criativos, mas não produtivos.

Em contraste com essa perspectiva, autores de orientação cognitiva, como Bybee (1988) e Kemmer (2003), propõem uma concepção ampliada de produtividade, baseada

não em regras abstratas, mas em esquemas construcionais, entendidos como padrões de generalização emergentes das conexões entre itens lexicais no uso. Nessa abordagem, a produtividade de um processo decorre da frequência de ocorrência, da aceitação pelos falantes e, sobretudo, do sucesso comunicativo das formas criadas, e não de sua conformidade a regras formais previamente estabelecidas.

À luz dessa concepção, não há justificativa teórica para excluir os processos não concatenativos do domínio da produtividade. Os dados do *corpus* analisado corroboram essa posição, ao demonstrar que o cruzamento vocabular apresenta grau de produtividade equivalente ao da sufixação e superior ao da composição, tradicionalmente considerada um dos principais mecanismos de formação lexical. Esses resultados reforçam a necessidade de redefinir a produtividade morfológica em termos construcionais, reconhecendo que a criatividade lexical não se opõe à sistematicidade da língua, mas constitui um de seus motores centrais. No quadro a seguir, apresentamos os resultados quantitativos dos dados por processos:

Tabela 4: Percentuais por processo

Tipo de formação	Número de vocábulos	Percentual
Composição por justaposição	16	10,9%
Composição por aglutinação	1	0,68%
Composição neoclássica	16	10,9%
Derivação prefixal	13	8,9%
Derivação sufixal	29	19,8%
Cruzamento vocabular	29	19,8%
Truncamento	1	0,68%
Siglagem	4	2,7%
Estrangeirismo	21	14,38%
Neologismo semântico	5	3,4%
Designação alfanumérica lexicalizada	2	1,36%

Palavra primitiva	1	0,68%
Recomposição	6	4,1%
Deformação expressiva	2	1,3
Totais	146	100%

Fonte: Elaborado pelo autor

No próximo capítulo, abordamos, mais diretamente, o impacto das novas formações no âmbito de duas áreas afins: a Lexicologia e a Lexicografia.

5. PRINCÍPIOS DA ESCRITA LEXICOGRÁFICA

Este capítulo dedica-se à discussão dos fundamentos teóricos e metodológicos da Lexicologia e da Lexicografia que sustentam a análise e a elaboração dos verbetes apresentados neste trabalho. Parte-se da compreensão do dicionário como um objeto linguístico e cultural complexo, simultaneamente descritivo e normativo, que não apenas registra o léxico de uma língua, mas também reflete práticas sociais, valores ideológicos e condições históricas específicas de sua produção. Nesse sentido, examinam-se, inicialmente, os princípios que orientam a escrita lexicográfica, incluindo a organização macro-, micro- e medioestrutural dos verbetes e os critérios de seleção e disposição das informações. Em seguida, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados para a redação das paráfrases definidoras, com atenção às distinções entre metalinguagem de conteúdo e metalinguagem de signo, aos padrões sintáticos empregados e às particularidades das diferentes classes gramaticais. Por fim, discute-se a relação entre a prática definitória e as teorias semânticas que a informam, problematizando os limites entre significado linguístico e conhecimento extralinguístico, bem como a questão da efemeridade e da perenidade dos neologismos. Ao integrar essas dimensões, o capítulo estabelece o quadro teórico-analítico que orienta a construção do glossário e fundamenta a abordagem adotada para o tratamento lexicográfico das unidades do *corpus*.

5.1. Da arte de escrever dicionários

O dicionário é, sem dúvida alguma, um dos mais importantes objetos culturais da civilização moderna. Exerce função informativa e normativa, pois é fonte rica de dados diversos acerca da língua, que incluem a lista de palavras selecionadas do léxico, arroladas em ordem alfabética, informações sobre a ortografia da palavra, pronúncia e sua separação silábica. Também traz a classificação morfológica, dados etimológicos, bem como a definição do vocábulo nos mais diversos contextos (Biderman, 2001).

Além disso, o dicionário funciona como arquivo histórico da sociedade. Visto que está situado no tempo e no espaço, capturando o espírito de uma época (Zeitgeist⁸⁸) e incorporando valores, costumes, práticas sociais, visões de mundo e preconceito, registra transformações culturais, históricas e ideológicas. Ao incorporar neologismos, como ‘uberização’ e ‘sororidade’, que surgem com a tecnologia e as mudanças sociais — muitos deles antes marginalizados — os dicionários revelam os movimentos sociais e políticos e a evolução das mentalidades. Ao mesmo tempo, por assinalarem o desuso de determinados termos (arcaísmos) registram como a vida de uma sociedade vai se alterando com o passar dos anos. Ademais, até mesmo as escolhas do lexicógrafo ou da equipe de lexicógrafos, ao incluírem certas entradas e excluírem outras, espelham as preferências e prioridades da comunidade intelectual daquele momento histórico. Dessa forma, analisar um dicionário é como observar um retrato em constante evolução, que documenta não apenas a língua, mas a própria trajetória cultural, política e social de seus falantes.

Dentro dessa perspectiva, o trabalho empreendido na pesquisa que ora apresentamos assume caráter eminentemente multidisciplinar. Isso porque, ao mesmo tempo que nos interessa a descrição linguística dos vocábulos arrolados a seguir — incluindo seus componentes fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos —, também se torna imprescindível considerar os contextos sociais, históricos, culturais e ideológicos nos quais essas unidades lexicais foram formadas, difundidas e legitimadas. Assim, não nos limitamos a examinar a estrutura interna das palavras, mas buscamos compreender os processos discursivos que impulsionaram seu surgimento, circulação e eventual cristalização no léxico da língua. Tal abordagem permite reconhecer que cada vocábulo carrega consigo marcas de uso, intenções comunicativas e valores simbólicos que ultrapassam o plano estritamente linguístico. Desse modo, analisar essas formações lexicais implica observar, igualmente, suas implicações pragmáticas, isto é, os efeitos de sentido que produzem nas interações sociais, as estratégias argumentativas que mobilizam, bem como os posicionamentos ideológicos que podem expressar ou reforçar. A pesquisa, portanto, situa-se na interseção entre a Lexicologia, a Lexicografia, a Linguística Histórica, a Sociolinguística e os Estudos do Discurso,

⁸⁸ Zeitgeist é o termo alemão que se consagrou na filosofia para designar o espírito da época, o conjunto de ideias, valores, tendências e o clima intelectual e cultural que caracteriza um determinado período histórico (Hegel, 2008)

evidenciando que o léxico é um espaço privilegiado de encontro entre língua, cultura, sociedade e cognição.

No que diz respeito à organização interna do texto que constitui os verbetes, tornou-se um consenso entre os teóricos do objeto linguístico dicionário que existe uma macroestrutura (Hartmann; James, 2001), uma microestrutura (Welker, 2004) e uma medioestrutura (Bugueño, 2003). A microestrutura, dimensão do produto lexicográfico que tem recebido mais atenção, estabelece que o artigo léxico deve apresentar um conjunto de informações ordenadas (Haensch, 1982 P. 462; Martines de Souza, 1995), divididas entre comentário de forma e comentário semântico (Wiegand; 1989, 434). Além disso, deve apresentar informação ortográfica, já que a indicação ortográfica, precedida apenas pela significação, é a informação mais procurada no dicionário (Landau, 2001).

A organização das informações internas de um verbete é de máxima importância. De acordo com Schlaefter (2002, p. 81) “os segmentos de um artigo [sc. léxico] microestruturalmente organizado ganham seu valor informativo (...) não por um encadeamento semântico-sintático ou textual, mas fundamentalmente pela posição desses segmentos no interior da estrutura [*i.e.* do próprio artigo]”. Dessa maneira, o valor de um verbete não está apenas na relevância das informações que estão nele elencadas, mas também na disposição estratégica pela qual vêm distribuídas no texto.

Segundo Miranda (2006, p. 118), o sucesso da consulta a um verbete “depende (...) da presença de um programa constante de informações, de códigos semióticos que ofereçam uma estrutura de acesso interna ágil”. Nesse sentido, as informações arroladas dentro do verbete devem ter utilidade real para o consulente. Por isso, o autor propõe dois princípios estruturantes na disposição das informações no artigo léxico: toda informação deve ser discreta e discriminante.

Discreta é toda informação efetivamente relevante para o consulente, isto é, trata-se de um dado que dissolve dúvida recorrente a respeito da palavra em questão, como é o caso da formação do feminino das palavras terminadas em -ão, visto que, na língua portuguesa, possuem mais de uma forma (irmão > irmã; leão > leoa; chorão > chorona). Discriminante é uma informação que permite ao leitor tirar algum proveito em relação ao uso da língua. Por exemplo, na entrada *boche*, no Aurélio (1999), ocorre o seguinte comentário de uso “us. na loc. adv. *a boche*” (que significa em grande quantidade), indicando a única combinação possível em que tal palavra pode ser usada.

A classificação de uma informação como discreta e discriminante é determinada pelo tipo de dicionário e seu público alvo. Assim, um dado que seria irrelevante num dicionário escolar vem a ser essencial numa obra especializada, por exemplo. Em se tratando de um dicionário geral monolíngue, Miranda (2006) estabelece os seguintes traços característicos:

- 1) seu objetivo é oferecer uma explicação sobre o significado das palavras;
- 2) seu escopo é um recorte sincrônico do vocabulário;
- 3) é concebido para um público alvo de nativos falantes;
- 4) o léxico aparece tratado principalmente sob uma perspectiva semasiológica tentando estabelecer também relações onomasiológicas;
- 5) tenta oferecer um espectro amplo de informações (ortográficas, gramaticais, etimológicas, semânticas, estilísticas, diatópicas, prosódicas etc.); e
- 6) as paráfrases definidoras devem estar redigidas em um vocabulário neutro e simples.

Em síntese, a reflexão desenvolvida nesta parte do trabalho evidencia que o dicionário não pode ser concebido apenas como um repositório neutro de unidades lexicais, mas como um artefato cultural complexo, historicamente situado e atravessado por escolhas teóricas, metodológicas e ideológicas. A organização macro-, micro- e medioestrutural dos verbetes, longe de constituir um mero arranjo técnico, desempenha papel decisivo na construção do valor informativo da obra e na eficácia da consulta, condicionando os modos de acesso ao significado e ao uso das palavras. Nesse sentido, os princípios de descrição e discriminação das informações, articulados às características do tipo de dicionário e de seu público-alvo, mostram-se fundamentais para compreender a lógica interna da escrita lexicográfica. Ao integrar aportes da Lexicologia, da Lexicografia e dos estudos do discurso, este trabalho reforça a ideia de que cada verbete resulta de um processo interpretativo que reflete não apenas o funcionamento da língua, mas também as demandas comunicativas, sociais e culturais de uma comunidade em determinado momento histórico, perspectiva que orientará as análises desenvolvidas nas seções seguintes.

5.2. Metodologia para a elaboração de verbetes e glossário

Um dicionário semasiológico (que parte do significante para chegar ao significado) pode oferecer ao consulente variadas informações. Estas incluem a correta grafia da palavra; a classe gramatical a que pertence; as informações fonéticas relativas à prosódia e separação silábica; a série de significados, desde os denotativos aos conotativos; as abonações do vocábulo retiradas da mídia impressa ou as frases exemplares formuladas pelo dicionarista e, quando possível, os dados etimológicos.

Dentre essa ampla variedade de dados encontrados em dicionários, a definição de palavra constitui o mais importante papel no interior dessas obras, já que, segundo Hartmann (2001), Jackson (2002) e Lew (2009), o significado é a informação mais procurada pelos consulentes em dicionários semasiológicos. Uma definição é “o resultado da reescrita do conteúdo semântico de uma dada expressão linguística” (Bugueño de Miranda e Farias, 2011, p. 32). O verbete estabelece, portanto, uma “equivalência ou igualdade entre o signo-lemma (unidade léxica definida) e a paráfrase resultante da reescrita do seu conteúdo semântico”, relação de igualdade a que Lara (1996) chama de equação semântica (Bugueño de Miranda e Farias, 2011, p.32).

Estabelecer uma equivalência satisfatória entre um signo-lemma e sua definição constitui, contudo, uma das tarefas mais desafiadoras da prática lexicográfica. De um lado, enfrenta-se a dificuldade de determinar o que se entende por “significado” ou “conteúdo semântico” de uma unidade linguística (Bugueño Miranda; Farias, 2010). De outro, corre-se o risco de imobilização diante do fato de que a definição lexicográfica pode ser formulada segundo diversas possibilidades de reescrita (Bugueño Miranda, 2009). Soma-se a isso a inexistência de uma teoria geral da definição lexicográfica, o que faz com que grande parte do trabalho do lexicógrafo ainda se apoie na intuição.

Segundo Bugueño Miranda (2009), uma teoria de definição de verbetes deveria fundamentar-se em três parâmetros:

- a) uma taxonomia de paráfrases definidoras;
- b) um padrão sintático;
- c) um modelo semântico.

A seguir, discutimos as principais questões relativas a essa proposta, que orientou a escrita de paráfrases definidoras da nominata de nossa pesquisa.

5.2.1. Uma taxonomia de paráfrases definidoras

São dois os princípios básicos que alicerçam a classificação das paráfrases definidoras: a) a perspectiva do ato de comunicação e b) a metalinguagem empregada.

O primeiro princípio refere-se a motivação do consulente ao recorrer ao dicionário, que pode ser buscar a definição (significado) para um item léxico (significante) ou o oposto: buscar um termo para um significado que se quer produzir. Essas perspectivas complementares estabelecem a oposição entre as obras semasiológicas e onomasiológicas.

Um dicionário semasiológico parte do vocábulo para a definição do seu significado. Os verbetes são organizados alfabeticamente a partir dos signos linguísticos e para cada um são apresentados os respectivos sentidos. As obras onomasiológicas partem da ideia ou conceito para chegar às palavras disponíveis no idioma para veicular a noção pretendida. São organizados por campos semânticos (temas, noções, conceitos) e apresentam os termos que podem nomeá-los.

A oposição estabelecida entre semasiologia e onomasiologia conduz, por sua vez, a uma nova oposição: a que se estabelece entre a perspectiva intencional e a extensional. A concepção intencional corresponde ao conjunto de traços que caracterizam determinada unidade linguística (Bussman, 1983; Ulrich, 2002; Geeraerts, 2003; Gluck, 2005), seus principais sentidos. A concepção extensional, por outro lado, diz respeito à necessidade de designação de referentes. De acordo com Geeraerts (2001) pode ser compreendida como: a) um problema de designação de um referente extralinguístico e b) um problema de categorização, ou seja de inclusão do referente em uma determinada característica.

Bugueño Miranda (2009) distingue dois tipos de paráfrase intensional (perspectiva semasiológica): a paráfrase definidora analítica, a qual expressa o conteúdo semântico de uma dada unidade léxica por meio de uma proposição, e a paráfrase sinonímica, que opera por meio da substituição por um ou mais sinônimos.

A paráfrase definidora intensional analítica é constituída mais frequentemente pela associação da categoria mais geral a que o termo pertence (*genus proximum*) com a característica ou características que o distingue/m (*differentiae specifica*). Para ilustrar, a paráfrase definidora intensional analítica da palavra *triângulo* incluiria, como expressão do *genus proximum*, ‘figura geométrica’ e, para indicação da *differentiae specifica*, ‘com três lados’.

Na paráfrase intensional sinonímica, por sua vez, ocorre a especificação do sentido de uma unidade linguística pela substituição por um sinônimo ou expressão equivalente (Martinez de Souza, 1995). Por exemplo, falecer: morrer; cômico: engraçado; célebre: famoso. No exemplo a seguir, podem-se cotejar os dois tipos de paráfrase definidoras.

Exemplo de paráfrase definidora analítica: **achatar** v diminuir ou rebaixar a curvatura, saliência ou relevo de, ser ou tornar-se menos curvo ou saliente.

Exemplo de paráfrase sinonímica: **achatar** v aplinar, alisar, achanar.

Como se vê, a definição sinonímica aponta significantes alternativos à expressão de um significado, podendo, por isso, atender mais ao problema de designação de um referente extralinguístico do que ao esclarecimento de um vocábulo. Por essa razão, há autores que preferem classificar a definição sinonímica como uma paráfrase extensional (perspectiva onomasiológica) (Bussmann, 1983; Geeraerts, 2003; Gluck, 2005). Contudo, para Bugueño Miranda (2011), uma definição sinonímica pode ser considerada intensional, na medida em que reescreve o “significado de uma expressão linguística por meio de uma outra expressão ou por meio de várias outras expressões de uma mesma língua” (Ulrich, 2002, *s.v. Paraphrase*). Ademais, por se explanar a significação de um vocábulo por meio de vários outros, semelhante ao que ocorre na explanação por meio de uma proposição, fica evidente a análise componencial do significado.

O tipo de unidade léxica objeto de nossa pesquisa favoreceu o emprego de paráfrases definidoras analíticas. Por se tratarem de neologismos que, em grande parte, exercem função de rotulação, esses vocábulos não dispõem de sinônimos plenamente consolidados no uso, o que inviabiliza a adoção de paráfrases sinonímicas. Assim, para explicitar o sentido dessas unidades recém-criadas, tornou-se necessário recorrer à definição analítica, detalhando o gênero a que pertencem e os traços específicos que caracterizam o fenômeno ou conceito nomeado. Esse procedimento mostrou-se particularmente pertinente porque, ao nomearem realidades emergentes, os neologismos exigem uma explicitação que não apenas descreva, mas circunscreva seu valor semântico e seu alcance referencial no discurso.

A paráfrase sinonímica também pode ser considerada extensional, na medida em que o signo-lemma e o sinônimo constituem duas designações para um mesmo conteúdo. Na definição extensional, admite-se um *tertium comparationis* implícito entre o signo-lemma e o sinônimo, que é o parâmetro compartilhado que torna coerente que duas palavras diferentes designem o mesmo referente. Por exemplo, na relação entre casa e residência, o *tertium comparationis* seria “habitação humana”.

Bugueño Miranda (2011) identifica um segundo tipo de paráfrase extensional: a associação de uma imagem a uma dada designação, a que o autor convencionou chamar de *substituição ostensiva*, evitando a designação *definição ostensiva*, empregada por Schläefer (2002), uma vez que, nesses casos, não se formula uma definição ou paráfrase propriamente ditas.

Além da paráfrase extensional sinonímica e da substituição ostensiva, o autor identifica a existência de uma paráfrase extensional enumerativa, que ocorre pela enumeração dos membros mais representativos de determinada categoria:

Réptil — répteis são um grupo de animais de sangue frio que têm a pele coberta por pequenas placas duras chamadas escamas e põem ovos. ***Cobras, lagartos e crocodilos são répteis.*** (CCLDe, 2003, sv. reptile)

O segundo parâmetro da classificação tipológica de paráfrase definidoras em Bugueño Miranda (2011)— a metalinguagem empregada — diz respeito à informação sobre a unidade léxica no interior do verbete. Esta pode ser de dois tipos: a referência enquanto significante ou a referência enquanto significado. Ao primeiro tipo, Seco (2003) chama de metalinguagem de primeiro enunciado ou metalinguagem de signo, que inclui a representação gráfica e fonética-fonológica do signo-lemma. O segundo, metalinguagem de segundo enunciado ou metalinguagem de conteúdo, corresponde ao comentário semântico, ao conjunto de informações referentes ao significado.

Essa oposição permite distinguir as proposições que exprimem o conteúdo do signo-lemma e as que explicam seu emprego. Segundo Seco (2003), as paráfrases de conteúdo diferenciam-se das demais por se submeterem à prova da substituição. Assim se dá com as paráfrases definidoras analíticas (definição por meio de uma sentença) e com as paráfrases sinonímicas. Em ambos os casos, a definição proposta pode potencialmente substituir o signo-lemma no discurso.

As metalinguagens de signo são chamadas impróprias na terminologia de Seco (2003) por não se submeterem a prova da substituição. Bugueño de Miranda (2009) divide as metalinguagens de signo em dois tipos: as indicadoras de uso e as extensionais. As metalinguagens de signo indicadoras de uso subdividem-se em morfossintáticas, informando o emprego morfológico ou sintático do signo-lema (como *confinastê*), e pragmáticas, informando sobre os contextos de aplicação do signo-lema (como no caso de *coronha*).

confinastê (con.fi.nas.tê) **interj. 1** *Relig.* Saudação yogue entre confinados em isolamento físico. [...].

coronha (co.ro.nha) **sf 2** termo jocoso usado para se referir ao coronavírus. [...].

As paráfrases por metalinguagem de signo extensionais também são de dois tipos: as primeiras incluem a concepção de extensão como designação. Nesse caso, indica a qual referente extralinguístico o signo-lema se refere:

antivaciner (an.ti.va.ci.ner) **subst. e adj. 1** *angl.* termo empregado para se referir de modo irônico aos opositores da campanha de vacinação contra a covid-19. [...].

Na metalinguagem de signo extensional pela perspectiva da categorização, enumeram-se os membros mais típicos da categoria:

EPIsm. 1 sigla que significa equipamento de proteção individual. No contexto da pandemia do covid-19, incluiu itens como máscara cirúrgica, luvas, protetor de face e avental. [...].

5.2.2. O padrão sintático das paráfrases definidoras

O componente sintático constitui uma dimensão da linguagem que oferece ampla margem à criatividade. Em razão disso, uma paráfrase definidora pode adotar diferentes estruturas para estabelecer uma equivalência com o signo-lema. A definição

de um padrão sintático para essas paráfrases tem como objetivo permitir, sempre que possível, a substituição entre a palavra e o signo-lema, além de evitar construções excessivamente complexas do ponto de vista redacional. Em suma, o padrão sintático das paráfrases definidoras deve favorecer a apreensão rápida e precisa do conteúdo referencial associado ao signo-lema pelo consulente.

Para ilustrar, tomemos o exemplo, do *Priberam*, a seguir:

marsopa |só| (mar·so·pa) **substantivo feminino** [Zoologia] Designação comum a vários mamíferos cetáceos da família dos focenídeos, mais pequenos que os golfinhos, de focinho curto, corpo fusiforme e nadadeira dorsal triangular.

("marsopa", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <https://dicionario.priberam.org/marsopa>.)

No exemplo, o dicionário online Priberam apresenta uma definição do tipo imprópria, por introduzir uma informação de uso, que, portanto, não resiste à prova da substituição – ou seja, a definição não pode substituir o termo definido em um enunciado por inadequação sintático-semântica. Além disso, o período é excessivamente longo e contém um número elevado de termos técnicos e científicos, o que pode dificultar a compreensão e exigir, especialmente de um consulente leigo, buscas complementares para a plena apreensão do conteúdo.

Contudo, em determinados casos, as metalinguagens de uso constituem as informações mais relevantes de uma entrada, sobretudo quando se quer registrar restrições de uso ou quando se tratam de palavras mais gramaticais. Por essa razão, Bugueño Miranda (2011) convencionou estabelecer modelos sintáticos para paráfrases por metalinguagem de conteúdo, a partir da perspectiva semasiológica, e modelos sintáticos para as paráfrases por metalinguagem de signo, a partir da perspectiva onomasiológica.

Visto que cada classe de palavras tem uma natureza e um comportamento morfossintático próprios, exigem um tipo diferente de definição e consequentemente de padrão sintático, como ilustramos a seguir.

5.2.2.1. Padrão sintático para paráfrases por metalinguagem de conteúdo

Para Martinez de Souza (1995), as paráfrases por metalinguagem de conteúdo precisam atender a determinadas condições: a) concisão – devem ser breves, sucintas; b) abrangência – explicitam de modo claro, completo e suficiente o conteúdo semântico central, e c) circularidade – atendem ao princípio da substituição. O princípio da substituição pode ser relativizado, em virtude de fatores de ordem prática que, em certa medida, o inviabilizam, como a falta de isomorfismo morfológico entre o termo definido (*definiendum*) e o enunciado definidor (*definiens*) e a longa extensão das paráfrases definidoras (Thumb, 2004).

Contudo, quanto melhor forem atendidas a concisão e a abrangência, mais se facilita a aplicação do princípio da circularidade. Isso porque juntas a concisão e a abrangência produzem definições mais isomórficas ao termo definido. Apesar de o isomorfismo perfeito ser difícil, como alerta Thumb (2004), quanto mais enxuta e completa for a definição, menor será a discrepância estrutural entre o termo e sua paráfrase. Isso torna o *definiens* mais funcional como “equivalente” do *definiendum*.

Substantivos

Embora não seja possível falar em uma técnica unitária para todos os substantivos (Beneduzi, Bugueño e Farias, 2005; Farias, 2009), é possível estabelecer alguns parâmetros por dividi-los em determinados grupos. Inicialmente, faz-se necessário dividi-los em concretos e abstratos. Em seguida, considerando apenas os concretos, dividimos entre os que admitem metalinguagem de conteúdo e os que exigem uma definição de metalinguagem de signo.

Aos substantivos concretos que admitem metalinguagem de conteúdo, em geral, pode-se aplicar a fórmula *genus proximum + differentiae specifica*, isto é um hiperônimo seguido de especificadores. O exemplo de cloroquina a seguir ajuda a ilustrar esse caso:

cloroquina (clo.ro.qui.na) **sf. 1** medicamento de uso controlado que tem efeito imunomodulador, fornecendo aumento da resposta imune contra determinados microorganismos. É usada para tratar doenças autoimunes, como lúpus e artrite reumatoide.

Padrão sintático dos substantivos concretos:

Substantivo concreto = Hiperônimo + Especificador(es)

Os substantivos abstratos de ação podem ser divididos de acordo com o valor semântico dos verbos dos quais derivam. Os substantivos formados a partir de verbos com valor aspectual incoativo, aqueles que indicam mudança de estado e simultaneamente aspecto inceptivo são classificados como *ato* (I), os que advém de verbos de aspecto cursivo são parafraseados como *processo* (II) e os que se originam de verbos resultativos são definidos como *efeito* (III).

(I) **enfrentamento** (en.fren.ta.men.to) **sm 1** ato de enfrentar, encarar, aplicar medidas para lidar com um problema.

(II) **jacarização** (ja.ca.ri.za.ção) **sf. 1** processo de imunização iniciado com a primeira dose da vacina e concluído com a última dose de reforço.

(III) **mutação** (mu.ta.ção) **sf. 1** efeito resultante de erros ocorridos durante o processo de duplicação do RNA viral que resultam em vírus semelhantes, mas não em cópias exatas do vírus original.

Padrão sintático dos substantivos abstratos derivados de verbos:

Substantivos abstratos de ação = Hiperônimo (‘Ação de’ / ‘Processo de’ / ‘Efeito de’
+ Especificador(es)

Verbos

As paráfrases definidoras de conteúdo dos verbos trazem uma dificuldade especial: a indicação das valências verbais, isto é, a propriedade que os verbos têm de “abrir casas” para preenchimento por sujeito e complementos (Neves, 2000). De acordo com Farias (2009b), a definição de verbos deve apresentar três componentes: a indicação da categoria morfológica, geralmente com uma abreviatura (por exemplo: vt =

verbo transitivo); a paráfrase definidora, incluindo os complementos do verbo, e exemplos de uso que apresentem as valências verbais completas.

A partir das condições estabelecidas por Martinez (2009), Bugueño Miranda (2011) elabora um modelo de paráfrase definidora de verbos que se caracteriza pela a) concisão – as definições são organizadas em um único período, em linguagem acessível ao consulente (informações não diretamente ligadas a definição propriamente dita são trazidas sob a forma de contorno); b) abrangência – as definições são constituídas por meio de um verbo transitivo ou de um verbo suporte e seus complementos, e c) circularidade – formula-se uma definição que respeite o isomorfismo morfológico, de modo que seja possível operar a substituição da palavra-entrada pela paráfrase definidora. A partir desses critérios, o autor estabelece dois modelos sintáticos básicos para a elaboração de paráfrase dos verbos, um para os verbos intransitivos e outro para os transitivos.

covidar, covinar (co.vi.dar) (co.vi.nar) **vi. 1** contrair a Sars-CoV-2.

jacarizar (ja.ca.ri.zar) **vi. 1** ser vacinado contra covid-19.

Padrão sintático para verbos intransitivos:

Verbo intransitivo = verbo transitivo / verbo suporte + complementos

achatar (a.cha.tar) **vtd. 1** tornar chato, plano, liso; aplainar **2** diminuir ou rebaixar a saliência, curvatura ou relevo de algo; ser ou tornar-se menos curvo.

mutar (mu.tar) **vtd. 1** *Angl.* interromper o funcionamento do microfone em uma videoconferência ou encontro online.

Padrão sintático para verbos transitivos:

Verbo transitivo = verbo transitivo / verbo suporte + complementos

Adjetivos

Cunha (2007) define os adjetivos como modificadores dos substantivos, servindo para caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo. Os adjetivos são capazes de indicar qualidade ou defeito ('lúcido', 'perverso'), modo de ser ('simples', 'delicado'), aspecto ou aparência ('azul', 'fosco') e estado ('arruinado', 'florido'). A esses adjetivos podemos chamar qualificadores.

O autor ainda descreve uma categoria de adjetivos que chama de adjetivo de relação os quais estabelecem com os substantivos uma relação de tempo, espaço, matéria, finalidade, propriedade, procedência etc. Visto que esse grupo de adjetivos, em geral, incluem o substantivo dentro de uma classe ou categoria, chamamos a esses de adjetivos classificadores.

Devido às diferenças essenciais entre as duas categorias, suas particularidades semântico-estruturais, apenas os adjetivos qualificadores admitem definição em metalinguagem de conteúdo. Os adjetivos classificadores, como são responsáveis pelo enquadramento dos substantivos, são definidos por comentários de uso.

Bugueño Miranda (2011) estabelece o seguinte padrão redacional para os adjetivos qualificadores:

Padrão sintático para adjetivos qualificadores:

Adjetivo qualificador = [restrição de atribuição] + Oração subordinada adjetiva

A seguir, apresentamos um exemplo de uma definição redigida segundo o modelo proposto:

covidiente (co.vi.di.en.te) **adj. 1** [indivíduo] que obedece às medidas de prevenção contra o contágio pela covid-19, como usar máscaras e álcool em gel e evitar contato físico.

Advérbios

Segundo Martinez de Souza (1995), os advérbios geralmente aceitam definição em metalinguagem de conteúdo. Eles podem ser definidos segundo o modelo redacional a seguir:

Padrão sintático para advérbios:

Advérbios = Locução / Oração adverbial

No caso dos advérbios, terminados em *-mente*, o padrão sintático é ainda mais específico, visto que definição é constituída pelo adjetivo que deu origem a palavra precedido da locução “de modo”:

Padrão sintático para advérbios em *-mente*:

Advérbios modais = “de modo” + Adjetivo

Como nosso *corpus* não inclui vocábulos da categoria dos advérbios, apresentamos a seguir os exemplos usados por Bugueño Miranda (2011):

Anteontem *adv* no dia anterior a ontem.

precisamente *adv* de modo exato.

5.2.2.2 Padrão sintático para paráfrases por metalinguagem de signo

As paráfrases por metalinguagem de signo correspondem aos comentários de uso e, por essa razão, não se submetem à prova da substituição. Segundo Bugueño Miranda (2011), nessa modalidade, torna-se difícil ajustar os padrões sintáticos propostos a princípios específicos — diferentemente do que ocorre com as paráfrases por metalinguagem de conteúdo.

Substantivos

Conforme apresentado anteriormente o padrão sintático para a definição dos substantivos difere de acordo com a categoria do nome. Tomando os substantivos concretos, lembramos que alguns deles podem ser descritos por metalinguagem de conteúdo, porém outros precisam de uma definição por metalinguagem de signo. Os fatores responsáveis por essa necessidade ainda não são totalmente claros; entretanto, considerando algumas palavras de nosso *corpus*, propomos algumas explicações.

O padrão sintático das paráfrases por metalinguagem de conteúdo costuma apresentar um hiperônimo seguido de especificadores (*genus proximum + differentiae specifica*). Em muitos casos, porém, é difícil enquadrar o signo-lemma em uma categoria mais ampla, pois se trata de termos empregados em contextos tão específicos que inviabilizam qualquer generalização semântica pertinente. Nesses casos, torna-se necessário recorrer a uma definição em metalinguagem de uso, já que o signo-lemma depende fortemente de contextualização para ser compreendido pelo consulente. É o que ocorre com *covard-17*, exemplificado a seguir. Além de não ser possível vincular a entrada a um hiperônimo adequado, o termo exige informações de uso sem as quais o consulente, especialmente aquele distante do contexto histórico, ficaria completamente desorientado.

covard-17 (co.vard-17) **sm 1** termo usado para se referir ao então presidente, Jair Bolsonaro. O termo alude à atitude do ex-presidente na gestão da crise sanitária, encarada como covarde pela opinião pública e ao número de candidatura nas eleições de 2018 (17). A formação é uma analogia à sigla designativa da doença (covid-19).

Outro fator relevante envolve entradas de uso muito específico como jargões, gírias entre outras expressões de emprego restrito. Nesses casos, o lexicógrafo enxerga a necessidade de inserir rubricas de uso. Nas entradas ‘bolsovírus’ e ‘comunavírus’, tanto a indicação de que se trata de uso pejorativo como a explicação do discurso político por trás da palavra são fundamentais para a adequada definição.

bolsovírus(bol.so.ví.rus) **sm. 1** termo pejorativo para se referir, durante a pandemia de covid-19, ao então presidente Jair Bolsonaro.

comunavírus (co.mu.na.ví.rus) **sm. 1** termo pejorativo criado na pandemia pelo então ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo, para designar o coronavírus e sua origem. Segundo o ministro, haveria um plano comunista que via a pandemia como uma oportunidade de acelerar um projeto globalista.

Além disso, algumas entradas constituem formações carregadas de orientação ideológica, de modo que uma definição de metalinguagem de conteúdo não seria suficiente para descrevê-las. O conteúdo semântico de *gripezinha*, por exemplo, poderia ser definido como “gripe leve”, definição que claramente deixa de fora o efeito de sentido que, nesse caso, tem mais relevância que o sentido.

gripezinha (gri.pe.zi.nha) **sf. 1** termo empregado pelo presidente brasileiro, Jair Messias Bolsonaro, para se referir a covid-19, que demonstra como o problema de saúde mundial foi subestimado pelo chefe do estado.

À luz desses exemplos, é possível identificar duas razões para a necessidade de formular definições por metalinguagem de signo no caso dos substantivos. A primeira é a ausência de uma categoria semântica mais ampla que sirva de base para estabelecer especificações, como ocorre nas definições que apresentam relação hiperonímica com um termo mais geral. Nesses casos, a contextualização não está pressuposta e precisa ser construída. A segunda razão diz respeito às situações em que o efeito de sentido não é imediatamente perceptível no vocábulo e assume relevância igual ou até superior à própria significação, exigindo, portanto, explicitação adicional.

O padrão sintático empregado nesse tipo entrada, conforme exemplificado acima é o seguinte:

Padrão sintático por metalinguagem de signo para substantivos concretos:

“Nome”/ “Termo”/ “Designação” + “para e referir [algo / alguém]”

Adjetivos

De acordo com Bugueño Miranda (2011), os adjetivos relacionais (classificadores) tornam necessária a formulação de uma definição por metalinguagem de signo. Aredação das paráfrases nesses casos deve obedecer à seguinte estrutura:

Padrão sintático por metalinguagem de signo para os adjetivos classificadores:

Adjetivos relacionais = [restrição de atribuição] + relativo a sintagma nominal.

Abaixo, apresentamos um exemplo de nosso *corpus* em que aplicamos essa fórmula definitória:

covídico (co.vi.di.co) **adj. 1** [algo] relativo à covid.

Advérbios

Palavras de natureza mais gramatical, como é o caso dos advérbios não terminados em *-mente*, são mais bem definidas por paráfrases em metalinguagem de signo. No caso de alguns advérbios, como *sim* e *não*, para os quais é muito difícil elaborar definições intencionais, normalmente se recorre a formulações como:

Padrão sintático por metalinguagem de signo para os advérbios:

Advérbios = “Expressa”/ “usa-se para expressar + Noção expressa

Visto que as palavras gramaticais formam um inventário fechado com pouca oportunidade para o surgimento de novas palavras e o *corpus* analisado é constituído por neologismos, não foi encontrado nenhum exemplo de advérbios. Porém, elencamos a seguir exemplos de duas paráfrases extensionais não descritos em Bugueño de Miranda (2011), mas encontrados em nosso *corpus*.

Interjeições

As interjeições, mais do que qualquer outra classe de palavras, não se enquadram em definições por metalinguagem de conteúdo porque seu sentido se concretiza no ato de fala, de modo que é muito difícil formular uma definição desvinculada do uso. Por isso, as definições desse tipo de palavra são de natureza intencional. Sua definição pode seguir a seguinte fórmula:

Padrão sintático por metalinguagem de signo para as interjeições:

Interjeições = “Expressa”, “Usada para exprimir”, “Expressão usada para” + Noção expressa

O exemplo a seguir ilustra a aplicação da fórmula para as interjeições:

confinastê (con.fi.nas.tê) **interj. 1** *Relig.* expressão usada na saudação yogue entre confinados em isolamento físico. Cruzamento de confinado e Namastê (o deus que habita em mim saúda o deus que habita em você).

No caso em particular, por se tratar potencialmente de um *hapax legomenon*, palavra ou expressão usada uma única vez ou poucas vezes, dado que se emprega faz alusão direta ao contexto em que foi formada, foram feitos também comentários sobre a formação, que poderia não ser transparente para o consulente afastado do contexto sócio-histórico.

Siglas

As siglas, por constituírem palavras do idioma e por guardarem uma significação nem sempre acessível nos contextos de uso, também são objeto do dicionário. Em sua definição, muitas vezes basta apresentar por extenso o nome composto que deu origem a sigla, como indicado na fórmula a seguir:

Padrão sintático por metalinguagem de signo para as siglas:

Siglas = “Sigla de/ para” + Nome composto que deu origem a sigla

EPIsm. 1 sigla que significa equipamento de proteção individual.

Em outros casos, porém, a mera apresentação do nome composto não é suficiente para esclarecer o sentido do referente. Por isso, à paráfrase definidora acima acrescenta-se um comentário explicativo do tipo intesional, como uma paráfrase definidora baseada em metalinguagem de conteúdo que inclui um hiperônimo seguido de especificadores (*genus proximum + differentiae specifica*). Isso significa que esse modelo de paráfrase combina a definição por metalinguagem de conteúdo e a definição por metalinguagem, de signo, resultando no modelo que apresentamos a seguir:

Padrão sintático por metalinguagem de signo para as siglas:

Siglas = “Sigla de/ para” + Nome composto que deu origem a sigla + Hiperônimo +
Especificador(res)

IFA sm. 1 Med. sigla para Ingrediente Farmacêutico Ativo. Substância presente em um medicamento que exerce ação terapêutica e farmacológica no organismo. É o componente responsável pelo efeito direto no diagnóstico, cura ou tratamento da doença, essencial para a produção de fármacos e vacinas, como a da covid-19.

5.3 A formulação de paráfrases lexicográficas e a teoria semântica

A prática lexicográfica implica a análise do significado. Portanto, é pertinente a busca de uma teoria semântica subjacente à técnica definitória empregada em uma paráfrase lexicográfica. Segundo Bugueño Miranda (2011), as principais teorias semânticas empregadas como suporte no desenvolvimento dos estudos sobre definição lexicográfica são a análise componencial do significado e a teoria dos protótipos.

A teoria componencial, de natureza estruturalista, constitui a decomposição do significado em traços semânticos mínimos, os semas, que estabelecem distinção entre duas unidades linguísticas (Pottier, 1977). Essa análise implica a comparação entre os co-hipônimos e o hiperônimo pela qual torna-se possível a diferenciação entre um co-

hipônimo e os demais. Nessa formulação definitória, prescinde-se da referência à entidade do mundo real, já que o significado atribuído à unidade léxica encontra-se circunscrito a uma língua funcional e é determinado essencialmente pelos limites estabelecidos no interior do campo semântico.

A teoria dos protótipos, por outro lado, trabalha com a ideia de prototipicidade. Segundo tal conceito, as categorias semânticas não são compostas por membros detentores do mesmo status. Em vez disso, alguns membros de dada categoria são considerados mais prototípicos que outros. Para ilustrar, Bugueño de Miranda (2011) refere-se à categoria mamífero, dentro da qual vaca e cabra seriam membros mais prototípicos do que baleia e morcego. Nesse sentido, um protótipo é o membro considerado mais representativo de uma categoria. A teoria dos protótipos, portanto, extrapola os limites do âmbito estritamente linguístico, pois é baseada no experimentalismo psico-cognitivo, passando à esfera do conhecimento extralinguístico.

A distinção que se estabelece entre análise componencial e a teoria dos protótipos corresponde à diferenciação que se estabelece entre significado (linguístico) e referente (extralinguístico). Nessa perspectiva, um dicionário de língua, que visa à definição lexicográfica, empregaria, na formulação de paráfrases definidoras, a análise componencial e um dicionário enciclopédico, que reúne definições enciclopédicas, iria se basear na teoria dos protótipos (Rey, 1977; Haensch et al., 1982; Landau, 2001; Engelberg; Lemnitzer, 2004).

Na prática, entretanto, a formulação de paráfrases definidoras de um dicionário de língua nem sempre pode prescindir do uso de elementos extralinguísticos seja na forma de enumerações seja na forma de elementos enciclopédicos. De acordo com Werner (1984), algumas unidades léxicas são extremamente difíceis ou simplesmente não podem ser descritas por meio de expressões linguísticas, razão pela qual algumas definições possuem elementos que correspondem ao conhecimento sobre a “coisa”. Nessa mesma linha de pensamento, Zgusta (1971, p. 254-257) defende que definições de termos técnicos, por exemplo, “[...] tendem a tornar-se enciclopédicas ou, ao menos, conter alguns elementos enciclopédicos”.

Fica claro, por isso, que a análise componencial nem sempre é suficiente como teoria semântica subjacente à redação de paráfrases definidoras, visto que, na busca por se esclarecer o significado, o referente extralinguístico nem sempre pode ser ignorado, demandando a inclusão de dados contextuais ou enciclopédicos. Em outras palavras, a dificuldade em optar pela teoria está no fato de que é muito difícil estabelecer uma

separação radical entre significado e referente, entre o plano linguístico e o extralinguístico.

A teoria dos protótipos também não se mostra satisfatória, uma vez que um grande número de palavras não se deixa definir por meio de elementos prototípicos. Na verdade, quanto maior a especificidade de um termo, menor a possibilidade de se constituir uma paráfrase definidora com base na prototipicidade, de modo que se torna necessário recorrer a outros métodos definitórios.

Por conseguinte, na formulação dos verbetes que apresentamos nesta seção, não houve a preocupação em utilizar uma teoria semântica específica para respaldar nossas decisões metodológicas, embora tenhamos procurado adequar a redação aos padrões sintáticos apresentados anteriormente.

A efemeridade de muitas formações, decorrente do fato de terem sido criadas em situações discursivas muito específicas, demandou a adição de algumas informações contextuais ou enciclopédicas às paráfrases definidoras de grande parte dos vocábulos do *corpus*.

Abordar a questão da efemeridade torna-se relevante na pesquisa lexicográfica, haja vista que a maioria dos neologismos criados é de vida curta. Atendendo à necessidade do momento, eles nem sempre se perpetuam para integrar o vocabulário comum do idioma. O caso não é diferente com os vocábulos registrados nesta pesquisa. Basta uma verificação rápida em sites de busca para se constatar que os textos que registram as novidades aqui elencadas situam-se no período entre 2020 e 2022, justamente o intervalo de tempo alvo deste trabalho. Em virtude disso, convém questionar: o que determina a permanência de um dado neologismo no vernáculo? Que fatores são considerados ao se avaliar o potencial de perpetuidade de uma nova formação?

Antes de entrarmos nessa questão, cabe lembrar o critério empregado para incluir vocábulos na nominata desta pesquisa. Aqui, considera-se neologismo não apenas palavras ou expressões totalmente inéditas, mas também aquelas que, embora já fossem empregadas em contextos específicos, como jargões, por exemplo, passaram, em virtude do contexto do novo normal, ao vocabulário comum, popularizando-se no falar da maioria das pessoas. É o caso da expressão “achatar a curva” que surgiu no campo da saúde pública e da epidemiologia, antes da pandemia da Covid-19. Com a pandemia, contudo, a expressão ganhou ampla visibilidade e uso comum, passando do vocabulário restrito para o vocabulário coletivo.

Ao tratar da perenidade dos neologismos, é necessário reconhecer que sua criação se insere, inevitavelmente, em um contexto específico de produção discursiva. A emergência de um novo vocábulo responde a necessidades comunicativas localizadas e, portanto, sua continuidade no uso depende, em primeiro lugar, de sua eficácia nesse contexto inicial: o termo deve ser reconhecido como uma unidade linguística adequada, capaz de satisfazer a intenção daquele que comunica e de ser compreendido e acolhido pelos interlocutores. Em segundo lugar, a difusão do neologismo requer que ele ultrapasse o âmbito individual e se torne acessível a um contingente social relevante, permitindo que o vocábulo circule em diferentes interações comunicativas. Por fim, a persistência do termo depende da recorrência das condições discursivas que motivaram sua origem. Somente quando a situação comunicativa que o gerou reaparece — ou quando outras situações semelhantes demandam o mesmo recurso lexical —, o vocábulo tende a se estabilizar no repertório da comunidade linguística.

Para ilustrar, tomemos o vocábulo *negacionista* (e o associado *negacionismo*), considerado neologismo em nosso *corpus*. O termo foi criado pelo historiador francês Henry Rousso, em 1987, para se referir a grupos que negavam a existência das câmaras de gás e do extermínio judeu e que se autodenominavam *revisionistas* (Rollemberg Cordeiro, 2021). Para Rousso, a designação *revisionista* conferia a tais grupos uma legitimidade acadêmica indevida, pois o revisionismo, na tradição historiográfica, consiste em revisitar acontecimentos a partir de novas evidências documentais. O que aqueles grupos realizavam, segundo o autor, não era pesquisa histórica, mas manipulação ideológica.

Com o passar do tempo, o termo expandiu-se para além da esfera histórica e passou a designar atitudes que negam consensos factuais em distintos domínios do conhecimento ou da vida social, frequentemente em favor de crenças políticas ou ideológicas. Entre os usos contemporâneos, pode-se citar o negacionismo histórico — como a negação da existência da ditadura militar no Brasil —, o negacionismo científico — como a contestação da eficácia de vacinas ou a crença na Terra plana — e o negacionismo sanitário, que buscou minimizar a gravidade da pandemia de Covid-19.

A análise desse percurso permite confirmar três condições fundamentais para a durabilidade do neologismo:

(i) **Eficácia contextual inicial:** o vocábulo *negacionista* mostrou-se apropriado ao contexto de sua criação, fornecendo uma resposta conceitual precisa à inadequação terminológica representada pelo uso indevido de *revisionista*. Seu sentido, além disso,

foi de fácil apreensão e encontrou boa recepção na comunidade acadêmica que o produziu.

(ii) **Circulação social relevante:** o termo iniciou sua trajetória em um contexto especializado — o campo historiográfico — que, embora restrito, constitui um espaço social de produção intelectual suficientemente robusto para favorecer sua circulação e legitimação.

(iii) **Recorrência das condições discursivas:** o recrudescimento de práticas sociais que negam consensos científicos e históricos fomentou a reatualização do vocábulo, favorecendo sua expansão semântica e sua entrada em usos cotidianos. Assim, o termo deixou de ser restrito à historiografia e se popularizou como designação para diferentes modalidades de rejeição deliberada de fatos.

Outro vocábulo que merece destaque, por reforçar a análise anteriormente apresentada, é *infodemia*. O termo foi proposto, em 2003, pelo cientista político e jornalista David J. Rothkopf, para designar a rápida disseminação de informações acompanhadas de especulações e boatos, capazes de produzir medo e influenciar a economia, a política e a segurança pública de maneira desproporcional à realidade observável. Em 2020, o conceito ganhou nova projeção ao ser retomado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), durante a pandemia de Covid-19, com o objetivo de caracterizar o excesso de fluxo informacional — muitas vezes contraditório ou descontextualizado — que gerava confusão, inação e ansiedade coletivas.

Esses exemplos permitem constatar que a consolidação de um neologismo no léxico pode demandar um período relativamente longo e, em alguns casos, não ocorrer. Ainda que a criação do termo decorra de uma necessidade comunicativa legítima, sua popularização depende da recorrência de condições discursivas que reafirmem sua pertinência. Assim, formações lexicais excessivamente circunstanciais tendem a não se cristalizar. Tal parece ser o caso de *coronaburger*, denominação atribuída a um hambúrguer desenvolvido por uma lanchonete no Vietnã com o intuito de transmitir uma mensagem de alegria em meio à pandemia. O alimento era preparado com um pão moldado de forma a remeter à representação visual do vírus. Uma vez superado o momento pandêmico e esvaziado o caráter de novidade do produto, é plausível supor que o item tenha sido retirado do menu, interrompendo sua circulação nominal.

Figura 15 : Corona burger



Fonte: <https://www.vice.com/en/article/restaurant-says-its-new-coronaburger-is-supposed-to-make-you-happy/>

De modo semelhante, o termo *confinastê* — utilizado, durante o período de isolamento social, como adaptação lúdica de *namastê* em interações virtuais entre praticantes budistas — teve seu uso condicionado à excepcionalidade do contexto pandêmico. Com o encerramento das medidas de confinamento, cessou também a motivação discursiva que sustentava o emprego desse vocábulo, conduzindo-o ao desuso.

Pode-se observar, portanto, que neologismos concebidos para nomear fenômenos estritamente associados à pandemia de Covid-19 tendem a perder vitalidade linguística após o desaparecimento do contexto que os motivou. Por serem formados para designar realidades altamente específicas e temporalmente circunscritas, tais vocábulos apresentam baixa capacidade de transposição para outros cenários discursivos. Assim, expressões como *cloroquiner/cloroquinista*, *comunavírus*, *coronacrise*, *coronaplauso*, *coronaro*, *covard-17*, *covidiente*, *covidice*, *covidiota*, *covidivórcio*, *esquizocovidfrenia*, *jacaré*, *jacarização* e *seiscentão*, entre outras, embora tenham circulado intensamente durante o período pandêmico, revelam sinais de declínio e progressiva obsolescência nos poucos anos subsequentes. A natureza episódica que lhes deu origem, ancorada em eventos conjunturais e práticas sociais momentâneas, limita sua aplicabilidade após o arrefecimento da crise sanitária, o que explica seu progressivo abandono.

Em contraste, neologismos que nomeiam noções de maior abstração conceitual — isto é, capazes de descrever fenômenos que podem ocorrer em contextos análogos, mas não idênticos — tendem a apresentar maior potencial de consolidação lexicográfica. Essas formações linguísticas ultrapassam o âmbito da contingência

pandêmica e se projetam como categorias classificatórias, descritivas ou analíticas aplicáveis a situações futuras ou a domínios correlatos. É o que se observa em termos como *antivacina*, *assintomático*, *desconfinamento*, *falso-positivo*, *infodemia*, *maskne*, *neocuranderismo*, *nomofobia*, *sindemia*, *teletrabalho*, *telemedicina*, *twindemia* e *vacinódromo*. Ainda que tenham se popularizado no contexto da Covid-19, tais vocábulos não dependem exclusivamente dele: descrevem condições médicas, práticas sociais, comportamentos coletivos ou configurações epidemiológicas que podem manifestar-se em outros momentos históricos.

Essa distinção evidencia que a sobrevivência de um neologismo não se fundamenta apenas na intensidade de uso inicial, mas na capacidade de o termo representar categorias conceituais recorrentes e transferíveis a novos contextos comunicativos. Enquanto neologismos circunstanciais esmorecem à medida que as condições discursivas desaparecem, aqueles que capturam fenômenos mais gerais tendem a permanecer, integrando-se ao repertório linguístico como unidades semânticas estáveis. A seguir, elencamos os verbetes do nosso *corpus* de pesquisa com suas respectivas definições.

5.4 Verbetes

achatar (a.cha.tar) v. **1** tornar chato, plano, liso; aplinar **2** diminuir ou rebaixar a saliência, curvatura ou relevo de; ser ou tornar-se menos curvo. **achatar a curva** desacelerar a disseminação de uma doença, de modo que o número de casos se distribua de maneira mais uniforme em um determinado espaço de tempo, evitando picos e sobrecarga dos sistemas de saúde: “A Itália, com mais de 17 mil casos e 1.266 mortes, é o principal exemplo de país que está sofrendo para achatar essa curva.” (bbc.com, acesso 30/08/21) [F.: a + chato + ar]

alquingel (al.quin.gel) sf. **1** tipo de álcool preparado na proporção exata de álcool etílico e água, correspondendo a 70% e 30%, respectivamente. É empregado na higienização das mãos e pele devido a seu efeito virucida: “Uma operação batizada de “Alquingel” terminou com 1669 litros de álcool em gel apreendidos em embalagens de 500 ml e de cinco litros, além de 3.600 litros de álcool etílico hidratado, na manhã desta terça-feira (5), em Belo Horizonte.” (hojeemdia, 05/05/2020)[F.: álcool + em_ + gel]

anticlороquiner (an.ti.clo.ro.qui.ner) **subst. e adj. 1** *angl.* opositor ao emprego da cloroquina no tratamento da infecção viral do SARS-CoV-2: “Apontada por colegas da área como “competente” e “tecnicamente muito boa”, além de “anti-cloroquiner”, Araújo tem consultorias ao Banco Mundial registrado em seu currículo em rede social profissional, de onde também constam assessorias prestadas a secretarias de Saúde e palestras dadas pela médica.” (O Globo, 12.05.2021) [F.: anti + cloroquin(a) + er]

anticovid, anticovid-19 (an.ti.co.vid) **adj. 1** diz-se daquilo cuja finalidade é combater ou proteger contra a covid-19: “Bolsonaro cede a protocolos anticovid para encontrar Putin”. (correiobraziliense) [F.: anti + covid-19]

antivacina (an.ti.va.ci.na) **subst. e adj. 1** aquele que se opõe à vacinação: “Se você acha que já viu de tudo na pandemia de covid-19, saiba que existe um restaurante antivacina nos Estados Unidos que proíbe o uso de máscara.” (istoé, 25/08/2021) [F.: anti + vacina]

antivaciner (an.ti.va.ci.ner) **subst. e adj. 1** *angl.* termo empregado para se referir de modo irônico aos opositores da campanha de vacinação contra a covid-19: “O ‘cloroquiner’ está prestes a virar um ‘antivaciner’ (Folha, 26/07/2020) [F.: anti + vacina + er]

assintomático (as.sin.to.má.ti.co) **subst. e adj. 1** *Med.* paciente que é portador de doença ou infecção mas que não exibe sintomas: “Nesse momento, não há como saber qual a magnitude da capacidade de transmissão do coronavírus em sujeitos assintomáticos (...)” (saude.abril.com, 03/09/21.) **2** aquele cujo estilo de vida e cuidados com a saúde tem pouco ou nenhum efeito sobre sua aparência física: “Eu sou fitness, porém assintomático.” (twitter— Cesar Menotti (@CesarMenotti) 23/06/2020) [F.: a + sintoma + (t)ico]

autoisolamento (au.to.i.so.la.men.to) **sm. 1** ato ou efeito de abster-se voluntariamente de convívio social. **2.** Adotar voluntariamente medidas de isolamento social visando prevenir a propagação de doença contagiosa e preservar a própria saúde: “O presidente russo, Vladimir Putin, entrou em um período de autoisolamento nesta terça-feira, 14, após a confirmação de que pessoas de seu entorno testaram positivo para covid-19.” (Estado de Minas, 14.09.2021) [F.: auto + isolar + mento]

autoquarentena (au.to.qua.ren.te.na) **sf. 1** ato ou efeito de privar-se voluntariamente de convívio social, praticado por indivíduos com confirmação ou suspeita de infecção contagiosa: “A Secretaria da Saúde do Ceará(Sesa) **recomenda aos viajantes que desembarcam no Estado oriundos de locais com circulação confirmada de novas variantes do coronavírus** (principalmente a variante Delta, inicialmente identificada na Índia, mas já detectada em cidades do Brasil) **que cumpram autoquarentena de 14 dias em isolamento.**” (saude.ce.gov, 23/07/2021) [F.: auto + quarentena]

auxílio emergencial (au.xí.lí.o.e.mer.gen.ci.al) **sm. 1** recurso financeiro pago pelo governo federal às famílias mais carentes, em virtude da situação de vulnerabilidade econômica intensificada pelas medidas de isolamento durante a crise sanitária do coronavírus: “Aprovado pelo Congresso, auxílio emergencial deu dignidade a cidadãos durante a pandemia” (Agência Senado, 30/12/2020 acesso em 24 março 2025)

bolsoafetivo(bol.so.a.fe.ti.vo) **adj. 1** termo pejorativo usado para se referir aos apoiadores do movimento bolsonarista, caracterizado por forte laço emocional e afetivo ao político e a suas ideias: “O patriotismo bolsoafetivo acaba rapidinho quando envolve fazer chantagem com o país pra tentar salvar o mito deles.” (instagram, acesso em 08/09/2025) [F.: bolso + afetivo]

bolsofobia(bol.so.fo.bi.a) **sm. 1** preconceito, aversão, medo ou ódio ao bolsonarismo e a seus apoiadores: “Eu abracei a bolsofobia em 2016 ... □ nem quero melhorar.” (trends.com, lulisarraff, 19/7/2025) [F.: bolso + fobia]

bolsofóbico(bol.so.fó.bi.co) **adj. 1** relativo ou próprio da bolsofobia: “Hoje, infelizmente, eu tenho um preconceito. Tento lutar contra isso, mas não consigo. Tornei-me bolsofóbico. Até tenho alguns amigos que são bolsonaristas, mas prefiro manter distância.” (recanto das letras, 26/05/2025, acesso em 08/09/2025) [F.: bolso + fóbico]

bolsovírus(bol.so.ví.rus) **sm. 1** termo pejorativo para se referir, durante a pandemia de covid-19, ao então presidente Jair Bolsonaro: “Bolsovírus não comprou a vacina, não forneceu o oxigênio e nem sequer visitou hospitais.” (Folha de São Paulo, 03/08/2021)
2. Termo pejorativo para se referir ao bolsonarismo: “Aliás o bolsovírus colocou o lulovírus no bolso. Perto dos terraplanistas acometidos pelo bolsovírus, os

"progressistas" são anjos." (Folha de São Paulo, comentários) 3. Proliferação de informações e questionamentos que punham em dúvida as medidas de segurança internacionais, como o isolamento físico e a vacinação, e recomendações de tratamentos de eficácia não comprovada: "Além de enfrentar a Covid-19, o país tem agora que combater outra perigosa ameaça, a infecção pelo bolsovírus. (...) Jair Bolsonaro, numa manobra política desesperada, resolveu inocular o vírus do medo e da dúvida em relação às medidas de proteção e isolamento social decretadas pelos governadores." (veja, 26/03/2020) [F.: bolso + vírus]

bolsominion(bol.so.mi.ni.on)**s.m. e f. 1.** termo pejorativo empregado para se referir àqueles que apoiam enfaticamente o presidente Jair Messias Bolsonaro; bolsonarista. "Após fazer comentários sobre Cuba, Juliana Paes volta a ser chamada de 'bolsominion'"(Istoé 13/07/2021). [F.: bolso + minion]

bovid-17 (bo.vid.de.zes.se.te) termo de natureza sarcástica e irônica usado para se referir ao efeito do discurso do então presidente Jair Bolsonaro em seus apoiadores. Seria a "doença" provocada pelo "bolsovírus": "Bovid-17 é uma doença de caráter neurodegenerativo, que afeta o sistema nervoso causando agressividade, além de provocar danos incisivos ao córtex pré-frontal, comprometendo capacidades cognitivas como senso crítico ou noção da realidade. (facebook, posts) [F.: boi + covid + 17]

canalhavírus(ca.na.lha.ví.rus) **sm** elemento responsável pela deturpação política e moral durante a pandemia, resultando em indivíduos que agem de má-fé ou corrupção: "'Canalhavírus': Bolsonaro corta salários outra vez na pandemia" (esmaelmoraes, 27 abril 2021) [F.: canalha + vírus]

carentena(ca.ren.te.na) **sf. 1** sentimento de privação afetiva provocado ou intensificado pelas medidas de isolamento social em virtude da pandemia da covid-19: "A famosa carência, que no isolamento social ganhou o nome de "carentena", faz com que aumente a biscoitagem nas redes sociais, as conversas em apps de paquera e postagens nostálgicas com a hashtag "#tbt"." (uol.com, 22/07/2020) [F.: carente + quarentena]

cepa(ce.pa) **sf. 1** tipo de variante viral cuja mutação resulta em diferenciação de propriedades físicas do vírus, implicando comportamento diferente do vírus original, como uma ligação variante a um receptor de célula diferente, uma ligação mais forte a um receptor, uma replicação mais rápida, uma transmissão mais eficiente etc: "Dado

que todas as cepas são variantes (mas nem todas as variantes são cepas), faz sentido que o termo variante seja mais comum. Mas quando a ciência mostra que essas variantes se comportam de maneira diferente, seria mais correto chamá-las de cepas.” (Revista Galileu, 21/02/2021)

classroom (class.room) **sm. 1** *angl.* programa ou aplicativo que propõe um sistema de gerenciamento de conteúdo para escolas, visando à criação e a distribuição de material didático, bem como a avaliação de trabalhos: “Várias secretarias de educação passaram a utilizar o Google Classroom (Google Sala de Aula) acompanhado de outras ferramentas como o YouTube para transmitir videoaulas, o Zoom, por exemplo, para videoconferências e os aplicativos WhatsApp e Telegram para sanar dúvidas.” (Glaucia Peçanha Alves (Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro – glaupecanha@gmail.com))

cloroquina (clo.ro.qui.na) **sf. 1** medicamento de uso controlado que tem efeito imunomodulador, fornecendo aumento da resposta imune contra determinados microorganismos. É usada para tratar doenças autoimunes, como lúpus e artrite reumatoide: “A cloroquina e a hidroxicloroquina já foram testadas como alternativas de tratamento para a covid-19, mas não se provaram eficazes até o momento no tratamento da doença e podem trazer outros riscos à saúde, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).” (Estadão, sem data)

cloroquiner (clo.ro.qui.ner) **angl. 1** apoiador do uso da cloroquina, medicamento indicado para curar a malária, no tratamento da covid 19: “O fla-flu que já deu as caras na forma de “coxinhas x mortadelas” e “bolsominions x petralhas” vestiu nova máscara na pandemia do coronavírus, com uma divisão agora colocada entre “cloroquiners” e “quarenteners”. As visões divergentes sobre o combate à crise reinventam a polarização política e adicionam ingredientes inéditos.” (folha.uol.com, 2020/04) **2** opositor das medidas de contenção contra a pandemia da covid 19: “Cloroquiners”, ora também chamados de negacionistas, perguntam se os defensores do isolamento estão dispostos a pagar com os próprios empregos, dadas as consequências econômicas. (folha.uol.com, 2020/04) [F.: cloroquin[a] + er]

cloroquinista (clo.ro.qui.nis.ta) **subst. e adj.** defensor do uso da cloroquina no combate à infecção por covid-19: “Mas também interessa saber o que pensam sobre representar a classe no mesmo estado no qual nasceu o coração cloroquinista do grupo Médicos Pela

Vida, entidade que apoiou Jair Bolsonaro em sua cruzada antivacina.” (intercept Brasil, 23/08/2024)[F.: cloroquin[a] + ista]

comorbidade, comorbilidade (co.mor.bi.da.de)(co.mor.bi.li.da.de) **sf.** *Med.* 1 ocorrência de duas ou mais doenças relacionadas no mesmo paciente e ao mesmo tempo: “A Secretaria Municipal de Saúde (SMS) do Rio de Janeiro vai antecipar a aplicação da segunda dose da vacina contra a covid-19 para as crianças de 5 a 11 anos que tenham comorbidades ou deficiência” (**unale.org**) 2 Estado ou condição daquele que, por algum motivo, tem o sistema imunológico mais frágil e, por isso, é mais suscetível a outras doenças e infecções: “A Secretaria Estadual de Saúde (SES-PE) definiu, nesta segunda-feira (26), junto com os gestores municipais, na Comissão Intergestores Bipartite (CIB), como será feita a vacinação da população pernambucana portadora de algum tipo de comorbidade considerada de alto risco nos casos de infecção pelo coronavírus Sars-CoV-2, causador da Covid-19.” (Folha de Pernambuco, 26/04/2021). [F.: co(m) + morbo + (i)dade] [Etim. latim ‘cum’ (correlação) + ‘morbus’ (estado patológico)].

comunavírus (co.mu.na.ví.rus) **sm.** 1 termo pejorativo criado na pandemia pelo então ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo, para designar o coronavírus e sua origem. Segundo o ministro, haveria um plano comunista que via a pandemia como uma oportunidade de acelerar um projeto globalista: “ao longo do ano passado, o ex-chanceler [Ernesto Araújo] deu declarações críticas ao gigante asiático e cunhou o termo “comunavírus” para se referir ao coronavírus no artigo em que critica o regime totalitário chinês” (oglobo, 18/05/2021) 2 corrente de pensamento caracterizada por posicionamentos de esquerda. No Brasil, estão associados ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Lulismo: Sintomas do comunavírus – Acredita que o Lula ficou bilionário de forma honesta; Tem tesão por bandido e quer ver todos os condenados soltos; (...).” (VindodosPampas,blogspot, acesso em 31 out. 2020) [comun[ismo] + vírus]

confinastê (con.fí.nas.tê) **interj.** 1 *Relig.* expressão usada na saudação yogue entre confinados em isolamento físico. Cruzamento de confinado e Namastê (o deus que habita em mim saúda o deus que habita em você): “Em meio às gírias e expressões do momento, que brotam da necessidade de os grupos tentarem criar um código, geralmente em tom jocoso, surgiu ainda um “confinastê”, primo torto da saudação

hindu, adotada pela turma do paz e amor no mundo virtual.” (vejario.abril.com, acesso em 02/04/2021) [F.: confinado + namastê]

corona (co.ro.na) **sf.** **1** *Arq.* moldura situada na parte inferior de uma cornija; coroa. **2** *Met.* Série de círculos coloridos em torno do sol ou da lua quando cobertos por uma névoa. **3** *Med. sm.* Designação dada a vários vírus que podem causar infecções em aves e diversos mamíferos, inclusive o homem. Sua forma lembra a de uma coroa ao microscópio; coronavírus: “A campanha de comunicação 'Se liga no Corona!', lançada em abril de 2020, tem como foco a prevenção ao novo Coronavírus (Covid-19) (portalfiocruz acesso em 17/12/2021) [Etim. Do latim corona, ae, ‘coroa’.]

coronababy(co.ro.na.ba.by) **sm** **1** *Angl.*criança nascida durante a pandemia: No primeiro dia de 2021, o Dia Mundial da Paz, nasceu o meu terceiro filho. Um coronababy, já que, devido ao coronavírus, desde o início da sua existência, passou por vários estados de emergência, dias de confinamento, restrições de movimento, períodos de recolher obrigatório, fecho de fronteiras, entre outras medidas extraordinárias decretadas pelo Governo.” (Observador, 20/02/2021) [F.: corona + baby]

coronabond(co.ro.na.bonds) **sm.** título concedido pelo governo com o objetivo de financiar despesas decorrentes das consequências econômicas do coronavírus:CCR quer que governo emita "coronabonds" para usar em novas licitações (cnnbrasil, 16/06/2020) [F.: corona[vírus] + bond (do inglês “títulos”) Analogia com eurobonds]

coronaburguer(co.ro.na.bur.guer) **sm.**hambúrguer em forma de coronavírus. Criado pelo chef Hoang Tung, em Hanói, Vietnã, leva um pão que simula a aparência do vírus, com cor esverdeada (obtida com chá verde) e pequenas protuberâncias de massa, imitando o formato do vírus. O objetivo foi trazer um pouco de humor a tensão gerada pela pandemia: “Em meio à pandemia de coronavírus, é preciso descontrair um pouco. Foi com essa ideia que um chef vietnamita decidiu criar o “coronaburger”, um hambúrguer em que a parte de cima do pão é decorada para ficar parecida com o vírus (...).” (revista menu, 27/03/2020) [F.: corona + burguer]

coronacrise(co.ro.na.cri.se) **sf.** crise mundial ocasionada pela propagação do coronavírus e suas consequências a saúde pública e a economia global: “A coronacrise evidencia que saúde, ciência e tecnologia, educação e outros bens e serviços coletivos não podem ser encaradas como produtos neoliberais, pois não são bens de

mercado a serem adquiridos conforme capacidade de pagamento de cada indivíduo.” (ippur.com, 30/04/2020) [F.: corona + crise]

coronado (co.ro.na.do) **adj. 1** estado de exaustão mental provocado pelo caráter monotemático das conversas ou pela sensação de impotência face aos estragos da crise. **2.** Diagnosticado com ou acometido pelos sintomas do Coronavírus: Vale lembrar que já são mais de 84,6 milhões de pessoas dizendo “estou coronado” mundo afora. (thenews.substack, 04/01/2021) [F.: coron[a] + ado]

coronalover (**coronalover**) **subst. 1** aquele que aparenta gostar das medidas de isolamento físico e desejar a permanência da pandemia: “Para identificar “coronalovers”, basta mencionar qualquer avanço na vacinação ou na chegada de mais doses no Brasil. Ficam transtornados, exageram número de mortos, infectados etc. É a torcida fúnebre.” (diariodopoder, 18/04/2021) [F.: corona + lover]

coronaplauso (co.ro.na.plau.so) **sm 1** salva de palmas das pessoas em quarentena para demonstrar agradecimento à dedicação dos trabalhadores da área de saúde: “A par de tantas tolices, um termo tem merecido carinho especial, o “coronaplauso”, ou seja, o agradecimento aos cuidadores dos adoecidos que, mesmo à distância, são dignos de tanto respeito.” (Jornalcontato) [F.: corona + aplauso]

coronaro (co.ro.na.ro) **sm. 1** termo depreciativo usado para se referir ao presidente Jair Bolsonaro, resultante do cruzamento entre Corona e Bolsonaro, para ironizar a falta de compromisso do chefe do governo com as medidas de isolamento: “Todos contra CoroNaro !!!!!” (twitter, 24/04/2020) Jair Coronaro foi pra padaria, farmácia, praia, fez churrasco... e testou 3 vezes negativo para o covid19 (@JoaquimTeixeira, twitter, 13/05/2020) [F.: corona + Bolsonaro]

coronarovírus (co.ro.na.ro.ví.rus) discurso ou corrente de pensamento marcado pelas ideias do então presidente Jair Messias Bolsonaro, incluindo seu discurso negacionista frente à pandemia. Mesmo que bolsovirus: “Comprovado: o coronaro vírus é mais danoso ao brasil que o corona” (escrevalolaescrava. blogspot, 23/03/2020) [F.: coronaro + vírus]

Figura 16: Coronarovírus



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2957969294282790&set=p.2957969294282790&type=3>

coronavírus (co.ro.na.ví.rus) **sm** **1Med.** família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo o homem, camelos, gado, gatos e morcegos, que causa infecção respiratória aguda: “A variante do coronavírus se tornou dominante em um curto período em alguns países.” (G1 20/12/2021) [F.: corona + vírus]

coronga (co.ron.ga) **sf** **1**peixe teleósteo anguiliforme, do gênero *Conger*, conhecido pelo seu corpo sem escamas, cilíndrico e alongado, como o de uma enguia; enguia-do-mar. **2Pop.** termo empregado popularmente com conotação irônica para se referir ao coronavírus: “E eis que apareceu a famosa pandemia, com um vírus que atende por tantos nomes (coronavírus, Sars-CoV-2 etc) que acabei por preferir pespegar-lhe o gentil apodo de coronga.” (Gazeta do povo, 23/03/2020)

coronha (co.ro.nha) **sf** **1**parte inferior e mais grossa das espingardas e outras armas de fogo, na qual encaixa o cano. **sm.** **2Pop.** termo jocoso usado para se referir ao coronavírus: “Tenho alguns créditos de viagens canceladas devido ao coronha vírus. A submarino não disponibiliza os valores para outra viagem.” (reclame aqui, 15/10/2021 —)

coronials (co.ro.ni.all) **sm** **1Estran.** geração que nasceu durante a pandemia do covid-19 ou que foi concebida como resultado do aumento da convivência com o parceiro no período de isolamento físico que manteve muitas pessoas em casa: “Já chamados de coronials, essas crianças estão chegando ao mundo em condições totalmente atípicas.” (6minutos.uol, 29/08/2020) [Etim. Do inglês coronials.]

covard-17 (co.vard-17) **sm** **1** refere-se ao então presidente, Jair Bolsonaro. O termo alude à atitude do ex-presidente na gestão da crise sanitária, encarada como covarde

pela opinião pública e ao número de candidatura nas eleições de 2018 (17). A formação é uma analogia à sigla designativa da doença (covid-19): “Para o deputado Orlando Silva (PCdoB-SP), ao cortar o auxílio emergencial “Bolsonaro irá levar fome e desespero a milhões de brasileiros”. “Bolsonaro é desumano. O Covard 17 é pior do que o Covid-19”, acrescentou em seu Twitter.” (<https://xapuri.info/o-covard-17-e-pior-do-que-o-covid-19/>). “De coveiro não tenho nada, covarde 17/ Chacota e piada, um presidente de internet”. (<https://www.letras.mus.br/jaka-souza/covarde-17/> acesso em 14 nov 2025)

covid, covid-19 (co.vid.-19) **sf** 1 *Angl.* infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global: “Após a filha Ana Luísa dos Santos Oliveira, de 8 anos, morrer por complicações da Covid-19, a mãe e vendedora Valkíria Alice dos Santos, de 39 anos, disse ao **g1** que a família, já imunizada, torcia para que a liberação da vacina para crianças acontecesse logo.” (G1globo21/12/2021). **adj.2** *Angl.* relativo à, com covid, infectado por covid: “A traqueotomia nos doentes COVID-19 é um procedimento seguro e quando realizada de forma precoce pode facilitar a gestão de recursos”. (RevistaPortuguesa) [Etimologia sigla de CoronaVirus Disease (em inglês), doença do coronavírus]

covidar, covinar (co.vi.dar) (co.vi.nar) **vi. 1** contrair a Sars-CoV-2: “na actual fase pandémica, convidar pode ser (mas não tem que o ser) sinónimo de “covidar” se “aliviarmos”, essencialmente, o distanciamento físico (que alguns teimam em designar social) que constitui um “instrumento” decisivo para dificultar a “circulação” do vírus. (healthnews.pt, 23/07/2020)[F.: covid + ar]

covidário (co.vi.dá.rio) **sm. 1** *Méd.* designação dada, nos hospitais, às áreas destinadas ao atendimento ou internação de pacientes com covid 19: “E aí me faltou o ar. Corri para uma UPA e me encaminharam para a ala da Covid, o covidário.” (<https://revistaquestaodeciencia.com.br/>) [F.: de covid[19] + -ário]

covidelírio (co.vi.de.lí.rio) **sm 1** perturbação das faculdades mentais provocada pelo estresse emocional relacionado a covid-19. 2 estado mental em que a pessoa tem ideias que não se ajustam à realidade, alucinação: “A teimosia em persistir na recomendação da cloroquina, sem eficácia comprovada por cientistas, assim como acreditar que a Coronavac – a tal da vacina chinesa – possui chips embutidos ou pode afetar o DNA são

claros sinais do que doravante denominarei covidelírio.” (Estadão, 06/02/2021) [F.: covid[19] + delírio]

covidengue(co.vi.den.gue) **sf.** 1 coexistência da covid-19 e da dengue em uma mesma pessoa: “Delcídio apresenta melhoras da 'covidengue' e faz até política ao falar da doença.” (topmidianews, 30/07/2020) [F.: covid[19] + dengue] [Etim. Do espanhol covidengue]

covidês (co.vi.dês) **sm.** 1 vocabulário constituído por palavras que ficaram em evidência durante a pandemia ou que foram criadas como decorrência dela: “Vamos lá falar em... Covidês. As palavras que a pandemia colocou na nossa boca.” (visãosapo, 16/05/2020) [F.: covid[19] + ês]

covidiano (co.vi.di.a.no) **adj.** 1 Relativo à covid, Mesmo que covídico : “Frente à análise construída na presente dissertação, que se propôs um ensaio acadêmico em psicanálise, estamos vivendo uma transformação nas formas de viver e sentir o mal-estar na sociedade, sendo esse o motivo pelo qual sugiro o termo mal-estar covidiano(<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/2014> acesso em 08/09/2025) [F.: covid + ano]

covídico(co.vi.di.co) **adj.** 1 [algo] relativo à covid, Mesmo que covidiano: “A pandemia das imagens: retóricas visuais e biopolíticas do mundo covídico” (Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental setembro 2020) [F.: covid + ico]

covidiente (co.vi.di.en.te) **adj.** 1 indivíduo que obedece às medidas de prevenção contra o contágio pela covid-19, como usar máscaras e álcool em gel e evitar contato físico. [covid + obediente]

covidice (co.vi.di.ce) **sf.** 1 ação ou atividade que se tornou habitual com as medidas de isolamento físico: “Hoje dei-me ao trabalho de fazer uma grande covidice: fiz pão.” (trespontos.pt) 2 falta de inteligência, imbecilidade associadas ao contexto da covid-19: “Portanto, não façamos nada e continuemos com esta idiotice, a covidice.” (enquantoalmoçamos.blogspot, 07/07/2020) [F.: covid + ice / covid + idiotice]

covidioma (co.vi.di.o.ma) **sm.** 1 vocabulário peculiar empregado para se referir a aspectos da realidade pandêmica: “Trata-se do "covidioma", definido como o

"vocabulário criado durante a pandemia", que apareceu em junho de 2020 no jornal paraguaio "Ultima Hora". (JornalExtra) [F.: covid[19] + idioma]

covidiota (co.vi.di.o.ta) **subst. e adj. 1** Aquele que ignora as recomendações de saúde pública, recusando-se a usar máscaras ou adotar medidas de distanciamento físico: “Enfermeira flagra mulher diagnosticada com covid em shopping: 'Covidiota'.” (revistamarieclare, 05/01/2022)**2** pessoa que, alarmada pelo temor do escasseamento de determinados itens essenciais, comprou-os em grande quantidade, esvaziando as prateleiras dos supermercados sem se preocupar com os demais. [f.: covid[19] + idiota] [Do inglês ‘covidiot’]

covidismo(co.vi.dis.mo) **sm.1** termo pejorativo cunhado para se referir a corrente de pensamento que apoiou medidas mais severas de contenção ao contágio da covid 19: “O “Covidismo” transformou-se numa religião, os profetas são os “especialistas”, os jornalistas, os pastores, e os que ousam questionar os seus dogmas são rotulados de “negacionistas” e enxovalhados.” (O Covidismo – Observador 19\03\2021) **2.** espécie de neologismo criado para se referir a algum aspecto da realidade relativa à pandemia do covid 19: “Neste sentido, é nossa missão apresentar, com todo o cuidado possível, alguns “covidismos”, ou seja, palavras já dicionarizadas (muitas delas adormecidas ou desconhecidas por alguns falantes) e novas, em vias de lexicalização, que, por força da covid-19, ganharam maior uso, tornando-se palavras/expressões da actualidade, palavras recorrentes da Covid-19.” (Vidente Luemba, 2020: 18) [F.: covid[19] + ismo]

covidista (co.vi.dis.ta) **subst. e adj. 1** aquele que se preocupa demasiadamente com a pandemia, tomando medidas desnecessária, como estocar papel higiênico: “O covidista vai dizer que, como adoecem e morrem muitas pessoas, devemo-nos todos converter a uma condição de *bubble boys* até que apareça a salvação final na forma de uma vacina, e que nenhum outro princípio de abordagem é aceitável e compatível com a condição humana (...)”(Observador06/11/2020) [F.: covid[19] + ista]

covidivórcio(co.vi.di.vór.cio) **sm 1** apelido dado a onda de separações provocada pelo confinamento da covid-19: “Os casais, cujas uniões estão se desfazendo sob as pressões do isolamento, talvez estejam caminhando para um “covidivórcio”. (<https://internacional.estadao.com.br>) [F.: covid[19] + divórcio]

covidilândia, covidolândia (co.vi.di.lân.dia) (co.vi.do.lân.dia) **sf. 1** Local em que se registram muitos casos de covid-19: “Enquanto isso, no encantador país Covidilândia,

que já foi conhecido por Brasil(...) prosseguem as batalhas da chamada guerra das vacinas.” (06/05/2021 - O POPULAR) [covid[19] + lândia]

covid longa (co.vid lon.ga) **sm. 1** condição multissistêmica que envolve diversos sintomas que afetam os pacientes durante meses como fadiga, falta de ar, tosse dor no peito, palpitações cardíacas, febre dor de cabeça, dores musculares, problemas gastrointestinais e perda do paladar e do olfato: “E estes [pacientes assintomáticos] também podem estar sujeitos a complicações tardias e duradouras da infecção original, em parte graves -- a assim chamada "covid longa".” (uol.com, 17/07/2021)

covidmaníaco (co.vid.ma.ní.a.co) **sm. 1** indivíduo que se preocupa com a covid de forma exagerada: “O covidmaníaco anda a pé porque os transportes públicos são “ninhos de covid”, privilegia ruas secundárias e, de cada vez que alguém se cruza com ele, a pessoa leva imediatamente com um jacto de álcool-gel-em-spray (o seu melhor amigo) (RepórterSombra 08/09/2020) [F.: covid[19] + maníaco]

covinado (co.vi.na.do) **adj 1** aquele que foi acometido pela infecção viral da covid 19: “José Batista Há 397 dias e 12 horas Anda sempre covinado, nem sei com a idade dele como aguenta” (<https://www.record.pt>) **2.** pessoa confinada em casa por causa da pandemia do covid 19. [F.: covid [19] + confinado]

curva (cur.va) **sm 1** linha ou superfície arqueada. **curva epidemiológica** representação visual, em um gráfico, do número de pessoas infectadas ao longo do tempo: “A situação vivida pela cidade de Manaus, com o recrudescimento da curva epidemiológica da Covid-19, marcada pela presença da variante P1 do SARS-CoV-2, deve criar expertise para o enfrentamento da pandemia e deixar um legado para a qualificação da Saúde em todo o estado.” (www.gov.br)

delivery (de.li.ve.ry) **1** *Angl.* serviço de entrega em domicílio: “A **pandemia** impulsionou as empresas de delivery, mas a realidade pode mudar”. (cnnbrasil) [Etimologia, do inglês delivery]

desconfinamento (des.con.fi.na.men.to) **sm. 1** processo pelo qual se anula ou reverte o confinamento: “Primeiro-ministro revelou ao país o plano de desconfinamento que começará já na próxima segunda-feira, dia 15, e terminará a 3 de maio.” (<https://www.noticiasaoiminuto.com/>) [F.: des + confin[ar] + mento]

desisolamento(de.si.so.la.men.to) **sm** suspensão ou liberação das medidas de isolamento, após um período de quarentena: “Esse momento é o que as escolas chamam de "desisolamento", quando será preciso enfrentar o medo e o risco de voltar e deixar o ambiente seguro.” (estadão, 19/10/2020) [F.: des + isolar + mento]

desvacinado(des.va.ci.na.do) **subst e adj** aquele que não se vacinou; antivacina: “Ainda sobre “Desafinado”, sucesso na voz de João Gilberto, Geraldinho Carneiro e Sérgio Augusto fizeram a versão “Desvacinado”: “Se você disser/ Não se vacine, amor/ Saiba que isso em mim/ Provoca imensa dor”. " (oglobo, 06/03/2021)[F.: des + vacin[ar] + ado]

drive-thru 1. *Angl.* serviço pelo qual o cliente pode fazer pedidos, geralmente de alimentos, e realizar a retirada deles sem sair do carro: “Fernando contou que a pandemia atropelou os planos do casal, justamente quando eles começavam a organizar a festa. O casamento drive-thru foi a primeira saída do casal depois de meses isolados em casa.” (g1.globo.com. 15/05/2021, acesso: 08/09/2025) [Etim.: do inglês “drive through” ‘através do carro’]

drive-in 1. *Angl.* Estabelecimento que utiliza o sistema de serviço do tipo drive-tru, quando o cliente não precisa sair do carro para ser atendido. 2 cinema ao ar livre, em que o clientes podem assistir ao filme de dentro dos seus veículos: “Deve demorar para o Brasil e outros países liberarem a volta do público às salas de cinema, por causa da Covid-19. Enquanto isso, alguns empresários trouxeram de volta uma velha maneira de fazer as sessões com segurança: o drive in.” (g1.globo.com21/06/2020, acesso em 08/09/2025) [Etim.: do inglês “drive in” ‘entrar dirigindo’]

distanciamento (dis.tan.ci.a.men.to) **sm** 1 efeito de distanciar, afastamento: “Um levantamento indica que o distanciamento social diminuiu a taxa de crescimento dos casos de coronavírus no estado de São Paulo.” (<http://portal.if.usp.br/imprensa/pt-br/node/2335> acesso em 30/08/21) [F.: distanciar + mento]

educação remota ver ensino remoto

enfrentamento (en.fren.ta.men.to) **sm** 1 ato de enfrentar, encarar, aplicar medidas para lidar com um problema: “Para promover a transparência e facilitar o encontro das ações por todos os interessados (..) a Controladoria-Geral da União (CGU) reúne, abaixo, as

principais medidas e informações produzidas pelo governo federal para o enfrentamento do coronavírus no Brasil.” (gov.br) [F.: enfrentar + mento]

ensino híbrido (en.si.no hí.bri.do) **sm 1** metodologia que combina estratégias de ensino-aprendizagem presencial e remota de modo que o aluno possa estudar sozinho on-line ou em sala de aula interagindo com os colegas e com o professor: “O ensino híbrido é uma das maiores tendências da educação no século XXI.”. (escolasdisruptivas 29/10/2019)

ensino remoto (en.si.no re.mo.to) **sm 1** medida emergencial tomada para evitar o atraso escolar em que os conteúdos são produzidos e ofertados on-line, incluindo aulas virtuais síncronas (em tempo real) ou assíncronas (gravadas): “A adoção do ensino remoto durante a pandemia do **coronavírus (COVID-19)** trouxe à tona dificuldades dos atores do sistema de educação público com a prática.” (porvir 22/06/2020)

EPIsm. 1 sigla que significa equipamento de proteção individual. No contexto da pandemia do covid-19, incluiu itens como máscara cirúrgica, luvas, protetor de face e avental: “o uso de EPI’S para coronavírus tem sido não apenas relevante, mas a forma mais eficiente de combate à propagação da doença transmitida pelo vírus.”. (blogsauade.volkbrasil)

epicentro (e.pi.cen.tro) **sm. 1** geof. num abalo sísmico, o trecho de superfície terrestre a ser atingido primeiro e de modo mais intenso. **2** local, durante a pandemia de covid-19, a registrar o maior número de casos no mesmo período de tempo: “Quarta onda de covid-19 coloca a Europa como epicentro da pandemia” (jornalUSP) [F.: epi + centro]

esquizocovidfrenia (es.qui.zo.co.vid.fre.ni.a) **sf. 1** ocorrência de comportamentos ligados a covid-19 marcados por um profundo irracionalismo, caracterizados por percepções e crenças ilusórias: “O Brasil vive um cenário peculiar: convive não com uma, porém com duas epidemias simultâneas: a pandemia viral de Covid-19, que acabou por provocar uma segunda epidemia – mental – que denominei esquizocovidfrenia”. (Estadão, 06/02/2021) [esquizofrenia + covid]

fake news (fa.ke news) **sf 1** *Angl.* relato de acontecimentos fictícios veiculados como se fossem verdadeiros com a finalidade de espalhar a desinformação e provocar histeria; boato; notícia falsa: “No caso das 16 vítimas mencionadas na fake news, a SES-DF

respondeu que 14 não haviam recebido a dose de reforço e só duas estavam com a imunização em dia. (correiobrasiliense)

falso-positivo/negativo (fal.so po.si.ti.vo ne.ga.ti.vo) **adj. 1** resultado incorreto para teste de covid-19, provocado por fatores como a acurácia do teste e momento de sua realização em virtude do estágio de desenvolvimento da infecção: “O resultado falso-negativo é um receio coletivo: uma pessoa infectada com resultado negativo pode acabar deixando de fazer o isolamento domiciliar e transmitir o vírus.” (coronavirus.saude.mg.gov)

flurona (flu.ro.na) **sf. 1** *Med.* ocorrência de gripe e covid-19 simultaneamente em um mesmo paciente: “Apelidada de “flurona”, as duas infecções foram encontradas em uma mulher grávida não vacinada que apresentava sintomas leves, de acordo com informações do Hospital Beilinson, em Petah Tikva.” (correiobraziliense, 02/01/2022) [F.: influenza + corona]

fraudemia(frau.de.mi.a) **sm** termo relativo à visão segundo a qual os dados a respeito da pandemia estariam sendo fraudados para intensificar a percepção pelo público da gravidade da crise sanitária: “Na verdade, é uma guerra biológica chinesa, uma ‘fraudemia’ que quer colocar a população mundial de joelhos. A imprensa esconde que a maioria dos recuperados fez uso do tratamento precoce e exagera no número de mortes.” (Poder360, 06/03/2021)[F.: fraude + pandemia]

grupo de risco (gru.po de ris.co) **sm. 1***Med.* conjunto de indivíduos com particularidades médicas que tornam a infecção de covid-19 especialmente arriscada para eles. Esses fatores incluem doenças crônicas, como diabetes e hipertensão, asma, doença pulmonar obstrutiva crônica, e indivíduos fumantes: “O estabelecimento de grupos de risco para covid pode ter contribuído para o aumento dos casos da doença entre jovens.”(Drauziovarella.uol)

gripezinha (gri.pe.zi.nha) **sf. 1** termo empregado pelo presidente brasileiro, Jair Messias Bolsonaro, para se referir à covid-19, que demonstra como o problema de saúde mundial foi subestimado pelo chefe do estado: “Indagado sobre seu estado de saúde, o presidente Jair Bolsonaro voltou a minimizar, sexta sexta-feira, a gravidade da Covid-19, causada pelo novo coronavírus, e chamou a doença de “gripezinha””. (oglobo20/03/2020) [F.: gripe + zinha]

home office, homi ófice (ho.me of.fi.ce) **sm. 1** *Angl.* modalidade de trabalho a partir de casa. Foi empregada durante a pandemia da covid-19 como medida para atender às orientações de distanciamento social; trabalho remoto; teletrabalho: “Assim como oferece muitas vantagens, o home office também é muito desafiador.” (ead.pucpr)

IFA sm. 1 Med. sigla para Ingrediente Farmacêutico Ativo. Substância presente em um medicamento que exerce ação terapêutica e farmacológica no organismo. É o componente responsável pelo efeito direto no diagnóstico, cura ou tratamento da doença, essencial para a produção de fármacos e vacinas, como a da covid-19: “Os insumos farmacêuticos representam o início da cadeia produtiva da indústria farmacêutica. São as "matérias-primas" utilizadas na produção dos medicamentos. O insumo farmacêutico ativo, também conhecido como IFA, é uma dessas matérias-primas. É a substância que dá ao medicamento a sua característica farmacêutica, ou seja, aquilo que faz com que um determinado medicamento funcione.” (gov.br, acesso em 08/09/2025)

imunossuprimido (i.mu.nos.su.pri.mi.do) **adj. 1** *Med.* paciente que possui imunidade baixa, como idosos e portadores de doenças como lúpus, doença de Crohn, artrite reumatoide entre outras: “As pessoas imunossuprimidas fazem parte do grupo contemplado pois possuem algum tipo de deficiência imunológica.” (guarapuava.pr.gov) [F.: imuno + suprimido]

infodemia (in.fo.de.mi.a) **sf. 1** volume excessivo de informações sobre determinado assunto, que se multiplicam e se propagam de forma rápida e incontrolável: “Junto com sua carga viral, o SARS-CoV-2 promoveu uma incalculável quantidade de bytes de informações em circulação pelas redes. Batizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de infodemia, essa inundação de conteúdos dificulta encontrar e discernir fontes idôneas e orientações confiáveis entre outras que falseiam e omitem dados para atender a de terminados interesses — as populares fake news.” (arca.fiocruz.br) [F.: info + demia]

isolamento (i.so.la.men.to) **sm. 1** efeito de isolar-se, afastamento de outras pessoas, praticado como medida de prevenção destinada a pessoa em que se confirmou o contágio por covid-19 ou se que suspeita estar contaminada: “Apesar de ter recebido críticas da oposição, o primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, anunciou ontem o fim do isolamento obrigatório na Inglaterra para os casos positivos do Sars-CoV-2, além

da suspensão da realização de testes gratuitos da enfermidade no país, medida prevista para abril.” (correiobraziliense22/02/2022) **Isolamento vertical** medida em que apenas a parcela da população com maior risco de desenvolver a doença é isolada, enquanto as pessoas que não pertencem ao grupo de risco continuam a exercer suas atividades normalmente. **Isolamento horizontal** isolamento generalizado em que o maior número possível de pessoas permanece em suas casas: “*Isolamento* vertical e *horizontal* são formas de distanciamento social que visam à redução do número de infectados por uma doença.” (mundoeducaçãouol) [F.: isolar + mento]

jacaré (ja.ca.ré) **sm** 1 aquele que completou o esquema vacinal contra a covid-19 2 apoiador da campanha de vacinação para o covid-19 “O Hall da Fama que conta as histórias de jacarés vacinados” (@vidadejacareperfil do instagram) 3 indivíduo afligido pelos efeitos colaterais da vacina: “O presidente Jair Bolsonaro questionou os possíveis efeitos colaterais das vacinas contra o coronavírus, tomando como exemplo a da Pfizer/BioNtec, e afirmou que não há garantia de que ela não transformará quem a tomar em “um jacaré.” (istoe18/12/2020)

jacarização (ja.ca.ri.za.ção) **sf.1** processo de imunização iniciado com a primeira dose da vacina e concluído com a última dose de reforço: “a gente te deseja um mundo todo de coisas maravilhosas (a sua primeira dose de vacina já veio e seu processo de “jacarização” já está iniciado.)” (usinadasartes perfil no facebook) [F.: jacarizar + ção]

jacarizar (ja.ca.ri.zar) **vi. 1** ser vacinado contra covid-19. A expressão ironiza o comentário do presidente sobre os efeitos colaterais da vacina Pfizer, em que alegou que a vacina poderia transformar as pessoas em jacaré: “ME CHAMEM DE LACOSTE AGORA PORQUE EU TO JACARIZADO MEUS PARCEIROS!!!” (@adrieltravassos perfil do instagram) [F.: jacar[é] + izar]

layoff (lay.off) *Angl.* interrupção parcial ou total das atividades de um funcionário de uma empresa sem o rompimento do vínculo empregatício, geralmente associado a períodos de crise financeira: “Para os trabalhadores os programas de **Lay-off** é bastante salutar, pois não ficarão desempregados, serão requalificados e manterão suas rendas.” (Fundação Fat, 28/05/2020) [do inglês “afastar”, “suspende”]

live (li.ve) **sf. 1** *Angl.* transmissão ao vivo realizada pelas redes sociais: “**Marília Mendonça** aparece duas vezes na lista das dez lives mais vistas do YouTube em 2020 e tem a **live** mais vista da história da plataforma”. (olhardigital 05/11/2021)

lockdown (lock.down) **sm.** 1 *Angl.* medida radical de isolamento, que consiste em restringir a circulação da população em lugares públicos, permitindo apenas, e de forma limitada, para questões essenciais, como ir a farmácias, supermercados e hospitais; confinamento total: “Revisão sistemática de artigos científicos afirma que lockdown provocou redução de mortalidade de 0,2%” (poder360 03/02/2022) [Do inglês lockdown “confinamento”]

maskne (mask.ne) **sf.** 1 *Angl.* surgimento de acne ou outros problemas de pele provocados pelo uso constante de máscaras: “Após constatar que o seu problema é a maskne, siga essas dicas para evitar que mais acnes apareçam em sua pele.” (carebn.com) [Etim. cruzamento de *mask* (do inglês) com acne]

média móvel (mé.dia mó.vel) **sf** 1 *Estatís.* indicador que permite entender a tendência de um conjunto de dados dispostos em uma série de tempo 2 ferramenta matemática empregada na interpretação dos dados ligados a covid-19, como o número de casos confirmados e de óbitos: “Brasil registra 956 mortes por Covid em 24 horas; média móvel de casos completa 2 semanas em queda”. (G1 - 23/02/2022)

meet, google meet (meet) **sm.** 1 *Angl.* programa de computador ou aplicativo que permite a realização de videochamadas e conferências online. Tornou-se muito popular durante o isolamento físico sendo empregado para fins acadêmicos, profissionais ou mesmo sociais: “Como Google Meet e Zoom se tornaram concorrentes das companhias aéreas”. (exame.com)

moratória(mo.ra.tó.ria) **sf.** prorrogação do prazo de quitação de uma dívida concedida pelo credor, especialmente em circunstâncias excepcionais, como guerra, calamidade ou grave crise econômica: “Suspensa decisão que concedeu moratória de ISS em razão da pandemia.” (Portal STF, 15/07/2020) [do latim: *moratorius*]

mutação (mu.ta.ção) **sf.** 1 efeito resultante de erros ocorridos durante o processo de duplicação do RNA viral que resultam em vírus semelhantes, mas não em cópias exatas do vírus original: “Quando um vírus está circulando amplamente em uma população, e causando muitas infecções, a probabilidade de sofrer mutação aumenta.” (Agência Focruz de notícias, sem data) [F.: mudar + ção]

mutar (mu.tar) **vtd. 1** *Angl.* interromper o funcionamento do microfone em uma videoconferência ou encontro online; silenciar; calar: “Google Meet agora permite mutar todos os microfones pelo iPhone.” (tecnoblog, 23/09/2021) [Etim. do inglês *mute* + ar]

N95sf. 1 tipo de máscara considerada mais eficiente na prevenção do contágio pela covid-19 devido a sua capacidade de vedação e filtragem: “A máscara PFF2 (ou N95) é considerada a melhor para se proteger contra o coronavírus, por sua altíssima capacidade de filtragem das partículas de ar.” (BBCnews, 31/01/2022)

negacionismo (ne.ga.cio.nis.mo) **sm. 1** ato de recusar ou negar uma realidade comprovada histórica ou cientificamente, como forma de escapar a uma realidade desconfortável: “Segundo especialistas, personalidades públicas negacionistas são influência negativa para a sociedade.” (G1 – 04/02/2022) [F.: negação + ismo]

negacionista(ne.ga.cio.nis.ta) **sm./f. e adj. 1**aquele que não aceita uma ideia, juízo ou fato apresentado por uma comunidade científica, acadêmica ou filosófica como verdadeiro, preferindo basear-se na crença, na experiência sensorial ou no senso comum: “Um negacionista e antivacina contra a Covid-19 que tirou sua máscara de oxigênio insistindo que não tinha Covid-19 morreu em decorrência do coronavírus em um hospital italiano”. (extra 26/01/2022) [F.: negação + ista]

neocuranderismo (neo.cu.ran.de.ris.mo) **sm. 1** ato de recomendar tratamento médico ou medicação sem eficácia comprovada pela medicina: “Neocurandeirismo. Iluminismo às avessas. Brasil na vanguarda da estupidez mundial.” (@DrLuana_ID twitter) [F.: neo + curandeir[o] + ismo]

nomofobia (no.mo.fo.bia) **sf. 1** *Angl.* Medo patológico de ficar sem acesso ao telefone celular (internet, redes sociais, aplicativos, contatos, fotos e funções em geral) ou dispositivos eletrônicos semelhantes, como computador ou tablet: “Esse dado serve de alerta e pode significar um caso de nomofobia, um sentimento intenso de desconforto desencadeado pela falta do aparelho”. (uol 28/01/2022) [Etim. do inglês, *no-mobile* (sem celular) + do grego, fobia]

novo normal (no.vo nor.mal) **sm. 1** termo empregado para se referir ao estado de coisas experienciado durante a pandemia da covid-19, que alterou profundamente a rotina e o

estilo de vida da sociedade: “Depois do 'novo normal', a pergunta da vez é: como voltar ao normal” (UOL – 18/10/2021) **2** proposta de um novo padrão que possa garantir a segurança: “'Novo normal' nas escolas? Conheça método inovador que leva mais segurança para o ambiente escolar”. (G1 – 22/02/2022)

ômicon (ô.mi.cron) **sm.1** Décima quinta letra do alfabeto grego (O, o) **2** Variante do vírus covid 19, registrada em novembro de 2021, caracterizada pela maior facilidade de contaminação em comparação a outras: “A variante Ômicron do coronavírus está se espalhando a uma taxa não vista com as cepas anteriores, alertou o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (...)” (**cnnbrasil**, 15/12/2021). **3** criptomoeda que ganhou publicidade e valorização após o surgimento da variante homônima da covid 19: “Criptomoeda com o mesmo nome da nova variante do coronavírus chamou a atenção de investidores após alerta da OMS e preço se multiplicou.” (revista exame: Preço da criptomoeda 'Omicron' sobe quase 1.000% após alerta da OMS | Future of Money | Exame) [Etim. ó-mikrón ‘o mais rápido, breve’]

oligossintomático (o.li.gos.sin.to.má.ti.co) **sm./f. e adj. 1** aquele que apresenta poucos sintomas de determinada doença ou apresenta sintomas leves: “Vale destacar, antes de tudo, que a maioria dos casos da infecção é leve. “São o que chamamos de pacientes oligossintomáticos, que quase não tem sintomas ou os apresentam de maneira discreta”. (saúde.abril.com – 18/08/2020) [Etim. do grego, oligo ‘poucos’ + sintomático]

ovulário (o.vu.lá.rio) **sm 1** espécie de seminário organizado por mulheres em que são abordadas demandas de natureza feminista: “Um evento feminista em Jacobina, na Bahia, que poderia ser chamado de "seminário" - foi batizado pelas organizadoras de ovulário.” (revistaoeste 11/08/2020) [F.: óvulo + ário]

paciente zero (pa.ci.en.te ze.ro) **sm. 1** *Med.* paciente inicial de uma população submetida a investigação epidemiológica: ““Paciente zero’ de Covid veio de mercado em Wuhan, diz estudo”. (UolNotícias 19/11/2021)

pandemês(pan.de.mês) **sm. 1.** linguagem característica da pandemia. Mesmo que covidês: “Palavras como lockdown, ifa (ingrediente farmacêutico ativo) e outras contribuições do pandemês, só recentemente entram no léxico cotidiano dos brasileiros (...)” (estadão, 13/03/2021, acesso em 08/09/2025) [F.: pandem[ia] + ês]

pandemia (pan.de.mi.a) **sf. 1** *Med.* disseminação mundial de uma enfermidade: “Especialistas dizem que é 'precipitado' falar em endemia com 800 mortes por dia ou cravar datas para o fim da pandemia.” (G1 - 24/02/2022) [F.: pan + demia]

pandemiceno (pan.de.mi.ce.no) **s.m. 1** período caracterizado pelo aumento da temperatura média do planeta, promovendo a migração de espécies que antes viviam geograficamente isoladas, e pela alta densidade populacional em determinadas regiões, condições propícias para o surgimento de novas pandemias, pois favorecem o surgimento de novos vírus e o compartilhamento viral: “Se o Antropoceno foi marcado pela dominação humana do planeta, ele dá origem ao Pandemiceno, a era onde os vírus dominam os humanos.”(oglobo, 05/2022) [F.: Pandemi[a] + ceno, do inglês, Pandemicene]

panelaço (pa.ne.la.ço) **sm. 1** modalidade de protesto, normalmente político, que consiste em se bater em utensílios domésticos metálicos, como panelas e frigideiras: “Várias capitais do Brasil registraram panelaço durante pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) na noite desta quarta-feira. “ (CNN – 02/06/2022) [F.: panel[a] + aço] [Etim. decalque do espanhol ‘cacerolazos’]

pãodemia (pão.de.mi.a) **sf. 1** receita de pão caseiro que se tornou viral e cuja finalidade foi garantir que todos tivessem pão fresco durante o isolamento pela covid-19: “Animou com a "pãodemia"? 9 dicas para sempre acertar na padaria em casa”. (UOL – 05/07/2020) **2** disseminação do serviço de entrega de pães em domicílio durante o período de isolamento: “a nova tendência da #pãodemia, a babka, é para você (...) à pronta entrega ou encomendas pelo iFood.” (PaladarEstadão - 04/04/2021) [F.: Pão + demia]

PFF **sf. 1** sigla para peça facial filtrante. Refere-se a um tipo de máscara padronizada, testada e certificada: “máscara PFF2 oferece quase 100% de proteção contra o coronavírus, diz estudo”. (CNNBrasil – 05/12/2021)

perdigoto (per.di.go.to) **sm.** **1** gotículas de saliva expelidas da boca durante a fala, tosse ou espirro: “Os perdigotos podem estar contaminados com germes, bactérias e com o vírus causador da covid-19, a doença que há mais de um ano assusta o mundo.” (rádiosenado – 10/03/2021) [Etim. Do latim *perdigŭttus* / *perdigōtus*]

pré-sintomático (pré-sin.to.má.ti.co) **adj.** **1** pessoa infectada por covid-19 que ainda não começou a apresentar os sintomas: “Com o desenvolvimento da pandemia da Covid-19 foi observado que algumas pessoas infectadas podem não apresentar sinais e sintomas da doença, sendo identificadas como pré-sintomáticas.” (ibict.br) **2** estágio de contaminação em que o indivíduo que ainda não apresenta sintomas: “Mas no caso de um vírus transportado pelo ar, com um R_0 alto e um longo período pré-sintomático, os contatos são quase impossíveis de evitar.” (BBCBrasil – 26/12/2021)[F.: pré + sintoma + ático]

quarentena (qua.ren.te.na) **sf.** **1** período, inicialmente de quarenta dias, em que uma pessoa com suspeita de contaminação por doença infecciosa permanecia isolada, sob observação, a fim de evitar-se a propagação da enfermidade. **2** medida de saúde pública adotada durante a pandemia da covid-19 que alterou a realidade das pessoas no mundo todo: “Durante o período de quarentena é recomendado ficar o máximo de tempo dentro de casa (...)” (tuasaúde, fev. 2022) [F.: quarenta + ena]

quarentenar(qua.ren.te.nar) **v.** **1** ficar isolado. Cumprir o isolamento preventivo. Fazer ou estar de quarentena. **2** Completar quarenta anos. [F.: quarentena + ar]

quarentener (qua.ren.te.ner) **sm./f.** **1** *Angl.* pessoa que aderiu a quarentena **2** defensor das medidas mais radicais de isolamento: ““quarenteners” não perdem a chance de alfinetar a cada notícia de estudo científico que atesta ainda não haver dados confiáveis sobre medicamentos e vacinas.” (folha.uol, 04/2020) [quarenten[a] + er] [Etim. Do inglês *quarentener*]

quarentina (qua.ren.ti.na) **1.** série de histórias em quadrinhos da quadrinista Isabelle Nogueira que ilustram as problemáticas da pandemia de forma divertida: “A designer gráfica, ilustradora e arquiteta por formação tem 24 anos. Também é criadora do *Quarentina*, um Instagram de tirinhas que ilustra as problemáticas envolvendo a quarentena de forma divertida.” (correio braziliense, 15/11/2020, acesso em 08/09/2025) [quarent[a] + ina / quarent[ena] + ina]

quarentiras(qua.ren.ti.ras) 1. Série de tirinhas criadas pelas quadrinistas Carol Ito e Pietro Soldi, publicadas pelas revistas TRip e Tpm, sobre reflexões e angústias relacionadas ao isolamento físico durante a pandemia: “Foi dada a largada para a #Quarentiras, série de tirinhas do Instagram da Tpm (@revistatpm) feita por mim, junto com o quadrinista Pietro Soldi (@pietro.soldi), que vai publicar na Trip (@revistatrip). Toda semana vai ter tirinha nova sobre esses tempos sinistros em que vivemos.” (salsichaemconservawordpress.com, 26/03/2020, acesso em 08/09/2025) [quarentena + tiras]

Figura 17: Quarentiras: carentena



Fonte: <https://salsichaemconserva.wordpress.com/2020/03/26/quarentiras/>

Figura 18: Quarentena em casa



Quadrinho de Carol Ito
(foto: Carol Ito/Divulgação)

quarentini (qua.ren.ti.ni) **sm.** 1 bebida alcoólica de fácil preparo para ser consumida em confraternizações virtuais ou apenas na companhia da família imediata devido a quarentena que impossibilitou reuniões maiores: “Que tal testar seus dotes na alta coquetelaria e provar um verdadeiro “quarentini”?!” (papocomagu, 18/09/2020) [F.: quarent[ena] + [mart]ini]

quarentino (qua.ren.ti.no) 2 personagem dos quadrinhos que representa um herói nordestino cuja missão é convidar as pessoas a se cuidarem contra o coronavírus. O personagem foi criado a partir das palavras quarentena e nordestino: “No dia 30 de julho, às 19h, a Editora CeNE e a Livraria Cultura promovem o lançamento do livro

“**As Aventuras de Quarentino**” (...), que traz uma abordagem em quadrinhos sobre os cuidados e perigos relacionados ao novo Coronavírus.” (publicoa, 25/07/2020) [F.: quarent[ena] + [nordest]ino]

quarentite (qua.ren.ti.te) **sf. 1** reação ao isolamento físico prolongado, caracterizada por irritabilidade, angústia ou depressão: “Mesmo aos mais afortunados, fugir para a casa da praia ou fazenda tornou-se impraticável, deu data de validade as “férias”. Para os mais idosos, a solidão. Aí pode se instalar a “quarentite”.” (osãopaulo 04/07/2020) [F.: quarent[ena] + ite]

quarentreino (qua.ren.trei.no) **sm. 1** atividade física praticada dentro de casa ou do apartamento em virtude da necessidade de manter o distanciamento físico durante a pandemia, muitas vezes realizada com a ajuda de um profissional por meio de vídeos: “QuarenTreino é para você que precisa daquela forcinha, uma companhia divertida e especializada pra treinar em casa! (symppla.com 07/09/2020) [quarent[ena] + treino]

RT sigla para taxa de reprodução. É uma medida instantânea que informa sobre o número médio de casos secundários surgidos a partir de um caso primário num período determinado; número de reprodução da doença: Minas Gerais está atualmente com um RT de 0,93, o que indica certo controle do cenário.” (agenciaminas, 07/08/2020)

sars-CoV-2 (Sars-CoV-2) **sm. 1** betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos: “Remédios para dor e febre podem alterar resposta imune contra o Sars-CoV-2” (06/03/2020)

seiscentão (seis.cen.tão) **sm. 1** auxílio emergencial, no valor de seiscentos reais, concedido pelo governo federal como medida de compensação aos trabalhadores informais, impossibilitados de trabalhar durante a quarentena: “A cena se repete o dia inteiro e todos os dias: longas filas nas ruas onde estão instaladas agências da Caixa Econômica Federal. São centenas de trabalhadores que devido à pandemia de coronavírus se viram sem renda. Essa via crucis acontece desde abril, quando saiu o primeiro lote do auxílio emergencial de R\$ 600, o seiscentão, criado pela Lei 13.982”. (ODia 06 maio 2020. Disponível em:

<https://odia.ig.com.br/economia/2020/08/5970448-peregrinacao-para-sacar-o-seiscentao.html> acesso em 24 março 2025) [F.: seiscent[os] + ão]

sindemia(sin.de.mi.a) **sm. 1** situação em que duas ou mais doenças epidêmicas interagem, potencializando mutuamente seus efeitos. Compreende três tipologias: epidemias mutuamente causais; epidemia interagindo sinergicamente; e epidemias causais em série: “A sindemia é a caracterização de interações biológicas, sociais e econômicas entre a população.” (dasa.com03/12/2020) [F.: sin + demia]

takeaway (take.a.way) **sm. 1** *Angl.* modalidade de serviço gastronômico que consiste no preparo e comércio de refeições que são levadas e consumidas em outro local; literalmente leve embora, para viagem. **2** aplicativo que auxilia na busca de restaurantes que empregam essa modalidade: “Comida Chinesa e Churrasqueira. Rápido, cómodo e delicioso! Possibilidade de pagar em dinheiro ou online. Encomenda aqui ou na nossa Aplicação Takeaway.com!” (takeaway. com)

teletrabalho(te.le.tra.ba.lho) **sm. 1** prestação de serviços predominantemente fora do estabelecimento do empregador, com a utilização de tecnologias de informação e de comunicação que, por sua natureza, não se constituem com trabalho externo; trabalho remoto: “A estimativa feita em 2020, de que a migração do trabalho presencial para o teletrabalho poderia ser adotada em 22,7% das ocupações nacionais, alcançando mais de 20 milhões de pessoas, foi revista para 16,7%.” (agenciabrasil.com 04/03/2022) [F.: tele + trabalho]

telemedicina (te.le.me.di.ci.na) **sf. 1** *Med.* Prática ou serviço de atendimento médico ofertado a pacientes a distância por meio de modernas tecnologias de informação e telecomunicações, tais como telefone fixo, celulares e tablets: “Sancionada pelo presidente em 15 de abril, a lei que autoriza a telemedicina no país vigora “durante a crise causada pelo coronavírus.” (O Globo, 30.06.2020) **2** *Med.* Especialidade médica que disponibiliza serviços a distância para o cuidado com a saúde: “Pandemia faz empresas incluírem telemedicina e terapia em seguro saúde” (Estadão, 05.09.2020) **3** *Med.* Fornecimento de informação e suporte técnico médicos ofertados a outros profissionais da saúde situados em locais diferentes: “Outros médicos acreditam que a telemedicina pode ser útil em municípios remotos da Amazônia, onde muitas vezes um paciente precisa viajar dois dias de barco para conseguir atendimento. Nestes casos, o teleatendimento deveria ocorrer na presença de um médico generalista, no município,

conectado a um especialista em outra ponta.” (Agência Câmara de Notícias, 25.06.2020) **4Med.** conjunto de tecnologias e aplicações que permitem a realização de ações médicas a distância: “Com cautela, os convidados explicaram que telemedicina não se resume a teleconsulta via câmera conectada à internet, mas trata-se de um método para prover cuidado de qualidade, envolvendo exames, aparelhagens e diagnósticos, o que já ocorre em outros países.” (Agência Câmara de Notícias, 25.06.2020) [F.: tele - + medicina][ETIM.:tele, do grego ‘distância’, e medicina, do latim ‘arte de curar’].

teleinterconsulta (te.le.in.ter.con.sul.ta) **sf. 1** Med. modalidade de telemedicina que envolve troca de informações e opiniões entre médicos com ou sem a presença do paciente, para auxílio diagnóstico ou terapêutico, clínico ou cirúrgico: “A Teleinterconsulta já é uma realidade no Programa Médico de Família (PMF) e vem transformando a forma como o cuidado em saúde é prestado aos usuários.” (<https://www.fesaude.niteroi.rj.gov.br>, acesso em 14/11/2025) [F.: tele + inter + consulta]

testar positivo / negativo para v. 1 *Angl.* confirmar-se infecção por covid-19; construção sintética cujo significado é interpretado assim: fez o teste para a covid-19 e o resultado deu positivo: “Saiba o que fazer se você testar positivo para a Covid-19” (cnnbrasil 23/12/2021)

trabalho essencial (tra.ba.lho es.sen.ci.al) **sm. 1** qualquer atividade indispensável para a garantia da subsistência e manutenção da unidade familiar, especialmente sua segurança alimentar: “Bolsonaro quer que o Congresso defina o que é trabalho essencial.” (correiobrasiliense, 18/03/2021)

trabalhador essencial (tra.ba.lha.dor es.sen.ci.al) **sm. 1** profissional que, em virtude da natureza de sua função, foi autorizado pelo governo a continuar trabalhando presencialmente durante a fase de restrição de circulação de pessoas em meio à pandemia do novo coronavírus: “Trabalhador essencial e 'invisível' é maior vítima da pandemia no Brasil. Mortes de motoristas de caminhão e ônibus subiram mais de 400%” (folhauol, 19/07/2021)

Tranca ruas (tran.ca ru.as) **sm. 1** *Rel.* Entidade espiritual da Umbanda, responsável pela limpeza astral dos caminhos do mundo. **2** tradução jocosa de “lockdown”, expressão em inglês que significa bloqueio total ou confinamento: “#TrancaRua: internautas

abrasileiram o termo **'lockdown'**: De acordo com internautas o termo "TrancaRua" faria com que os brasileiros respeitassem melhor as medidas de isolamento." (revistaoeste, 07/05/2020)

Twindemia(twin.de.mi.a) **s.f.** 1 *Angl.* Risco duplo da pandemia da covid-19 em decorrência da consonância com uma temporada de gripe severa: "Israel viu um aumento nos casos de gripe nas últimas semanas, com cerca de 2.000 pessoas hospitalizadas em meio a temores de uma "twindemia" (Correiobraziliense, 02/01/2022) [F.: twuin + demia] [Etim. twin, do inglês gêmeo, demia, do grego povo]

Vacinódromo(va.ci.nó.dro.mo) **s.m.** 1 local amplo preparado para acelerar o processo de vacinação, como um estádio ou um centro de convenções: "Osasco terá na quinta-feira, 22/7, dois vacinódromos para imunização contra a covid-19, um na zona Sul e outro na zona Norte, para atender o público de 30 anos ou mais sem comorbidades". (Osasco.sp.gov.br 21 julho 2021) [F.: vacin[a] + [ó]dromo, lugar onde]

variante (va.ri.an.te) **sf.** 1 forma do vírus que apresenta mutação resultante de erro no processo de duplicação do RNA viral. As variantes podem diferir por uma ou mais mutações: "Oeste Paulista tem oito casos da variante Delta do novo coronavírus, indica Secretaria da Saúde do Estado de SP." (G1, 28.09.2021) [F.: variar + ante]

videoconferência(vi.deo.con.fe.rên.cia) **sf.** 1 reunião realizada remotamente, por meio de tecnologia de comunicação, que possibilita transmissão de áudio e vídeo: "Deppen registra quase 8 mil audiências judiciais por videoconferência em 2021." (aen.pr.gov, 04/03/2022) [F.: vídeo + conferência]

webinar, webnário (we.bi.nar, web.ná.rio) **sm.** 1 *Angl.* seminário realizado inteiramente online com transmissão de áudio e vídeo, em que a interação dos participantes ocorre por meio de chat: "O Webinar "O Poder das Mulheres, Mulheres no Poder", realizado pela TV Anhanguera e G1 Goiás em parceria com a Megasoft, no dia 11/03, na semana em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, repercutiu os 90 anos da conquista do voto feminino no Brasil, celebrado no dia 24/2. " (G1, 16/03/2022) [F.: web + ário]

zoomsm. 1 programa ou aplicativo que possibilita a realização de reuniões online: "Após demitir 900 funcionários pelo Zoom, Better agora afasta mais 3 mil" (CNNbusiness, 08/03/2022)

zumping (zum.ping) sm. ato de terminar um relacionamento amoroso por videochamada, especialmente pela plataforma zoom: “O cara me chamou pra conversar e era para me dar um zumping.” (enapol.com) [F.: do inglês Zoom (plataforma de videoconferência que se popularizou na pandemia) + dumping (descartar, jogar fora)].

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese teve como objetivo investigar a produtividade lexical em um contexto excepcional de crise sanitária, tomando como objeto de análise as formações neológicas surgidas durante a pandemia da Covid-19 no português brasileiro. Partiu-se do pressuposto de que momentos de ruptura social, histórica e simbólica constituem ambientes particularmente férteis para a inovação lexical, uma vez que impõem à comunidade de fala a necessidade urgente de nomear experiências inéditas, reorganizar categorias de sentido e expressar posicionamentos ideológicos diante de um cenário marcado pela incerteza, pelo medo e pela disputa discursiva.

A análise do *corpus* permitiu confirmar que a pandemia atuou como um potente catalisador de processos de criação lexical, ativando tanto mecanismos tradicionais da morfologia do português quanto estratégias consideradas menos produtivas em períodos de relativa estabilidade social. Observou-se que procedimentos como sufixação, prefixação, composição, recomposição, cruzamento vocabular e siglagem não apenas se mantiveram operantes, mas apresentaram níveis elevados de produtividade e criatividade, frequentemente orientados por motivações expressivas, avaliativas e identitárias. Assim, a criação neológica no período pandêmico revelou-se orientada tanto por uma necessidade estritamente denominativa quanto vinculada à construção discursiva do real.

No âmbito da formação de palavras, destacou-se o papel central dos processos não concatenativos, especialmente o cruzamento vocabular, que se mostrou altamente funcional para condensar avaliações, críticas e ironias em unidades lexicais de forte impacto pragmático. As formações analisadas evidenciam que a morfologia, longe de operar de maneira autônoma, articula-se de forma estreita com fatores fonológicos, prosódicos e semânticos, confirmando a relevância de abordagens morfofonêmicas e construcionais para a descrição desses fenômenos. Ademais, os dados reforçam a ideia

de que a produtividade de determinados afixos e esquemas construcionais é sensível ao contexto histórico-discursivo, como se observou, por exemplo, na intensificação do uso do prefixo *anti-* e do sufixo *-er* na demarcação de alinhamentos ideológicos.

Além disso, os resultados alcançados permitem questionar de modo consistente a concepção tradicional segundo a qual determinados processos de formação lexical — notadamente aqueles classificados como não concatenativos — seriam essencialmente idiossincráticos, marginais ou de interesse secundário para a Morfologia. Tal percepção, como se demonstrou ao longo da análise, decorre menos da natureza dos fenômenos em si e mais das limitações impostas por modelos descritivos excessivamente restritivos, centrados em critérios exclusivamente segmentais ou morfossintáticos. Ao adotar perspectivas mais recentes, como a proposta por Gonçalves (2011), que incorporam traços fonológicos e prosódicos à análise morfológica, torna-se possível descrever com maior precisão e sistematicidade formações antes consideradas excepcionais. Essas abordagens evidenciam que processos como o cruzamento vocabular e o truncamento obedecem a princípios estruturais reconhecíveis, revelando regularidades que reforçam sua pertinência teórica e sua relevância para os estudos da formação de palavras.

No que se refere especificamente à produtividade dos processos observados, a pesquisa confirmou que a composição e a derivação, sobretudo a sufixal, continuam a constituir os mecanismos mais frequentemente acionados pelos falantes na criação de neologismos na sincronia atual do português, inclusive em contextos de crise. Todavia, chamou especial atenção a expressiva ocorrência de cruzamentos vocabulares no *corpus* analisado, um dado que contrasta com a tendência de parte da literatura em relegar esse processo a um estatuto periférico ou meramente ocasional. Os resultados indicam que, embora o cruzamento vocabular não seja altamente produtivo em termos de formação lexical estabilizada, revela-se particularmente fecundo em registros informais, na linguagem midiática, publicitária e literária, bem como em práticas discursivas marcadas pela expressividade e pela avaliação. Nesse sentido, a produtividade deve ser compreendida de forma relativa e contextualizada, levando em conta não apenas a frequência de ocorrência, mas também os domínios de uso e as funções comunicativas desempenhadas pelos itens formados. Assim, o cruzamento vocabular afirma-se como um processo legítimo e funcional no repertório morfológico do português contemporâneo, sobretudo quando se consideram as demandas expressivas e discursivas que caracterizam períodos de intensa mobilização social, como o vivido durante a pandemia da Covid-19.

Do ponto de vista discursivo, os neologismos analisados funcionam como índices privilegiados da polarização social que marcou o período. Muitas das unidades lexicais criadas não apenas nomeiam práticas, sujeitos ou eventos, mas operam como rótulos identitários, instrumentos de estigmatização ou estratégias de pertencimento grupal. Nesse sentido, a pandemia evidenciou o papel do léxico como espaço de disputa simbólica, no qual se confrontam visões de mundo antagônicas, frequentemente cristalizadas em palavras de forte carga avaliativa. A análise demonstrou, assim, que os neologismos pandêmicos são inseparáveis das condições de produção que os engendraram, refletindo tensões políticas, científicas, morais e afetivas próprias do período.

No que concerne à Lexicografia, a pesquisa problematizou o estatuto dessas novas unidades no processo de dicionarização. Ao considerar o dicionário como um objeto cultural e histórico, argumentou-se que a inclusão — ou exclusão — de neologismos pandêmicos em obras lexicográficas não é uma decisão neutra, mas envolve critérios de estabilidade, frequência, relevância social e adequação ao público-alvo. Nesse contexto, a análise das macro-, micro- e medioestruturas revelou a necessidade de modelos descritivos flexíveis, capazes de dar conta de itens lexicalmente instáveis, semanticamente complexos e discursivamente marcados. Defendeu-se, ainda, que informações pragmáticas, de uso e de valoração discursiva assumem papel central na descrição lexicográfica de vocábulos surgidos em contextos de crise.

Os resultados obtidos permitem sustentar que a pandemia da Covid-19 não apenas ampliou quantitativamente o léxico, mas também contribuiu para evidenciar, de modo particularmente claro, a natureza dinâmica, histórica e socialmente situada da língua. A produtividade lexical observada confirma que o léxico constitui um espaço privilegiado de interação entre estrutura linguística, experiência social e ação discursiva. Nesse sentido, a tese reafirma a importância de abordagens interdisciplinares que integrem a Morfologia, a Lexicologia, a Lexicografia e os Estudos do Discurso para a compreensão dos processos de criação lexical em contextos extraordinários.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para o avanço dos estudos sobre neologia em língua portuguesa, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos para pesquisas futuras sobre inovação lexical em situações de crise, bem como para reflexões acerca do papel do dicionário na documentação de períodos históricos marcados por transformações profundas. Ao registrar e analisar essas formações, não se documenta apenas a língua em uso, mas também a memória social de um tempo em que o léxico se

mostrou, mais uma vez, um reflexo sensível das formas de viver, sentir e significar o mundo.

7. REFERÊNCIAS

- ABREU, K. N. M. **Um estudo sobre as siglas do português do Brasil**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- ADELSTEIN, A. Metodología de trabajo neológico y tipologías: aspectos de neología semántica. In: ALVES, I. M.; PEREIRA, E. S. (org.). **Neologia das línguas românicas**. São Paulo: Humanitas, 2015.
- AGUSTIN, Santiago; NOUVELIERE, Pereyra. **La filología como método para comprender al *Zeitgeist***. Ponencia apresentada em evento acadêmico. [S. l.: s. n., s. d.].
- ALMEIDA, Maria Lucia Leitão. **Bolsas e cabeças de todos os tipos**. Comunicação apresentada no II Seminário do NEMP. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. Mimeografado.
- ALVES, Ieda Maria. **Formações prefixais no português falado**. In: CARVALHO, A. T. de (org.). **Gramática do português falado: as abordagens**. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1993. p. 383–398.
- ALVES, Ieda Maria. **Um estudo sobre a neologia lexical: os microsistemas prefixais do português contemporâneo**. Tese (Livre-docência em Lexicologia e Terminologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 28, n. 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3681>. Acesso em: 20 set. 2024.
- ALVES, I. M. Prefixos negativos no português falado. In: ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado: níveis de análise linguística**. Campinas: UNICAMP, v. 2. p. 91–100, 2002.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios, 191).
- ALVES, I. M. Uma metodologia para a descrição de neologismos. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (org.). **O fazer científico**. Campinas: Mercado das Letras, 2012.
- ANDERSON, Stephen. **A-morphous morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ANDRADE, Katia Emmerick. **Uma análise otimalista unificada para as mesclas lexicais do português do Brasil**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufrj/posverna/mestrado/AndradeKE.pdf>. Acesso em: 3 out. 2022.
- ANDRADE, Katia Emmerick; RONDININI, Roberto Botelho. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição. **DELTA**, São Paulo, v. 32, n. 4, out./dez. 2016. DOI: 10.1590/0102-445070748582835407.

ARONOFF, Mark. **Word formation in generative grammar**. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Garnier, 1899.

AUGER, P. Néologicit  et extraction néologique automatis e. In: CABRÉ, M. T. et al. (ed.). **Actes del I Congr s Internacional de Neologia de les Llengues Rom niques**. Barcelona: IULA; Documenta Universitaria, 2010.

AURÉLIO, Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio**. Versão 5.0. 3. ed. atualizada. Curitiba: Positivo Informática, 2004.

AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BALLY, Charles. **Traite de stylistique française**. Heidelberg: Carl Winter, 1909.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: **ANAIS do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia**. Brasília, 1990. p. 152–158.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. 3. ed. São Paulo: Pl iade, 1996.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos de formação de palavras no português**. São Paulo: Global, 2007.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. 3. ed. São Paulo:  tica, 1999. (Série Princípios, 88).

BASÍLIO, Margarida. Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 9–18, jul./dez. 2000.

BASÍLIO, Margarida. **Formação de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BASÍLIO, Margarida. O papel da metonímia nos processos de formação de palavras: um estudo dos verbos denominais em português. **Revista da ABRALIN**, v. 6, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/>.

BASÍLIO, Margarida. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. **XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto: APL**, p. 201-210, 2010.

BASILIO, Margarida. O papel da metonímia na morfologia lexical. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 9, n. 5, p. 99-117, 2011.

- BASILIO, Margarida. Metonímia e metáfora em construções lexicais no português do Brasil. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 43, n. 01, p. 382-394, 2014.
- BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português Brasil**. Editora Contexto, 2015.
- BASÍLIO, Margarida. **Estrutura lexicais de português: Uma abordagem gerativa**. Editora Vozes, 2024.
- BAUER, Laurie. **English word-formation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- BAUER, Laurie. Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive? **Linguistics**, v. 36, n. 3, p. 403–422, 1988.
- BAUER, Laurie. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, Wolfgang et al. (org.). **Morphology and its demarcations**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 97–108.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BELCHIOR, Ana Paula Vieira. **A morfologia prosódica circunscrita aplicada ao truncamento no português brasileiro**. 2014. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- BELCHIOR, Ana Paula Vieira. Truncamento. In: GONÇALVES, Carlos Alexandre (org.). **Processos “marginais” de formação de palavras**. Campinas: Pontes, 2016.
- BENEDUZI, R.; BUGUEÑO, F.; FARIAS, V. Avanços na redação de um dicionário de falsos amigos espanhol-português. **Lusorama**, Frankfurt AM Maim, n. 61/62, p. 195-219, 2005.
- BEVILACQUA, Cleci Regina; SILVA, Fernando Moreno da. **Morfologia concatenativa e morfologia não concatenativa: do princípio morfológico ao princípio prosódico**. **Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, n. 60, p. 47-74, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/389>.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 28, suplemento, 1984. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/107589>.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Teoria linguística: teoria lexical e lexicografia. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 34, p. 67–94, 1998.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria P.; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico**. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 13–22

- BISOL, Leda. Matoso Câmara e a palavra prosódica. **DELTA**, São Paulo, v. 20, número especial, 2004. DOI: 10.1590/S0102-44502004000300006.
- BIZZOCHI, Aldo. **Léxico e etimologia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BLACK, J. G. **Microbiologia: fundamentos e perspectivas**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2020.
- BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: Henry Holt, 1933.
- BOOIJ, Geert; RUBACH, Jerzy. Morphological and prosodic domains in lexical phonology. **Phonology Yearbook**, v. 1, p. 1–27, 1984.
- BOOIJ, Geert. Compounding and derivation: evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, Wolfgang et al. (org.). **Morphology and its demarcations**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109–131.
- BOOIJ, Geert. Construction morphology and the lexicon. In: MONTERMINI, Fabio; BOYÉ, Gilles; HARBOUT, Nadia (org.). **Selected proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse**. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2007. p. 34–44.
- BOOIJ, Geert. **Construction morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BOULANGER, K. Néologie et terminologie. **Néologie en marche**, Montréal, v. 4, p. 5–128, 1979.
- BUGUEÑO, Félix Valentin. Problemas medioestruturais em um dicionário de falsos amigos. In: PONGE, Robert (coord.). **Anais do Colóquio Nacional Letras em Diálogo e em Contexto**. Porto Alegre: PPGLet/UFRGS, 2003. p. 1–16.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix Valentin. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 243–260, 2009.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix Valentin; FARIAS, Virginia Sita. Sobre las palabras y su clasificación según su contenido: los problemas para el lexicógrafo. **Revista de Filología de la Universidad de La Laguna**, La Laguna, 2010.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix Valentin; FARIAS, Virginia Sita. Princípios para o desenvolvimento de uma teoria da definição lexicográfica. **ALFA: Revista de Linguística**, Marília, v. 55, n. 1, p. 31–61, 2011.
- BUSSMANN, Hadumod. **Lexikon der Sprachwissenschaft**. Stuttgart: Alfred Kröner, 1983.
- BYBEE, Joan. **Morphology as lexical organization**. In: HAMMOND, Michael; NOONAN, Michael (org.). *Theoretical morphology*. San Diego, CA: Academic Press, 1988.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

BYE, Patrik; SVENONIUS, Peter. Non-concatenative morphology as epiphenomenon. In: TROMMER, Jochen (org.). **The morphology and phonology of exponence**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 427–495.

CABRÉ, M. T. **La terminología: teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Antártida; Empúries, 1993.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão; Prolivro, 1975.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1977.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 45. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1969. (Colección Textos Universitarios, 17).

CONTENTE, Maria M. D. Marques. **Terminocriatividade, sinonímia e equivalência interlinguística em medicina**. Lisboa: Edições Colibri, 2008.

CARONE, Flávia B. **Morfossintaxe**. São Paulo: Ática, 1986.

CORBIN, Danielle. Préfixes et suffixes: du sens aux catégories. **Journal of French Language Studies**, v. 11, n. 1, p. 41–69, 2001.

CORREIA, Margarita; DE LEMOS, Lúcia San Payo. **Inovação lexical em português**. Lisboa: Colibri, 2005.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lúxikon, 2010.

CUNHA, Celso de Almeida da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Tipologia das obras lexicográficas e o léxico histórico do português brasileiro. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 99–114, 2019. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v21i1p99-114.

DE JESUS, Ana Maria Ribeiro. Tipologias dos neologismos: breve percurso histórico. **Neologismos**, p. 54, 2018.

- DUARTE, Paulo Mosânio. **A formação de palavras por prefixo em português**. Fortaleza: Editora da UFC, 1999.
- DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica linguística (dizer e não dizer)**. Tradução de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. São Paulo: Cultrix, 1977.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução por Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- ENGELBERG, Stefan; LEMNITZER, Lothar. **Lexikographie und Wörterbuchbenutzung**. 2. Aufl. Tübingen: Stauffenburg, 2004.
- ETYMONLINE. **Inform – etymology, origin & meaning**. Disponível em: <https://www.etymonline.com>. Acesso em: 4 ago. 2025.
- FALK, I.; DELPHINE, B.; CHRISTOPHE, G. **The Logoscope: a Semi-Automatic Tool for Detecting and Documenting French New Words**. ArXiv, v. 1, out. 2018.
- FARIA, André Luiz. **Análise morfossemântica dos compostos nominais transferenciais**. 2011. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- FARIAS, Virginia Sita. Considerações sobre a redação de glosas em um dicionário de falsos amigos espanhol-português. **Voz das Letras**, Concórdia, n. 11, p. 1–18, 2009. Disponível em: <http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/11/2.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2025.
- FARIAS, Virginia Sita. **Desenho de um dicionário escolar de língua portuguesa**. 2009. 285 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009 b.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; MIOTO, Carlos. Considerações sobre a prefixação. **ReVEL**, v. 7, n. 12, 2009. Disponível em: <http://www.revel.inf.br>.
- FONTANIER, Pierre. **Les figures du discours**. Paris: Flammarion, 1968.
- FOUCAULT, Michel. **Security, territory, population: lectures at the Collège de France, 1977–1978**. Edited by Michel Senellart. Translated by Graham Burchell. London: Palgrave Macmillan, 2007.
- GEERAERTS, Dirk. The definitional practice of dictionaries and the cognitive semantic conception of polysemy. **Lexicographica**, Tübingen, v17, p.6-21, 2001.
- GEERAERTS, Dirk. Meaning and definition. In: STERKENBURG, Piet van (org.). **A practical guide to lexicography**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 83–93.
- GLUCK, Helmut (org.). **Metzler Lexikon Sprache**. 3. Aufl. Stuttgart: Metzler, 2005.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Vitorio. **Flexão e derivação em português**. 1. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005a.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Vitorio. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. **Domínios de Linguagem: Revista Eletrônica de Linguística**, v. 5, n. 2, 2º sem. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Vitorio. Construções truncadas no português do Brasil: das abordagens tradicionais à análise por ranking de restrições. In: COLLISCHONN, Gesela; BATTISTI, Elisa (org.). **Língua e linguagem: perspectivas e investigação**. Porto Alegre: EDUCAT, 2011b. p. 293–327.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. **ReVEL**, edição especial, n. 5, 2011c. Disponível em: <http://www.revel.inf.br>.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Vitorio. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 169–199, 2012. DOI: 10.5433/2237-4876.2012v15n1p169. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/10721>. Acesso em: 6 maio 2025.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Vitorio; ANDRADE, Kátia Emmerick. **El status de los componentes morfológicos y el continuum composición-derivación en portugués**. **Linguística**, Ciudad do México, v. 28, n. 2, p. 119-145, dez. 2012.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; THOMPSON, Heloise Gomes. Uma morfo-mania: análise das construções X-mania por meio de um continuum composição-derivação. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 18–42, 2013. DOI: 10.5007/1984-8412.2013v10n1p18. Acesso em: 31 jul. 2025.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Vitorio. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; PIRES, José Augusto de Oliveira. Uma abordagem construcional para as formações X-dromo do português brasileiro. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 106–126, jan. 2016.

GONÇALVES, C. A. V. **Morfologia** (coleção Linguística para o ensino superior). 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019. v. 1. 165p.

GUILBERT, Louis. Théorie du néologisme. **Cahiers de l'Association Internationale des Études Françaises**, v. 25, p. 9–29, 1972. DOI: 10.3406/caief.1973.1020.

GLÜCK, H. (Hrsg). Metzler lexikon sprache. 3Aufl. Stuttgart:Metzler, 2005.

HAENSCH, Gunther et al. **La lexicografía: de la lexicografía teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982.

HARPER, Douglas. Etymology of *info-*. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/info->. Acesso em: 4 ago. 2025.

HARTMANN, Reinhard R. K.; JAMES, Gregory. **Dictionary of lexicography**. London: Routledge, 2001.

- HEGEL, G. W. F. **Lições sobre a filosofia da história**. Brasília: UnB, 2008.
- HENRIQUES, Claudio César. **Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão monousuário 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JACKENDOFF, Ray. Morphological and semantic regularities in the lexicon. **Language**, v. 51, p. 639–671, 1975. <http://www.jstor.org/stable/412891>.
- JACKSON, Howard. *Lexicography: an introduction*. London: Routledge, 2002.
- JESUS, Ana Maria Ribeiro de. **Tipologias dos neologismos: breve percurso histórico**. Revista GTLex, Uberlândia, v. 4, n. 1, p. 54–67, 2018 (publicado em 2020). DOI: 10.14393/Lex7-v4n1a2018-3.
- JESUS, A. M. R. de. (2021). Princípios metodológicos para a detecção de neologismos da comunicação digital. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, 50(1), 243–261. <https://doi.org/10.21165/el.v50i1.2961>
- KASTOVSKY, Dieter. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McCONCHIE, R. W. et al. (org.). **Selected proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009. p. 1–13.
- KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 2001.
- KEMMER, Susan. **Schemas and lexical blends**. In: CUIJKENS, Hubert et al. (org.). *Motivation in language*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2003.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1990.
- KRIEGER, Maria da Graça. Tipologia de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 4, n. 3, p. 141–147, set./dez. 2006.
- LANDAU, Sidney. **Dictionaries: the art and craft of lexicography**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- LANGACKER, Ronald W. Nouns and verbs. **Language**, p. 53–94, 1987.
- LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987b.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. **Manual de morfologia do português**. 4. ed. rev. e ampl. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- LAZCANO GONZÁLEZ, Rafael. Ambrosio Calepino (1440–1510) y su *Dictionarium latino del saber clásico*. **Analecta Augustiniana**, 2014.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix Valentin; FARIAS, Virginia Sita. Princípios para o desenvolvimento de uma teoria da definição lexicográfica. **ALFA: Revista de Linguística**, Marília, v. 55, n. 1, p. 31–61, 2011.

LEW, R. New ways of indicating meaning in electronic dictionaries: hope or hype? In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON LEXICOGRAPHY AND L@ TEACHING AND LEARNING, 1., 2009. Proceedings... Shanghai Commercial Press, 2009.

LIMA, Bruno Cavalcante. Siglagem. In: GONÇALVES, Carlos Alexandre (org.). **Processos “marginais” de formação de palavras**. Campinas: Pontes, 2016.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

LUDELING, Anke. **Neoclassical word-formation**. Berlin: Universität zu Berlin, 2009.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, Joaquim. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão; Prolivro, 1975.

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, Joaquim. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARTÍNEZ DE SOUSA, José. **Diccionario de lexicografía práctica**. Barcelona: Bibliograf, 1995.

MARTÍNEZ DE SOUSA, José. **Manual básico de lexicografía**. Gijón (Asturias): Ediciones Trea, 2009.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MIRANDA, Félix Bugueño; FARIAS, Virginia Sita. Informações discretas e discriminantes no artigo léxico. **Cadernos de Tradução**, v. 2, n. 18, p. 115–135, 2006.

NAUMANN, Bernd; VOGEL, Irene. Derivation. In: BOOIJ, Geert; LEHMANN, Christian; MUGDAN, Joachim (org.). **Morphology**. Berlin: De Gruyter, 2000. p. 929–942.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

OLÍMPIO, Hilda de Oliveira. Nominalização, memória discursiva e argumentação. **Solettras**, São Gonçalo, ano VI, n. 12, jul./dez. 2006.

OLIVEIRA, Solange Mendes. **Derivação prefixal: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2004.

PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Gunter. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Gunter (org.). **Metonymy in language and thought**. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 1–34.

PEREIRA, CGC. Morfologia construcional e sua aplicação para o entendimento da vida social. **Língua em (dis) curso: pesquisa e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 39-56, 2024.

PEREIRA, Carlos Gustavo Camillo. **Prefixos com contraparte preposicional: um estudo cognitivo-construcional das formas complexas no português**. 2025. Tese (Doutorado em Letras — Letras Vernáculas) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

PETROPOULOU, Evanthia. On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek. **Patras Working Papers in Linguistics**, Atenas, v. 1, p. 40–58, 2009.

PEZATTI, Erotilde Goreti. A gramática da derivação sufixal: os sufixos formadores de substantivos abstratos. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 34, 1990. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/107659>.

POTTIER, Bernard. A definição semântica nos dicionários. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro (org.). **A definição semântica na linguística moderna: o léxico**. Tradução de Maria Ângela Botelho Pereira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p. 21–31.

PRUVOST, J.; SABLAYROLLES, J. F. **Les néologismes**. Paris: Presses Universitaires de France, 2003

RADDEN, Günter; KÖVECSES, Zoltán. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Günter (org.). **Metonymy in language and thought**. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 17–59.

RALLI, Angela. Compound markers and parametric variation. **Sprachtypologie und Universalienforschung (STUF)**, v. 61, n. 1, p. 19–38, 2008.

RALLI, Angela. Compounding versus derivation. In: SCALISE, Sergio; VOGEL, Irene (org.). **The Benjamins handbook of compounding**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

REY, Alain. **Le lexique: images et modèles. Du dictionnaire à la lexicologie**. Paris: Armand Colin, 1977.

RIO-TORTO, Graça et al. **Gramática derivacional do português**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

RODRIGUES-PEREIRA, Renato; ZAVAGLIA, Claudia. Lexicografia: uma ciência interdisciplinar. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 8, 2022/2023.

ROLLEMBERG, Denise; CORDEIRO, Janaina Martins. Revisionismo e negacionismo: controvérsias. **História, Histórias**, v. 9, n. 17, jan./jun. 2021. DOI: 10.26512/rhh.v9i17.36429.

RONDININI, Roberto Botelho. **Formações X-ólogo e X-ógrafo em português: uma análise derivacional**. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2004.

ROSA, Maria Carlota. **É morfologia?** Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, v. 4, 2009.

SALES, José. **Dicionário de elementos gregos**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.

SANDMANN, Antônio José. **Novidades do front da formação de palavras**. Letras, Curitiba, v. 30, p. 54–68, 1987.

SANDMANN, Antônio José. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et Labor; São Paulo: Ícone, 1988.

SANDMANN, Antônio José. **Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio**. Curitiba: Editora da UFPR, 1991.

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia geral**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997a.

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia lexical**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997b.

SANTOS, Alice Pereira. **Para além do significado de aumentativo do sufixo -ão**. In: Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini e Izidoro Blickstein. São Paulo: Cultrix, 1975.

SCHLAEFER, Michael. **Lexikologie und Lexikographie: eine Einführung am Beispiel deutscher Wörterbücher**. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2002.

SECO, Manuel. **Estudios de lexicografía española**. 2. ed. Madrid: Gredos, 2003.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A forma e o uso dos prefixos *pré-* e *pós-* no português falado no sul do Brasil. **Letras de Hoje**, v. 40, n. 3, 2005.

SHARFSTEIN, Joshua M.; KANTER, Gregory P. Preparing for a “twindemic”: the flu and COVID-19. **New England Journal of Medicine**, v. 383, n. 6, e93, 2020.

SILVA, Taís Bopp da. **Formação de palavras compostas em português brasileiro: uma análise de interface**. 2010. 195 f. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SINCLAIR, John (ed.). **Collins COBUILD advanced learner’s dictionary**. Glasgow: HarperCollins, 2003.

SINGER, Merrill. **Introduction to syndemics: a critical systems approach to public and community health**. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.

SINGH, Rajendra. **Trubetzkoy's orphan**. Amsterdam: Springer, 1997.

SMARSARO, Aucione. **Descrição e formalização de palavras compostas do português do Brasil para elaboração de um dicionário eletrônico**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SONCIN, Geovana; TENANI, Luciani Ester. **Frase entoacional no português brasileiro: aspectos prosódicos e estruturais**. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 1–12, 2010.

SONCIN, Geovana; TENANI, Luciani. Variações de F0 e configurações de frase entoacional: análise de estruturas contrastivas. **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, n. 2, Uberlândia, 2016.

THUMB, Jenny. **Dictionary look-up strategies and the bilingual learner's dictionary**. Tübingen: Max Niemeyer, 2004.

ULRICH, Winfried. **Wörterbuch linguistischer Begriffe**. 5. ed. Berlin: Gebrüder Borntraeger, 2002.

VALENTE, André. **A linguagem nossa de cada dia**. Rio de Janeiro: Leviatã Publicações, 1994.

VAZQUEZ, R. P.; GONÇALVES, Carlos Alexandre Vitorio. Fla × Flu no Maraca: uma análise otimalista do truncamento no português do Brasil. In: SILVA, João Paulo da (org.). **Questões de morfossintaxe**. 1. ed. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2005. v. 8, p. 56–64.

VIARO, Mário Eduardo. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos *-eiro/-eira* na língua portuguesa. In: **Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia, sintaxe**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007.

VILLALVA, Alina. **Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

VIVAS, Vítor de Moura. Padrões de flexão verbal. In: GONÇALVES, Carlos Alexandre (org.). **Processos “marginais” de formação de palavras**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

WERNER, Reinhold. Semasiologische und enzyklopädische Definition im Wörterbuch. In: GOETZ, Dieter; HERBST, Thomas (org.). **Theoretische und praktische Probleme der Lexikographie**. München: Max Hueber, 1984. p. 382–407.

WEXLER, Paul. Towards a structural definition of “internationalisms”. **Linguistics**, v. 48, p. 77–92, 1969.

WIEGAND, Herbert Ernst. Der Begriff der Mikrostruktur: Geschichte, Probleme, Perspektiven. In: HAUSMANN, Franz Joseph et al. **Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires: ein internationales Handbuch zur Lexikographie**. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989. v. 1, p. 409–461.

ZAMPONI, Graziela. O determinante demonstrativo em sintagmas nominais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 41, p. 141–148, jul./dez. 2001.

ZAMPONI, Graziela. **Processos de referência: anáforas indiretas e nominalizações**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Inédita.

ZGUSTA, L. Manual of lexicography. Prague: Academia; The Hagen: Mouton, 1971.